Para entender a Rússia Primitiva

Dos varegues escandinavos a Pedro, o Grande

Paulo Ernani
Rezende de Rezende

Libretos

Índice

Capa
Ficha Catalográfica
Prefácio - A Rússia, a russofobia e a história que não conhecemos
Introdução - Rússia versus Ocidente, um conflito de mais de mil anos
Capítulo 1 - Os primeiros habitantes no território da atual Rússia
Capítulo 2 - Os antigos eslavos, habitantes da Planície do Leste Europeu
Capítulo 3 - A chegada dos varegues (escandinavos): a Rus' de Kiev
Capítulo 4 - A narrativa da Campanha de Igor
Capítulo 5 - Novgorod
Capítulo 6 - Batalha do Lago Peipus ou Batalha no Gelo
Capítulo 7 - Invasão tártaro-mongólica da Rus' de Kiev
Capítulo 8 - Os grandes príncipes de Moscou e a organização da Rússia Orienta
Capítulo 9 - A conquista de Kazan por Ivan, o Terrível
Capítulo 10 - Como os italianos construíram o Kremlin e ajudaram Moscou a vencer guerras
Capítulo 11 - Ivan IV: por que o czar russo era tão terrível?
Capítulo 12 - O filme de Eisenstein: Ivan, o Terrível
Capítulo 13 - O tranquilo renascimento islâmico no Tartaristão
Capítulo 14 - A história de Moscou - a Rússia Moscovita
Capítulo 15 - A invasão da República das Duas Nações
Capítulo 16 - A dinastia Romanov
Capítulo 17 - Pedro, o Grande
Capítulo 18 - As lições da Holanda: o Império Russo até a fundação de São Petersburgo
Capítulo 19 - A invasão dos suecos: a Grande Guerra do Norte
Capítulo 20 - As reformas de Pedro, o Grande
Capítulo 21 - As imperatrizes: quatro mulheres governaram a Rússia no século XVIII
Anexo 1 - Por que a Rússia vendeu o Alasca para os Estados Unidos

Anexo 2 - As grafias dos nomes próprios
Anexo 3 - Sobre as fontes históricas que orientam este livro
Bibliografia

Para entender a Rússia Primitiva

Dos varegues escandinavos a Pedro, o Grande

Paulo Ernani
Rezende de Rezende

Libretos

Para entender a Rússia Primitiva

Dos varegues escandinavos
a Pedro, o Grande

Paulo Ernani
Rezende de Rezende

Porto Alegre, 2022

© 2022, Paulo Ernani Rezende de Rezende
Direitos da edição reservados à Libretos.
Permitida somente reprodução parcial, a título de estudos e reportagens, sendo obrigatório referir a fonte.
Edição
Marco Weissheimer
Design gráfico
Clô Barcellos
Imagens nas capas
Vladimir (Familypedia.wikia.com)
Pedro (Wikipedia, retrato por Jean-Marc Nattier, 1717)
Cristo Pantocrator (Depositphotos)
Revisão
Célio Lamb Klein

Grafia segue Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
adotado no Brasil em 2009.

Ofereço este livro a minha querida filha Isabel-Maria Rezende de Rezende,
PhD pela universidade de Michigan (USA), campus Ann-Arbor. Nascida em Leningrado (São Petersburgo) em 8 de agosto de 1966.
O português foi relido e corrigido pelo meu amigo, ex-estudante de Moscou Emerson Pires Leal. Meus agradecimentos para sempre. Sem o Emerson o meu português teria ficado marcado por muitas influências francesas.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881
R467p Rezende, Paulo Ernani Rezende de
Para entender a Rússia Primitiva: Dos
varegues escandinavos a Pedro, o Grande [Recurso eletrônico]. / Paulo Ernani Rezende de Rezende. – Porto Alegre: Libretos, 2023.
Livro digital.
ISBN 978-65-86264-66-1
1. Literatura. 2. História - Rússia. 3. Europa Ocidental. 4. Retrospectiva histórica e cultural . 5. Conflitos. I. Título.
CDD 947
CDU 94(5)
Libretos
Rua Peri Machado, 222/B 707
Bairro Menino Deus, Porto Alegre
90130-130
www.libretos.com.br
libretos@libretos.com.br
@libretoseditora (Facebook e Instagram)

Heródoto de Halicarnasso registra na sua *História* o resultado de suas pesquisas, para que as ações dos homens não sejam apagadas pelo tempo e as grandes e prodigiosas façanhas realizadas, tanto pelos gregos quanto pelos bárbaros, não caiam no esquecimento.

Heródoto (484-425 a. C.) foi um importante historiador da Antiguidade. Foi considerado, pelo filósofo romano Cícero, o Pai da História.

Vladimir I

Vladimir Sviatoslavitch, conhecido como Belo Sol, ou Vladimir I, ou ainda como Vladimir, o Grande, ou São Vladimir, Grande Príncipe da Rússia de Kiev, da dinastia varegue escandinava. Reinou de 980 a 1015. Foi durante seu reinado que a Rússia foi batizada na religião cristã ortodoxa, no final da década de 980 (há controvérsias quanto ao ano exato). Ele é uma das grandes figuras da Rússia de Kiev, tanto do ponto de vista político quanto espiritual. Foi considerado como um santo pela Igreja Católica e pela Igreja Ortodoxa. Em 997, o imperador bizantino Basílio II pediu-lhe ajuda para acabar com a revolta de Bardas Focas (grupos étnicos inimigos) e Vladimir entregou a ele 16.000 guerreiros varangianos escandinavos, recebendo em troca a mão da princesa Anna Porfirogeneta, irmã do imperador bizantino.

Pedro, o Grande

Pedro I, chamado de Pedro, o Grande, foi o czar do Czarado da Rússia de 1682 até a formação do

Império Russo, em 1721, continuando a reinar como Imperador de Todas as Rússias até sua morte. Pedro era o filho mais velho do czar Alexei com sua segunda esposa, Narichikina, vivendo seus primeiros anos tranquilamente até chegar ao trono, com apenas dez anos de idade. Foi importante na modernização e ocidentalização da Rússia, que estava muito defasada em relação às potências da Europa Ocidental. Também deu ao seu país grande poder depois de derrotar a Suécia na Grande Guerra do Norte, marcada pela sua magnífica vitória na Batalha de Poltava, em 1709. Foi o fundador de São Petersburgo.

Para entender a Rússia Primitiva

Ela não pode ser medida, compreender não é suficiente.
Como outros países, ela tem um tamanho diferente.
Em si mesma, só podemos acreditar.

Fiodor Ivanovitch Tiouttchev, 1866

A Rússia é uma charada envolta em um mistério dentro de um enigma.

Winston Churchil

A Rússia beberá o comunismo
como mata-borrão bebe tinta.

Charles de Gaulle

O desaparecimento da URSS foi o maior desastre geopolítico do século XX. Quem não se arrepende não tem coração; quem quer restaurá-la não tem cabeça.

Vladimir Vladimirovitch Putin

200 km
Mar de Barents
SUÉCIA
FINLÂNDIA
NORUEGA
Oslo
Estocolmo
São Petersburgo
Novgorod
ESTÔNIA
Pskov
LETÔNIA
Lago Peipus
Mar Báltico
LITUÂNIA
Kaliningrado
Moscou
Vladimir
Rio Volga
TARTARISTÃO
Kazan
MONTES URAIS
RÚSSIA
HOLANDA
Amsterdã
POLÔNIA
BIELORRÚSSIA
Rio Ural
ALEMANHA
Rio Danúbio
Kiev
Poltava
UCRÂNIA
Volgograd
CAZAQUISTÃO
MONGÓLIA
FRANÇA
ÁUSTRIA
HUNGRIA
ROMÊNIA
CROÁCIA
SÉRVIA
BULGÁRIA
Mar Negro
CRIMEIA
Mar Cáspio
USBEQUISTÃO
QUIRGUISTÃO
ITÁLIA
GEÓRGIA
Constantinopla
AZERBAIJÃO
TURCOMENISTÃO
TAJIQUISTÃO
CHINA
GRÉCIA
TURQUIA
Mar Mediterrâneo
SÍRIA
TUNÍSIA
ISRAEL
IRAQUE
IRÃ
AFEGANISTÃO
JORDÂNIA
PAQUISTÃO
NEPAL
BUTÃO
ARGÉLIA
LÍBIA
EGITO
ÍNDIA
ARÁBIA SAUDITA

Prefácio

A Rússia, a russofobia e a história que não conhecemos

Para entender a Rússia Primitiva – dos varegues escandinavos a Pedro, o Grande, de Paulo Ernani Rezende de Rezende, é um livro de memórias, mas não no sentido tradicional do termo. O autor saiu de Passo Fundo, município localizado na região Norte do Rio Grande do Sul, aos 19 anos de idade, e foi para Moscou, onde cursou Medicina na Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba (UAPPL). Paulo de Rezende viveu sete anos na então capital soviética, de 1960 a 1967, em plena Guerra Fria. Esse período, diz o médico hoje radicado na França, marcou profundamente sua experiência de vida. "A Rússia é a minha juventude. Aos 82 anos, ela está no meu espírito", resume.

A decisão de escrever um livro sobre as origens primitivas da Rússia é, ao mesmo tempo, um tributo a essa experiência e uma tentativa de traçar uma retrospectiva histórica e cultural que ajude a entender os conflitos seculares entre a Rússia e a Europa Ocidental e, mais particularmente, para denunciar a russofobia que se instalou no chamado Ocidente a partir da guerra na Ucrânia.

Essa russofobia latente na história, assinala o autor, explodiu a partir dos acontecimentos na Ucrânia, atingindo também a cultura russa como um todo. "Em breve nos proibirão de ler Tolstoi, Gogol, Tchekhov, Puchkin, Dostoiévski, Blok ou Akhmatova, de ouvir Scriabin, Tchaikovsky, Mussorgsky ou Stravinsky, de assistir aos filmes de Tarkovski. Em breve removerão de nossos museus os ícones e obras de Kandinsky, Vrubel, e na história da dança e dos balés, eles apagarão Diaghilev, Nijinsky ou Massine", escreve.

Ao lançar luz sobre as origens primitivas da formação dessa nação, ele pretende fornecer elementos para que se possa entender um pouco melhor as raízes históricas, culturais e geopolíticas dos conflitos envolvendo a Rússia, a Europa Ocidental e, especialmente, os Estados Unidos, que segue

enxergando a terra dos czares e da Revolução Soviética como um inimigo a ser derrotado. Esse conflito tem séculos de histórias, e o livro de Paulo de Rezende traz uma bem-vinda riqueza de informações que nos ajudam a ter uma visão com uma perspectiva mais ampla sobre os cenários atuais, que ameaçam provocar um conflito internacional de proporções extremamente imprevisíveis e perigosas para a segurança do planeta como um todo.

O livro também nos ensina que nem tudo é conflito na história da relação da Rússia com as principais nações da Europa Ocidental. Há interações, influências e experiências que enriqueceram mutuamente ambos os lados historicamente. A Rússia, destaca o autor, "é um grande povo cuja história está intimamente ligada à da Europa". Ele lembra uma frase de Dostoiévski para reforçar essa ideia: "Cada pedra desta Europa nos é querida". Assim, enfatiza, a história dessa grande civilização e da sua relação com seus vizinhos não pode ser reduzida ao que ocorre hoje na Ucrânia, o que não implica de modo algum minimizar a gravidade desses acontecimentos. O livro nos convida, a cada momento, a usar o conhecimento histórico como antídoto ao ódio e ao preconceito, que são alguns dos motores que alimentam as guerras e o sofrimento humano em todos os tempos.

Uma das histórias fascinantes que Paulo de Rezende nos conta em seu livro – e que ilustra exemplarmente a frase de Dostoiévski ("Cada pedra desta Europa nos é querida") – é a de Pedro, o Grande. Nascido em 1672, Pedro iniciou em 1697, aos 25 anos, uma missão diplomática à Europa Ocidental que foi, na verdade, uma missão de conhecimento e, como destaca Paulo de Rezende, acabaria por definir o futuro de todo Império Russo.

"A Rússia", escreve o autor, "estava atrasada relativamente ao resto da Europa em termos de progresso e inovação". "Cansada das estranhas tradições de seus compatriotas, Pedro sentiu a necessidade de abrir as portas para a sociedade ocidental. Seu objetivo era, assim, conduzir a Rússia a uma era de iluminação para, finalmente, modernizar e ocidentalizar o país. Suas reformas foram a base do sistema estatal russo durante toda uma era, até 1917." Pedro esteve na Holanda, Inglaterra, França e Áustria, entre outros países, e, em cada um deles, seu objetivo principal era aprimorar seus conhecimentos e levá-los para modernizar a Rússia.

Foi assim que nasceu, por exemplo, a "Janela para a Europa" de Pedro: a Veneza do Norte russo, São Petersburgo, fundada em 1703, em uma área

que era disputada com o então Reino da Suécia. Pedro ordenou que a cidade fosse projetada assim como a capital holandesa, Amsterdã, o que resultou nos muitos canais e pontes da nova capital russa. "Tudo em São Petersburgo foi cuidadosamente planejado e projetado com a ajuda de inúmeros arquitetos estrangeiros, muitos deles holandeses e franceses", conta Paulo de Rezende.

Essa é uma das histórias que revelam os laços históricos que conectam russos e europeus ocidentais. É uma história de muitas guerras e conflitos, é verdade, mas não somente isso. Também é uma história de construção de amplas redes de trocas comerciais, de intercâmbios de conhecimentos e culturas, de influências recíprocas. A área da cultura é especialmente destacada pelo autor, pelo processo de "demonização" da cultura russa, alimentado por maldisfarçados interesses econômicos, políticos e geopolíticos.

Em sua obra, Paulo de Rezende nos convida, por alguns instantes, a deixar essa agenda geopolítica de lado e mergulharmos na fascinante história de formação da Rússia, numa caminhada que inicia por volta de 980, com os varegues escandinavos, com os antigos eslavos, da Rus' de Kiev, passando por sua cristianização ortodoxa, vinda de Constantinopla, as invasões tártaro-mongóis, e indo até o início do processo de modernização e consolidação do Império Russo, no século XVIII, com Pedro, o Grande.

Durante cerca de mil anos, nos lembra o autor, a Rússia não pertenceu à civilização ocidental, mas sim à civilização bizantina, constituindo-se como uma sociedade próxima da greco-romana, mas com aspectos distintos. Ao longo de toda essa trajetória apenas um povo conseguiu subjugar temporariamente a Rússia, o tártaro-mongol.

Quem aceitar o convite proposto pelo livro terá a oportunidade de entrar em contato com uma história riquíssima, extremamente complexa e ainda muito pouco conhecida entre nós. Ao decidir contar um pouco sobre a Rússia Primitiva, Paulo de Rezende não só presta uma homenagem ao país que marcou sua juventude e seu espírito, como ajuda a lançar luz sobre um terreno que hoje ainda é marcado pela desinformação, preconceito e falta de conhecimento histórico.

Marco Weissheimer

Jornalista, com bachalerado e
mestrado em Filosofia pela UFRGS,

repórter e editor do *Sul21*

Introdução

Rússia versus Ocidente, um conflito de mais de mil anos

Por que os Estados Unidos e a Europa Ocidental odeiam tanto a Rússia? A difamação do país alcançou proporção sem precedentes na mídia, nos círculos acadêmicos e nas esferas dominantes ocidentais. Para compreender essa implacabilidade, que se intensificou com a crise ucraniana, é preciso remontar aos tempos primitivos.

Uma discriminação absurda. Os russos viram nascer escritores, compositores, dançarinos entre os melhores do mundo. A Rússia é um grande povo cuja história está intimamente ligada à da Europa: "Cada pedra desta Europa nos é querida" (Dostoiévski). É também uma gigantesca civilização que não temos o direito de reduzir aos acontecimentos atuais na Ucrânia. A russofobia, latente até então, explodiu, e a primeira coisa a ser atingida foi a sua cultura. Em março de 2022, um dispositivo incendiário foi lançado na Casa Russa de Ciência e Cultura em Paris: um símbolo. Diante de tais atos, o silêncio da mídia e da maioria dos intelectuais é ensurdecedor. Em breve nos proibirão de ler Tolstoi, Gogol, Tchekhov, Puchkin, Dostoiévski, Blok ou Akhmatova, de ouvir Scriabin, Tchaikovsky, Mussorgsky ou Stravinsky, de assistir aos filmes de Tarkovski. Em breve removerão de nossos museus os ícones e obras de Kandinsky, Vrubel, e na história da dança e dos balés, eles apagarão Diaghilev, Nijinsky ou Massine!

Para compreender essa implacabilidade, é preciso remontar desde os tempos primitivos a um longo caminho da história: os antigos eslavos, a chegada dos varegues (escandinavos), a Rus' de Kiev, sua cristianização ortodoxa vinda de Constantinopla, as invasões tártaro-mongóis, a República das Duas Nações, a invasão dos suecos na Grande Guerra do Norte, alguns dos assuntos que tratamos neste livro.

Durante mil anos, a Rússia não pertenceu à civilização ocidental, mas sim à civilização bizantina. Uma sociedade diferente, próxima da greco-romana, mas com aspectos distintos. Os russos adotaram o cristianismo ortodoxo

oriental bizantino nos fins do século X e depois da captura de Constantinopla pelos turcos em 1453 e a extinção do último vestígio do Império Romano do Oriente. O Grande Principado de Moscou, que se havia convertido no centro do reagrupamento da cristandade ortodoxa russa contra os muçulmanos e latinos, tomou dos gregos a herança bizantina.

"A Europa geográfica", diz Milan Kundera, num artigo publicado na revista *Débat*, "foi sempre dividida em duas partes que evoluíram separadamente: uma ligada à antiga Roma e à Igreja Católica; outra, a Bizâncio e à Igreja Ortodoxa, conectada à Grande Rússia, Pequena Rússia e à Rússia Branca" (Rússia, Ucrânia e Bielorrússia).

Em toda sua história, de mais de um milênio, apenas um Estado conseguiu subjugar temporariamente a Rússia: o tártaro-mongol. Quantos inimigos tentaram invadir e conquistar a Rússia? Trata-se de um período de cerca de mil anos e várias "Rússias" diferentes, incluindo a Rus' Antiga, o Czarado da Moscóvia, o Império Russo e a União Soviética.

Os inimigos vieram de diferentes formas: um império distante do Leste (tártaro-mongol), um Estado militar do Norte (Suécia), vários tiranos com ambições de dominação mundial. Todos eles falharam em conquistar a Rússia, como por exemplo:

1° – Império tártaro-mongol, no séc. XIII;
2° – República das Duas Nações (Lituânia e Polônia), no séc. XVII;
3° – A invasão sueca (Grande Guerra do Norte), no séc. XVIII;
4° – Império francês (Napoleão I), séc XIX;
5° – Alemanha nazista, séc. XX, entre 1941 e 1945.

É preciso igualmente entender todo o processo, desde a chegada dos varegues (escandinavos), nos séculos IX e X, ao que seria a Rus' de Kiev; desde o Principado de Moscou, entre os séculos XIII e XVI, até como foi a influência dos impérios nômades, euroasiáticos, cuja influência é fundamental, além daquela do Império Bizantino.

O fator principal da união da nação Rússia foi o idioma. Os impérios nômades tártaro-mongóis não tinham uma só língua unificada. Falava-se chinês (mandarim), persa, árabe, mongol, etc. Já no Império Russo, a língua comum era o russo, falado também em Baku, na Ucrânia, Bielorrússia, na Ásia Central e nas ilhas Sakalinas, na costa do Pacífico, igualmente.

Bizâncio e sua organização imperial, sua religião cristã ortodoxa e o patriarca de Moscou contribuíram igualmente para unificar a nação russa em formação.

No ano mil, depois que Vladimir I sitiou e ocupou a cidade de Chersonese, na Crimeia, a princesa bizantina Anna foi enviada a Kiev para ocupar o cargo de embaixadora e com ele se casou. Vladimir renunciou ao paganismo (em particular à luxúria, pois era conhecido como *fornicator maximus*) e a suas numerosas concubinas. Ele recebeu o batismo com o nome de Basílio (ritual realizado pelo metropolita de Chersonese ou pelo patriarca de Constantinopla Nicolau II Chrysobergès), impondo a seu povo o cristianismo segundo o ritual bizantino.

Seu batismo foi realizado de acordo com duas tradições: na primeira, Vladimir convidou os representantes das principais religiões conhecidas, do cristianismo de Roma, do cristianismo bizantino ou ortodoxo, do judaísmo e do islã. Ele fez a opção pela ortodoxa, fazendo seu povo batizar-se de acordo com o ritual da mesma. Na segunda tradição, ele pediu o batismo na Crimeia em troca da mão da princesa bizantina.

De acordo com as crônicas russas, um missionário muçulmano foi ao encontro de Vladimir para tentar convertê-lo. Ele falou das maravilhas eternas do Paraíso, onde cada homem receberia setenta esposas. Vladimir ficou convencido sobre essas promessas, mas quando lhe disseram que todo muçulmano deve desistir de tomar vinho, reagiu de pronto: "Beber é a alegria dos russos. Não podemos viver sem esse prazer". O Grande Príncipe recebeu depois uma delegação de católicos romanos. A austeridade do rito – em particular a prática do jejum – fez com que ele rejeitasse a proposta. Ele disse: "Vão embora! Nosso país jamais aceitaria tais princípios". A terceira missão foi a dos judeus khazars. Vladimir queria saber por que os judeus haviam perdido Jerusalém. "É que Deus ficou irado com nossos ancestrais e os espalhou entre os gentios por causa dos nossos pecados", responderam eles.

Vladimir disse então: "Como você espera ensinar aos outros se foram expulsos e espalhados pelas mãos de Deus? Você gostaria que aceitássemos este destino também?". O missionário enviado pelos gregos de Bizâncio deixou Vladimir em dúvida. Seus assessores, que ele enviou para observar as diferentes religiões, relataram a ele que o culto bizantino era "o mais bonito dentre as cerimônias de todas as outras nações". Depois de um ano, ele finalmente concordou em receber o batismo cristão ortodoxo em troca da mão da princesa Anna, irmã do imperador bizantino. A adoção do cristianismo levou à construção de novos edifícios sagrados, com forte apelo

iconográfico de pinturas monumentais.

Essa história tem outras conexões com o Brasil. No inverno de 1962, quando eu era um estudante brasileiro em Moscou, fomos convidados a visitar São Petersburgo. Durante a visita a um museu, o guia nos apresentou várias aquarelas de origem brasileira. Como estas pinturas do Nordeste brasileiro foram parar na Rússia? Foi graças a Pedro, o Grande, que as adquiriu durante sua viagem aos Países Baixos. Na época, o Nordeste brasileiro estava sob dominação holandesa (1624/1654). O Governador do "Brasil Holandês" era o conde Maurício de Nassau. Com a união entre Portugal e Espanha (1580-1640), os holandeses, que estavam em guerra contra a Espanha, acabaram invadindo o Brasil, ocupando as regiões produtoras de açúcar. Em 1637, Maurício de Nassau foi nomeado governador das terras holandesas no Brasil. Além de manter a aliança com os senhores de engenho, trouxe cientistas e artistas para retratar a natureza brasileira. Este foi o primeiro registro cultural sobre a flora e a fauna do Brasil. Pedro adquiriu todas estas aquarelas e até hoje elas continuam em São Petersburgo.

Finalmente, nesta introdução, preciso dizer que vivi em Moscou de 1960 a 1967. A Rússia é a minha juventude. Aos 82 anos, ela está no meu espírito. Pois...

Uma geração vai, e outra geração vem;
porém a terra para sempre permanece.
E nasce o sol, e põe-se o sol,
e volta ao seu lugar onde nasceu.
O vento vai para o sul, e faz o seu giro
para o norte; continuamente vai girando
o vento, e volta fazendo seus circuitos.

Eclesiastes 1, 4-6

Capítulo 1

Os primeiros habitantes no território da atual Rússia

A história da Rússia começa por volta do século VIII d. C., mas seu território não estava desabitado antes disso. Resgatemos o que se conhece hoje sobre os predecessores dos russos nessas terras. A pré-história da região hoje conhecida como Rússia é obscura e cheia de incertezas. Antes do século VI d. C., não havia qualquer documento ou fonte e todas as informações de que dispomos, portanto, vêm de evidências arqueológicas e linguísticas que continuam sendo amplamente debatidas.

O povo indo-europeu da cultura yamna – do IV ao III milênio a. C.

Os povos indo-europeus não eram nem uma raça nem um grupo étnico, mas sim populações que falavam línguas protoindo-europeias. Isso é tudo o que sabemos sobre eles, de acordo com estudos realizados até hoje na área da linguística. No IV ou III milênio a. C., eles viviam nas estepes. Evidências arqueológicas mostram que essas pessoas pertenciam à cultura arqueológica yamna, assim chamada porque enterravam seus mortos em covas e os deitavam com os joelhos dobrados. Dentro desses cemitérios foram encontrados restos de vacas, cavalos e porcos domesticados, bem como alguns objetos antigos, datados de 3.200 a. C.

De acordo com as evidências linguísticas, essas pessoas eram arya, de origem indo-iraniana. Elas estavam localizadas no sudeste da Europa, como é evidenciado pelo fato de que sua língua continha termos para leões, macacos e leopardos. Os cientistas acreditam que a estepe é o lugar onde, no III milênio a. C., os indo-iranianos se dividiram em dois ramos distintos: o primeiro migrou em seguida para o Leste do Mar Cáspio, chegando finalmente à Índia e às regiões ocidentais da China. O segundo ramo, o dos iranianos, migrou para o Sul e Oeste, em direção ao Mar Cáspio e, então, formou seu Estado étnico – o Irã (Pérsia). A palavra "Irã" aparece pela primeira vez como "airiānas" em avestic (uma língua iraniana primitiva),

que significa, literalmente, "a terra dos aryas".

A cultura da cerâmica do II milênio a. C. ocupou uma vasta área da Europa, desde o Reno até a região do Volga. Seus costumes se originaram da cultura yamna e seus habitantes são considerados os ancestrais das tribos bálticas e eslavas. Era caracterizada por duas práticas principais: os homens eram enterrados com um machado de guerra e usavam vários tipos de cerâmica.

Essa cultura protoeuropeia deu origem a muitas subculturas regionais. Esses povos caçavam, domesticavam animais da floresta e frequentemente iam à guerra uns com os outros. De fato, um grande número de machados de batalha foi encontrado nos campos, fora das áreas de sepultamento, indicando possíveis confrontos militares.

Povos urálicos – VI a IV milênio a. C.

Entre os milênios VI e IV a. C., completamente independente dos povos indo-europeus, em algum lugar dos Montes Urais, que separam a Europa da Ásia, surgiram povos que falavam a antiga língua urálica. Sua linguagem incluía palavras para pinheiros, cedros siberianos, renas, zibelinas (martas) – que obviamente descreviam seu ambiente. Eram pescadores e caçadores e usavam redes e represas, bem como arcos e flechas. Ainda não haviam aprendido a domesticar animais, exceto cães. Como meio de transporte, utilizavam barcos e esquis, além de trenós para transportar sua caça. Os povos que falavam o protourálico se dividiram em fino-úgricos e samoédicos. Essas tribos ocuparam a Rússia Central e Centro-leste, bem como a região à Leste dos Montes Urais. Do segundo ao primeiro milênio a. C., eles começaram a comunicar-se com as tribos báltico-eslavas da Europa.

Citas (*scythes*) – primeiro milênio a. C.

Os citas (*scythes*) foram um antigo povo nômade que dominou a estepe pôntica (formação vegetal correspondente ao bioma de pastagens temperadas, savanas e arbustos na Europa Oriental) entre os séculos VII e III a. C.. Eles se distinguiam pelo método de sepultamento de seus guerreiros, que faziam uso da chamada tríade: armas, freios de cavalo e joalheria. A palavra "citas" se traduz aproximadamente como "atiradores (arqueiros)". Eles são amplamente citados em documentos históricos

escritos no Oriente Próximo e na Grécia Antiga, notadamente pelo grego Heródoto, o Pai da História. No século VII a. C., os citas invadiram e dominaram, de acordo com Heródoto, o Oriente Próximo (Israel, Líbano, Síria e Palestina), além de realizarem ocupações também no Oriente Médio (Iraque, Irã e Afeganistão). Sua terra natal, no entanto, permaneceu na região das estepes. Além das conquistas militares, eles praticavam um comércio ativo com o mundo helênico, que envolvia gado, trigo, peles, joias, artigos de luxo e escravos.

Os citas eram uma congregação de tribos chefiadas por reis. Uma de suas capitais estava localizada na região de Zaporoguhie, na Ucrânia contemporânea. Outra capital posterior, chamada Foice de Neápolis, ficava na Península da Crimeia, perto da atual cidade de Simferopol. Este reino tardio, cita, existiu até os séculos III e IV d.C. e foi destruído pelos godos. Ao que tudo indica, os citas dissolveram-se durante as invasões bárbaras dos séculos IV a VI d. C.

Capítulo 2

Os antigos eslavos, habitantes da Planície do Leste Europeu

Muitos povos de diversas etnias migraram para a planície europeia oriental. Porém os eslavos, que chegaram posteriormente, gradualmente se tornaram dominantes. Muito antes da organização da Rússia de Kiev, povos indo-europeus viveram na área que hoje é conhecida como a Ucrânia. O mais conhecido desses grupos foi o dos nômades chamados citas, que ocuparam a região do século VI a. C. até o século II d. C., com grandes habilidades nas guerras, e os hunos, que na cavalaria eram notáveis.

Entre os séculos I e IX d. C., os godos e os nômades hunos, os ávaros e os magiares atravessaram a região em migrações. Apesar de muitos deles terem subjugado os eslavos, as tribos deixaram na região pouca coisa de significativo. Mais importante, nesse período, foi a expansão eslava, pois eram agricultores, criadores de abelhas e também caçadores. No século VI, eles já eram predominantes na Planície do Leste Europeu.

A distribuição das etnias eslavas

Sobre a origem dos povos eslavos pouco se sabe. Filólogos e arqueólogos creem que eles se estabeleceram muito cedo nos Cárpatos ou na região da atual Bielorrússia. Por volta do ano 600 d. C. eles já haviam se separado linguisticamente, em ramos, pela região. Os eslavos do Leste se estabeleceram ao longo do Rio Dniepre, onde é hoje a Ucrânia; posteriormente, se estenderam para o norte do vale do Rio Volga, à Leste da atual cidade de Moscou, e para o Oeste até o Norte das bacias dos rios Dniester e Buga, na atual Moldávia, e ao Sul da Ucrânia. Dos séculos VIII e IX da era cristã, muitas tribos eslavas do Leste pagavam tributo aos khazares, um povo de língua turca que adotou o judaísmo e que viveu ao Sul do Rio Volga.

Eslavos do Leste e os varegues (escandinavos)

Por volta do século IX, guerreiros e comerciantes da Escandinávia,

chamados varegues, já tinham penetrado nas terras eslavas do Leste. Ocasionalmente, eles combatiam o povo local, chamado por eles de rus'. Acredita-se que os termos "russo" e "eslavo" tenham sido cunhados ou adaptados pelos escandinavos, dos quais a terminologia usada atualmente tenha se originado.

Diz a tradição que os russos chamaram os varegues com o seguinte apelo: "Nosso país é grande, mas não há ordem. Venham até nós para nos governar".

Os russos de Kiev

O primeiro Estado eslavo na região foi a Rus' de Kiev. Antigas sagas islandesas e runas chamavam o território russo de "Gardariki", terra das cidades, posteriormente conhecido pelos nomes de Grande Rússia, Pequena Rússia e Rússia Branca. A área de Kiev era considerada como a que tinha o melhor solo para cultivo de todo o país. O território, fora dessas três porções, era visto pelos noruegueses como a terra dos eslavos. Exportações de peles, mel e cera contribuíram para o crescimento de Kiev. As cidades russas rivalizavam com as europeias em tamanho, riqueza e belezas arquitetônicas.

No final dos anos 980, a região adotou o cristianismo bizantino, com a oficialização do batismo dos habitantes de Kiev por São Vladimir. Alguns anos depois, foi introduzido o primeiro código de leis, chamado de *Russkaya Pravda*. Quando comparada com as outras línguas da Europa cristã, nota-se que a língua russa foi pouco influenciada pelo latim dos primeiros escritos cristãos. Isso ocorreu graças ao fato de que o idioma eslavo, chamado de eslavão litúrgico, ter sido diretamente usado na liturgia desde então.

Capítulo 3

A chegada dos varegues (escandinavos): a Rus’ de Kiev

A Rus’ de Kiev foi um Estado fundado por príncipes varegues (escandinavos), que governavam as populações eslavas. Sua riqueza e poder resultaram de sua posição nas rotas de comércio fluvial que ligavam o Mar Báltico com o Mar Negro (Império Bizantino). Sua capital era Kiev. No século IX, seus governantes abandonaram a religião eslava pagã, substituindo-a pela fé cristã ortodoxa. No século XI, as rivalidades entre os descendentes dos governantes causaram a fragmentação do Estado, que foi sucedido por 50 principados, como Novgorod ou Vladimir-Suzdal. Moscou é mencionada pela primeira vez em 1147 sob o nome de Moskva, na *Crônica de Ipatiev*, um dos mais antigos relatos escritos daquela época. O texto relata o encontro de Yuri Dolgoruki, príncipe de Vladimir-Suzdal, com seu aliado, príncipe Sviatosla v-Olgovich de Novgorod-Seversky, no território de Moscou, pertencente a Suzdal.

Em 1156, o filho de Yuri Dolgoruki construiu um forte de madeira em uma pequena colina, com vista para a margem esquerda do Rio Moskva, localizada na confluência com o Rio Neglinnaia, um pequeno riacho cuja água era usada para encher os fossos. A fortaleza estava localizada no local onde se encontra hoje o Kremlin, mas seu perímetro de 510 metros era muito menor do que do palácio atual, que ocupa uma área de 2.230 metros. Uma ponte permitia cruzar a margem direita, baixa e pantanosa, que permanecia desocupada. Nos séculos XI e XII, a área total daquela aldeia não ultrapassava cinco hectares. A cidade continuou sua expansão durante os séculos seguintes, principalmente na margem esquerda do Moskva. Na verdade, a margem direita era uma planície, não apenas inundada quando os rios transbordavam, mas também aberta e suscetível a invasões do sul.

A cristianização da Rus’ de Kiev ocorreu em várias etapas. No início de 867, o patriarca Fócio I, de Constantinopla, escreveu aos outros patriarcas cristãos que os rus’, batizados pelo bispo que ele lhes havia enviado,

"abraçaram o cristianismo com entusiasmo". Os sucessos do patriarca, no entanto, não parecem ter tido um acompanhamento massivo e imediato, pois a *Crônica dos tempos passados,* de Nestor[1], e outras fontes eslavas indicam que os territórios que formaram a Rus' de Kiev no século X permaneceram fiéis à religião pagã eslava por muito tempo. Foi no final dos anos 1000, quando ocorreu a conversão do príncipe Vladimir Sviatoslavitch, de sua família e de seu povo, em Kiev, que os rus' adotaram amplamente o cristianismo.

O começo

De acordo com a tradição ortodoxa, a pregação do cristianismo foi feita pelo apóstolo Andrei nos atuais territórios búlgaro, romeno, ucraniano, bielorrusso e russo. Contornando o Mar Negro, de Constantinopla, cruzando o Danúbio, o Dniester e o Dnieper, ele teria alcançado Chersonnesos, na Crimeia, e, ao longo de sua jornada, convertido milhares de colonos gregos adeptos da mitologia. Em Chersonnesos, ele fora informado de que os rios que ele havia cruzado vinham do Noroeste do continente. Isso o teria feito decidir avançar em sua jornada em direção a Roma. Nessa viagem, teria passado pelo local onde Kiev seria fundada no século III e ido depois para o local onde a cidade de Veliky Novgorod seria erguida. É em referência a essa lenda que a marinha russa até hoje ostenta a cruz de Santo André em sua bandeira, resultado de um decreto emitido em 1690 pelo czar Pedro, o Grande, da Rússia.

Mesmo que esse relato seja parcialmente lendário, as colônias gregas de Pont-Euxin (Mar Negro), tanto na Crimeia quanto ao redor do Mar de Azov, permaneceram por quase um milênio como os principais centros do cristianismo na Europa Oriental. Entre os lugares que gozaram de certa fama, conta-se o mosteiro bizantino de Inkeman – onde se guardavam as relíquias de São Clemente, quarto bispo de Roma (o Papa), até serem transportadas para a Basílica de São Clemente de Latão, em Roma, pelos irmãos São Cirilo e Metódio, que pregaram o cristianismo entre os eslavos do primeiro Império Búlgaro, da Grande Morávia. Deve-se a eles a invenção do alfabeto cirílico, que permitiu traduzir os textos sagrados naquela que é hoje a única língua eslava oral e ainda em uso entre os eslavos ortodoxos. Esse alfabeto deu origem ao alfabeto oficial que hoje vigora na Rússia, Bielorrússia, Ucrânia, Sérvia, Sérvia da Bósnia, Macedônia do Norte,

Bulgária, Moldávia do Dniester e alguns outros países não eslavos da Ásia Central, como Cazaquistão, Uzbequistão e Tajiquistão. Expulsos da Morávia, os discípulos de Cirilo e Metódio continuaram a obra de evangelização nos países eslavos. Tanto a Igreja Católica Romana quanto a Igreja Ortodoxa os consideram "apóstolos dos eslavos".

Século nono

A única fonte que temos sobre o início da cristianização da Rus' no século IX é a carta encíclica do patriarca Fócio I, datada provavelmente de 867. Referindo-se ao cerco de Constantinopla pelos russos em 860, Fócio informou aos patriarcas do Oriente e a seus sufragistas que os búlgaros foram batizados em 863, que logo foram seguidos pela Rus' e que ele havia considerado prudente, como no caso dos búlgaros, enviar-lhes um bispo de Constantinopla. Pode ser, entretanto, que o grupo ao qual o patriarca se referia fosse uma comunidade da Rus' com pouca ou nenhuma conexão com a Rus' de Kiev e vivesse perto do Mar Negro ou do Mar de Azov. De acordo com Dimitri Obolensky, é possível que as primeiras conversões tenham ocorrido logo após o ataque inicial da Rus' a Constantinopla, em 860, e que um primeiro bispo foi enviado em 867, seguido por um arcebispo em 874. No entanto, esta primeira Igreja teria praticamente desaparecido quando os governantes pró-cristãos de Kiev foram substituídos por um grupo de escandinavos do norte da Rus'. No entanto, acredita-se que uma pequena comunidade tenha sobrevivido, a qual cresceu gradualmente até a conversão final sob Vladimir.

Século décimo

De qualquer forma, se o tratado bizantino de 911 presume que os rus' ainda eram pagãos, o de 944 – conforme relatado na *Crônica de Nestor* – refere-se a uma igreja em Kiev e relata que parte dos rus' fez o juramento de acordo com a fé cristã na Igreja de Santo Elias, enquanto o príncipe reinante e outros não cristãos invocavam Perun e Veles, de acordo com a tradição eslava. O panteão dos eslavos orientais era povoado por deuses que representavam as forças do universo: Perun, seu deus principal, com trovões e relâmpagos; Svarog, com o céu; Dajbog, com o sol; Striborg, com o vento, etc. Florestas, águas e outras forças da natureza foram povoadas misteriosamente por entidades do bem ou do mal.

Da mesma forma, nenhuma fonte grega menciona um segundo batismo

da Rus' na década de 990, sugerindo que o país já era cristão. Em 945 ou 957, segundo vários registros, a princesa regente Olga de Kiev visitou Constantinopla na companhia de um padre chamado Gregório. De cerimônias realizadas, ficou uma descrição da imponente recepção que foi concedida a ela.

Segundo a lenda, o imperador Constantino VII se apaixonou pela princesa Olga e com ela quis casar. Porém, ela encontrou uma maneira de evitar aquele casamento, pedindo ao monarca para ser seu padrinho em seu batismo na religião ortodoxa. Depois de batizada, a princesa argumentou que não era apropriado um padrinho se casar com sua afilhada.

Pela tradição, Olga foi batizada em Constantinopla e não em Kiev. A cerimônia não é mencionada em nenhum documento, portanto, nem um nem outro pode ser descartado. A aliança com Constantinopla não parece ter sido muito forte, pois em 959 foi ao imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Otto I, que Olga teria recorrido para obter o envio de um bispo e de padres. Preocupado com a perspectiva de uma aliança entre a Rus' e a Igreja Bizantina, Otto foi rápido em nomear um monge, Libutius, como bispo, no Natal de 959, mas este faleceu em fevereiro de 961, antes de ir para sua diocese. Outro monge, Adalberto de Tréves, foi então escolhido e efetivamente se tornou o primeiro bispo de Kiev. Ele foi, no entanto, expulso pouco depois pelos pagãos.

O filho de Olga, Sviatoslav (963-1072), por sua vez, continuou a adorar Perun e os outros deuses do panteão eslavo e permaneceu pagão ao longo de toda a sua vida. De acordo com a *Crônica dos tempos passados,* considerando-se um guerreiro, temia que seus homens rissem dele se ele se tornasse um cristão. Durante a primeira década do reinado de Vladimir, uma reação à disseminação do cristianismo se estabeleceu; os deuses voltaram a ser adorados e uma imagem de Perun foi erguida em uma colina perto do palácio real, onde altares também foram construídos para os deuses Dajborg, Striborg e Mokosch. Esse mesmo fenômeno também ocorreu em países próximos, onde Jarl Haakon, na Noruega, e, possivelmente, Svent com barba bifurcada, na Dinamarca, encorajaram tal renascimento. Vladimir, no entanto, tentou ir mais longe do que seus vizinhos. Ele continuou muito preocupado com a questão religiosa. Retornando de uma expedição em 983, resolveu oferecer um sacrifício humano para agradecer aos deuses por seu sucesso. O destino quis que o

sacrifício caísse sobre o filho de um varegue que tinha voltado da Grécia e que professava a religião dos bizantinos. Este se recusou a entregar seu filho a deuses de madeira feitos por mãos humanas.

Dois anos depois, Vladimir invadiu os domínios búlgaros (que eram então muçulmanos) e foi instado a se converter e se abster de comer carne de porco e de tomar vinho, com o argumento de que, uma vez no paraíso, poderia "saborear mil delícias com as mulheres". Fortemente libidinoso, Vladimir lhes deu alguma atenção, mas resistiu à tentação, frente à exigência de fazer a circuncisão, pela proibição na alimentação e, acima de tudo, de beber vinho.

Vladimir os ouviu com prazer, mas preferiu não tomar qualquer decisão. Em vez disso, em 987 ele enviou embaixadores para estudar a religião monoteísta dos países vizinhos, para determinar por que eles haviam se convertido àquela que praticavam. Os embaixadores que visitaram os muçulmanos búlgaros voltaram declarando que não existia alegria entre eles e que havia um fedor terrível.

Recebeu também a visita de alemães, de católicos romanos enviados pelo Papa e defendendo os jovens e a moderação no comer e no beber. Eles foram rejeitados com o argumento de que "nossos pais não acreditavam em sua religião". Aqueles que foram enviados aos alemães não viram beleza ali.

Também havia judeus que viviam entre os khazares que tiveram que confessar que sua terra natal havia sido conquistada por causa de seus pecados.

No entanto, aqueles que retornaram de Constantinopla, onde toda a pompa da liturgia ortodoxa foi exibida para eles, só puderam exclamar: "Não tínhamos certeza se não estávamos no céu, pois, na verdade, na terra não se pode encontrar tanta beleza e magnificência".

Capítulo 4

A narrativa da Campanha de Igor

A narrativa *Campanha de Igor* é uma das obras literárias mais antigas dos eslavos orientais, que data do final do século XII – época da Rússia de Kiev. Ela é reivindicada pela literatura russa. Na verdade, a língua original do poema permanece relativamente desconhecida para nós, uma vez que a versão disponível em russo antigo é uma cópia do século XVI, adequada para leitores da região de Moscou na época.

Ela é uma verdadeira epopeia, um poema épico cujo tema se baseia em acontecimentos reais: uma campanha militar liderada em 1185 por Igor Sviatoslavitch, príncipe de Novgorod, contra os kumanos de Kontchak e que terminou em fracasso. Uma cópia manuscrita da obra foi descoberta no Mosteiro da Transfiguração do Salvador na cidade de Yaroslav em 1795 e adquirida pelo conde Alexei Moussine-Puchkin (1744-1817). Uma nova edição data de 1800 e foi destruída durante o incêndio de Moscou que ocorreu em 1812. No início do século XX foi descoberta outra edição, feita para a imperatriz Catarina II, a Grande.

A cópia de 1795 gerou polêmica sobre a autenticidade do texto escrito, o qual envolvia grandes nomes de eslavos russos e europeus, como André Mazon.

Na União Soviética, onde o texto foi tema de uma publicação acadêmica em 1962, traduzido para o russo moderno e acompanhado de comentários detalhados de Dimitri Likhachev, a polêmica assumiu um viés ideológico particularmente violento, pois a dúvida sobre a autenticidade da obra foi entendida como um questionamento dos fundamentos da cultura russa e dos valores do heroísmo e da unidade nacional, que os especialistas oficiais identificavam na epopeia. Assim, devido à tese do historiador soviético Alexandre Zimin, que questionava sua autenticidade, a obra foi proibida de ser publicada. A polêmica só foi resolvida em 2004 pelo linguista Andrei Zalizniak – com a descoberta de fontes arqueológicas inacessíveis aos melhores estudiosos dos séculos XVII e XVIII –, quando demonstrou que o autor tratava com uma linguagem composta, cujos mecanismos internos

não puderam ser reconstruídos até o século XX.

O autor se coloca constantemente em cena, ora para invocar a memória de um predecessor, que se chama Boiane, um poeta mítico, ora para expressar sua admiração ou sua dor. Conta a história de uma expedição do príncipe Igor de Novgorod contra os Polovtsy. Vitorioso no início, Igor sofre um desastre completo em um encontro decisivo e é feito prisioneiro com seus filhos. Não tendo deixado Kiev – os príncipes eram proprietários e, geralmente, enviavam os outros para fora quando se tratava de uma batalha –, Sviatoslav vê a terrível catástrofe em um sonho. Ele ouve o lamento dos vencidos, misturado com o grasnar dos corvos. Ao acordar, informado da realidade, ele ainda não se move, mas envia mensageiros a outros príncipes, seus vizinhos, implorando-lhes que se levantem "pelas terras russas e pelas feridas de Igor". No entanto, nas paredes do Castelo de Putivl, onde está trancada a esposa de Igor, Yaroslavna, ela lamenta "como um cuco solitário ao nascer do sol".

Ela está pronta para partir:

Vou voar como um pássaro em direção ao Danúbio; Vou mergulhar minha manga de lontra na água,
Lavarei as feridas de Igor, de seu corpo poderoso.

Ela implora ao vento, ao sol, à lua para ajudarem Igor.

O resultado é triunfal, embora não muito heroico. Igor e seus filhos escapam da prisão e fogem, assumindo a forma de animais selvagens. Os Polovtsy os perseguem, mas a natureza é cúmplice da sua fuga: os pica-paus, batendo com o bico nos troncos das árvores, indicam o caminho para os donets (habitantes da região que fica às margens do Rio Don); os rouxinóis anunciam-lhe o amanhecer... Ele volta ao lar, e o Danúbio leva a Kiev, pelo mar, a voz das meninas da Rússia cantando a alegria do universo.

O poema da Campanha de Igor há muito é considerado o primeiro texto escrito em russo antigo de Novgorod.

Capítulo 5

Novgorod

Veliky Novgorod, também conhecida como Novgorod, a Grande, ou simplesmente Novgorod (que significa "nova cidade"), é uma das cidades históricas mais antigas da Rússia, com mais de 1.000 anos. Está localizada na rodovia federal M10, que liga Moscou a São Petersburgo, e fica ao longo do Rio Volkhov, em sua saída do Lago Ilmen. Em 1992, a Unesco designou Novgorod como Patrimônio Mundial da Humanidade. De acordo com o censo de 2010, a cidade tinha uma população de 218.717 habitantes.

Ela foi a capital da República de Novgorod e considerada uma das maiores cidades da Europa desde seus primeiros anos de fundação. Sendo a mais antiga cidade russa, foi mencionada nas crônicas do ano de 859. Seu nome em varegue escandinavo (Holmgard) é, portanto, atestado em sagas nórdicas em uma época muito remota. No entanto, é difícil separar o que é real daquilo que se relaciona com a lenda. Presumivelmente, Holmgard se refere apenas à parte sudeste da atual fortaleza, cujo nome é Rurik-Gordanchice. Foi lá que Rurik, considerado o primeiro monarca da Rússia, fundou seu principado. Dados arqueológicos sugerem que Gordanchice era a residência do kniaz (príncipe), tendo como data de fundação a primeira metade do século IX, enquanto a própria cidade foi sendo construída, gradativamente, a partir do final do século IX. Consequentemente, tomou o nome de Novgorod, "nova cidade". Em meados do século X, Novgorod tornou-se uma próspera cidade medieval situada na rota comercial de varegues até os gregos bizantinos, entre o Mar Báltico e o Mar Negro.

Em 882, Oleg, herdeiro de Rurik, transferiu a capital da Rus' para Kiev. Novgorod tornou-se então a segunda cidade da Rus' por sua importância. De acordo com o costume, o filho mais velho e herdeiro do monarca reinante em Kiev tinha de ser enviado a Novgorod para governá-la, mesmo sendo menor. Se não houvesse nenhum descendente do sexo masculino, ela teria de ser governada pelos possadniks (primeiros-ministros). Alguns deles ficariam famosos, tais como os reis vikings Olaf Magnus da Noruega e Haardaa da Noruega, que encontraram refúgio de seus inimigos em Novgorod. De todos os príncipes, os novgorodianos guardam de uma maneira especial a memória de Yaroslav, o Sábio. Este promulgou as

primeiras normas jurídicas (posteriormente incorporadas ao direito russo) e promoveu a construção da Catedral de Santa Sofia. Como um sinal de gratidão pela ajuda dada a ele por Novgorod para derrotar seu irmão mais velho e obter o trono de Kiev, Yaroslav proporcionou muitos privilégios à cidade.

Ela recuperou sua autonomia após o saque no século XII. Na verdade, em 1136 tornou-se uma república autônoma, a República de Novgorod, governada pela assembleia dos cidadãos, que elegia o kniaz (príncipe), bem como outras funções, inclusive eclesiásticas. O vétché[2] se reunia em frente à Catedral de São Nicolau. No século XIII, a cidade fazia parte da Liga Hanseática (liga de comerciantes alemães). Naquela época, Novgorod estava ameaçada pelo avanço de muitos povos do Oeste. De acordo com o historiador Nicholas Riasanovski, entre 1142 e 1446, ela teve que lutar contra os suecos 26 vezes, os Cavaleiros da Espada; depois os Cavaleiros Teutônicos 11 vezes; os lituanos 14 vezes; e os noruegueses 5 vezes. Um dos ataques mais famosos foi o dos Cavaleiros Teutônicos, repelidos pelo príncipe Alexandre Nevski durante a Batalha do Lago Peipus, em 1242.

O comércio durante o século XIV contribuiu para a forte prosperidade da cidade hanseática. Em 1478, ela foi anexada ao governo da Moscóvia por Ivan III, Gran-Príncipe de Moscou. Em seguida, mergulhou em um declínio crescente devido não só à sua dependência do principado de Vladimir-Suzdal para o seu suprimento de grãos, mas também aos massacres de milhares de cidadãos perpetrados pelas tropas de Ivan, o Terrível em 1570.

Durante a II Guerra Mundial, Novgorod sucumbiu aos ataques do exército alemão nazista. Em 15 de agosto de 1941, seus edifícios foram sistematicamente destruídos. O Exército Vermelho libertou a cidade em 19 de janeiro de 1944. Após a guerra, foi restaurada. Seus principais monumentos foram classificados como Patrimônio Mundial da Unesco. Em 1999, a cidade foi oficialmente renomeada Veliky-Novgorod, recuperando seu título medieval de "Senhorio de Novgorod, a Grande". Essa decisão segue a confusão administrativa causada pela mudança de nome da cidade localizada às margens do Rio Volga, Nijni-Novgorod.

A arquitetura das igrejas que se desenvolveram em Novgorod entre os séculos XI e XVI difere das de Kiev, que são revestidas de mosaicos e mármore; a de Vladimir, com fachadas de pedra bordada, e a de Moscou, com exuberante ornamentação. Apresenta qualidades de lógica e

simplicidade. Também se desvia mais livremente do modelo bizantino e consegue uma adaptação às condições locais. Os três principais fatores que afastam a arquitetura de Novgorod dos caminhos traçados por Bizâncio são: o ambiente social, o clima frio e a influência da Alemanha. Novgorod não é uma residência principesca como Kiev ou Constantinopla, mas sim uma república burguesa. Os aspectos de sua arquitetura são, portanto, mais modestos. As igrejas são pequenas, muito sóbrias na ornamentação. Além disso, o clima frio, nevascas e chuvas exigiram arranjos construtivos desconhecidos em países onde a arquitetura bizantina nasceu. As cúpulas em forma de cebola coroam o todo para dar o estilo novo e específico das igrejas de Novgorod. A influência da Alemanha e da Hansa também explica as características específicas das edificações da cidade. Certamente houve pedreiros e arquitetos alemães a trabalhar nas construções dos templos de Novgorod. Talvez os mesmos que construíram nos países bálticos, em Riga e em Reval (agora Talin). Os telhados empregam frisos de arcada cega nas fachadas e as absides de Novgorod provavelmente se originam deles. Ao longo dos séculos, a silhueta desses edifícios por vezes mudou consideravelmente, principalmente no que diz respeito à forma dos telhados e cúpulas.

A arquitetura de Novgorod não produziu obras-primas comparáveis às de Vladimir-Suzdal ou à Catedral de São Basílio, o Abençoado, em Moscou. Mas é nessa cidade que se formaram algumas das características importantes da arquitetura russa. A extrema simplicidade das igrejas é impressionante: a maioria dos edifícios consiste em um cubo, três absides semicirculares e uma ou mais cúpulas sustentadas por quatro pilares. Os rigores do inverno, a ausência de vidros (às vezes substituídos por mica na antiga Rússia) e os volumes a serem aquecidos exigiram a redução do tamanho das janelas. Elas são estreitas, mas fortemente abertas em direção ao interior para permitir a passagem da luz. O clima, devido à abundância de neve e chuva, também não permitiu telhados planos e cúpulas achatadas. Os arquitetos inspiraram-se, portanto, na antiga estrutura de madeira para adotar a cúpula bulbosa e a torre em forma de tenda piramidal. As cúpulas estendem-se até a cruz, que domina todos esses edifícios. A cúpula adquire a forma de um "capacete". Estes são encontrados posteriormente nos edifícios de Vladimir e de Moscou.

As cúpulas podem ser hemisféricas, com o mesmo diâmetro do tambor,

como as da Catedral de São Jorge, em forma de cebola e bulbo.

Capítulo 6

Batalha do Lago Peipus ou Batalha no Gelo

A Batalha do Lago Peipus, em 5 de abril de 1242, entre a Ordem Teutônica (alemã) e o príncipe de Novgorod, Alexandre Nevski, significou uma vitória decisiva para a Rússia. Com o apoio do Papa e do sacro imperador romano-germânico, os Cavaleiros Teutônicos (ou Cavaleiros da Espada) tentaram estender sua dominação usando como pretexto a religião, num avanço para o Leste. Seu foco a partir dali passou a ser Novgorod e muitos outros territórios russos, cuja população era vassala rebelde dos mongóis da Horda de Ouro.

Na esperança de explorar a fraqueza da Rússia, após as invasões mongólicas e suecas, os Cavaleiros Teutônicos ocuparam Pskov e Isbursk no outono de 1240. Ao se aproximarem de Novgorod, os moradores locais lembraram-se do jovem príncipe local, Alexandre Nevski, que estava na casa dos 20 anos e que havia sido extraditado para Pereislavl alguns meses antes. Durante a campanha de 1240, Alexandre conseguiu retomar Pskov. Mas em 1242, os Cavaleiros Teutônicos retomaram a ofensiva após derrotar um destacamento de reconhecimento de Novgorod, 18 km ao Sul da Fortaleza de Dorpat. A guerra seguiu por todo o inverno de 1242, a despeito das condições climáticas complicadas. Na esperança de surpreender o exército de Novgorod, o grão-mestre da Ordem, Hermann von Dorpat, correu o risco de trazer sua força principal de Cavaleiros Teutônicos através da extensão congelada do Lago Peipus, em direção a Pskov. Os cavaleiros germânicos estavam na vanguarda, seguidos por uma milícia da infantaria estoniana. A decisão deveria ser tomada com a ajuda da cavalaria pesada, a rainha das batalhas na época.

Do lado oposto, as forças russas estavam posicionadas nas margens e aguardavam o inimigo. Elas, as forças russas, tinham uma superioridade numérica muito grande, mas isso não assustou os teutônicos, habituados a esse tipo de situação e que contavam sobretudo com a superioridade do seu armamento e do seu valor militar pessoal. O orgulho dos monges-soldados alemães, entretanto, iria causar sua queda. Os russos planejavam manter o

inimigo no lago a todo custo, assegurando firmemente suas posições nas margens. A infantaria deveria receber o primeiro ataque dos Cavaleiros Teutônicos sem recuar. Os arqueiros, aliados mongóis dos russos, comandados pelo irmão de Alexandre Nevski, foram colocados na ala direita e cuidadosamente camuflados. A cavalaria ficou retida na reserva.

Os cavaleiros do príncipe-bispo Hermann von Dorpat atacaram o adversário, mas não conseguiram obter uma vitória imediata. Eles foram atingidos em uma fileira pelas flechas dos mongóis. Os milicianos estonianos assustaram-se e abandonaram o acampamento teutônico, o que não complicou muito mais a situação do agressor alemão. De fato, a cavalaria pesada teutônica parecia levar vantagem sobre a infantaria fracamente protegida dos russos, e Alexandre Nevski deveria lançar toda sua cavalaria para o ataque, visando apoiar sua linha de frente, severamente danificada. Ao contrário da teoria mais conhecida, o gelo do lago na verdade nunca teria quebrado. Donald Ostrovski, autor de *Alexandre Nevski – Batalha sobre o gelo* (1938), atribui esse acréscimo ao filme de Sergei Eisenstein.

Apenas o grão-mestre, alguns bispos e um punhado de cavaleiros conseguiram retornar a Dorpat após a batalha. Quatrocentos cavaleiros da ordem teutônica morreram no combate, que pôs, definitivamente, um fim à expansão alemã em direção à Rússia. Na verdade, pela primeira vez em muito tempo os principados russos foram vitoriosos, e isso teve como consequência a manutenção da cristandade ortodoxa. De fato, os principados russos posicionaram-se naquela época como estados a serem respeitados pelos Cavaleiros Teutônicos, mas pagaram um alto preço pela vitória. Os mongóis e os tártaros varreram então toda a Europa Central e Oriental no mesmo ano. O Principado de Kiev e os reinos da Polônia e Hungria foram devastados. Os russos viram-se sob o jugo dos cavaleiros tártaro-mongóis das estepes. A única cidade da Rússia que não caiu sob o jugo mongol foi Novgorod. Alexandre Nevski proclamou: "Quem vier a nós com uma espada, morrerá pela espada".

Desde então, Alexandre Nevski conseguiu manter a estatura de um herói nacional, embora não pudesse reivindicar o lugar de honra, sendo Dimitri Donskoi considerado o "verdadeiro" libertador de todos os russos. No entanto, esse personagem histórico foi recuperado, na época da URSS, quando o perigo hitleriano estava crescendo, e encenado em um filme épico

de grande porte de Sergei Eisenstein, exibido em 1938, *Alexandre Nevski – Batalha sobre o gelo*. A música, não menos épica, foi composta por Sergei Prokofiev. Em seu lançamento, o filme de Eisenstein foi considerado uma séria advertência à Alemanha nazista, que foi derrotada pela União Soviética em 1945.

Quanto aos Cavaleiros Teutônicos, eles tiveram que recuar no enfrentamento aos russos, tendo seu poder enfraquecido. Eles voltaram todos os seus esforços para a Prússia Oriental, que foi totalmente convertida ao catolicismo e germanizada. Marienburgo e seu castelo tornaram-se então o centro político do novo Estado germânico, em plena expansão na época do combate no lago congelado. Somente em 1410, após a Batalha de Grunwald, o poder alemão foi definitivamente quebrado pelas forças polaco-lituanas, tornando-se a nova grande potência militar da época.

Capítulo 7

Invasão tártaro-mongólica da Rus' de Kiev

A invasão tártaro-mongólica da Rus' de Kiev precede a invasão desses mesmos povos à Europa Ocidental. Foi uma expedição militar organizada pelo Império Mongol durante o século XIII, que levou à destruição de muitas cidades, incluindo Ryázan, Kolonma, Moscou, Vladimir e Kiev. Aquela invasão foi marcada pela Batalha de Kalka, que ocorreu em maio de 1223, a qual significou uma resistência de uma coalizão que reunia os príncipes de Rus', Galicie-Volhynie, Kiev, Chernikov e Smolensk, à cavalaria do Império Mongol. Os mongóis se retiraram após a vitória e só voltaram em 1237, sob as ordens de Batu Khan, que empreendeu a conquista dos territórios da Rus". Em 1241, após a morte de Ogodei Khan, Batu teve de retornar à Mongólia para participar da sucessão do falecido e da eleição do novo khan. Apesar disso, todos os principados de Rus' foram forçados a se submeter aos mongóis e a se juntar ao Império da Horda de Ouro, que governaria a região até 1480. Esse domínio marcou o início do desmembramento da Rus' de Kiev, no século XV, e teve repercussões na história da Europa Oriental que são visíveis até hoje. Desde aquele período, os eslavos orientais foram divididos em três nações, que hoje correspondem à Rússia, Bielorrússia e Ucrânia. Foi graças à destruição total da Rússia de Kiev que o Grande Principado de Moscou conseguiu decolar.

À medida que a Rússia de Kiev foi lentamente se dividindo em uma multidão de principados desde a morte de Yaroslav, o Sábio, ela começou a enfrentar o surgimento inesperado de um poderoso inimigo de regiões distantes do Extremo Oriente. No livro *A história secreta dos mongóis* há um testemunho sobre a invasão e esses misteriosos agressores: "Para a punição de nossos pecados, nações desconhecidas, ninguém sabia de suas origens, de onde vieram ou que religião praticavam. Eles eram conhecidos apenas por Deus, e talvez por alguns homens sábios que aprenderam em seus livros. Os príncipes da Rus' ouviram falar pela primeira vez sobre os guerreiros mongóis". Até então, eles eram conhecidos por sua prática de pilhagem de colonos na fronteira. Mas, ultimamente, esses nômades preferiram

estabelecer relações pacíficas e alertar seus vizinhos eslavos sobre o que os esperava: "Esses terríveis estrangeiros tomaram nosso país e amanhã tomarão os que não vierem nos ajudar". Em resposta, Mitslav, o Calvo, e o velho Mitslav Romanovich aliaram-se e partiram para o Leste para enfrentar o inimigo. Eles foram, no final das contas, derrotados em 1º de abril de 1223 durante a Batalha do Rio Kalka. Mesmo que essa derrota tivesse deixado os principados da Rus' de Kiev à mercê dos invasores, as forças mongóis retiraram-se e desapareceram por 13 anos.

Enquanto isso, os príncipes da Rus' de Kiev começam a brigar e a lutar entre si como se nada tivesse acontecido, até que foram surpreendidos por uma nova força invasora, muito maior do que a vanguarda que os derrotou em Kalka. Em *A história secreta dos mongóis*, há também uma passagem que se refere àquela batalha: "Então Genghis Khan enviou Dorbei, o Orgulhoso, contra a cidade de Merv para conquistar os povos entre o Iraque e a Índia. Ele enviou Subetei, o Bravo, para a guerra no Norte, onde derrotou onze reinos e cruzou o Rio Volga e os rios dos Urais e, finalmente, foi à guerra com Kiev".

Invasão de Batu Khan

O saque e o incêndio de Suzdal por Batu ocorreu em fevereiro de 1238, de acordo com uma crônica do século XVI. No final de 1236, Batu e Subetei cruzaram o Rio Volga à frente de um exército de cerca de 35.000 arqueiros montados e invadiram o khanato búlgaro do Volga (os islâmicos estavam no Volga e ali deixaram marcas de sua religião). Eles levaram um ano para superar a resistência dos búlgaros. Em novembro de 1237, Batu mandou emissários à corte de Yuri II, de Vladimir, para pedir sua submissão. Após seis dias de combates sangrentos, a cidade ficou completamente arrasada. Alarmado com a notícia, Yuri II enviou seus filhos para lutar contra os invasores, mas eles foram derrotados em fevereiro em Kolomna. Depois de incendiar Kolomna e Moscou, os mongóis cercaram Vladimir-Suzdal em 4 de fevereiro de 1238. Três dias depois, a capital do Principado de Vladimir-Suzdal foi tomada, incendiada e arrasada. A família real morreu no incêndio, enquanto Yuri II dirigiu-se para o Norte. Depois de cruzar o Rio Volga, ele organizou um novo exército, que foi totalmente aniquilado pelos mongóis em 4 de março de 1238, durante a Batalha do Rio Sitem.

Batu então dividiu seu exército em unidades menores, que saquearam

quatorze cidades localizadas na Rússia, entre as quais Rostov, Yaroslav, Kostroma, Tver e Torjok. Dispositivos de cerco chineses foram usados pelos mongóis para destruir as povoações. A cidade mais difícil de tomar foi Kozelsk, cujo jovem príncipe Vassili e os habitantes resistiram por sete semanas e mataram 4.000 tártaro-mongóis. As únicas localidades importantes que escaparam da destruição foram Novgorod e Pskov. Essa aniquilação em grande escala causou um fluxo de refugiados do Sul da Rússia.

Em meados de 1238, Batu devastou a Crimeia e "pacificou" a Mordóvia. Durante o inverno de 1239, ele saqueou as cidades de Tchermihiv e Pereeiaslav-Kimelnytski. Após vários dias de cerco, as tropas mongólicas invadiram Kiev em dezembro de 1240. Os mongóis alcançaram o mar afinal, de onde não puderam prosseguir. Logo em seguida, invadiram a Hungria e a Polônia para continuar rumo ao Oeste. Ao príncipe Mickael de Chernikov, último grão-duque de Kiev, Batu ordenou que se curvasse diante de Genghis Khan. Como ele se recusou, os mongóis o mataram a facadas. Ao contrário de 1223, dessa vez os invasores vieram para ficar e construíram sua capital, Sarai, no Baixo Volga. Foi ali que o comandante da Horda de Ouro, nome dado aos territórios ocidentais do Império Mongol, estabeleceu seu acampamento principal (amarelo como ouro: daí o nome Horda de Ouro, designando em mongol um acampamento). Formalmente subservientes ao grande khan – imperador de todos os mongóis estabelecido em Karakorum, na Alta Mongólia –, os khans da Horda de Ouro eram amplamente autônomos. A partir de Sarai, eles reinaram sobre grande parte da Rússia por quase três séculos.

Os russos falam do jugo mongol ou tártaro para designar esse período, que corresponde à opressão que sofreram. A chegada desses invasores nômades da Mongólia foi acompanhada por massacres de populações inteiras, ou por deportações, e seu poder era baseado em repressões ferozes. Moscou foi repetidamente destruída por incêndios e massacres. Nos séculos XIV e XV, as incursões se multiplicaram para tomar populações eslavas, vendidas como escravas ao Império Otomano. Essas incursões esgotaram os recursos humanos e econômicos da Moscóvia e impediram o desenvolvimento dos campos selvagens e das estepes e florestas, que se estendiam do Sul de Moscou até o Mar Negro, onde mais tarde os cossacos desenvolveriam seu poderio. Esses fatos não impediram que durante o

período de dominação mongol a curva do comércio russo com o Oeste aumentasse exponencialmente, assim como seu comércio com o Leste.

Por outro lado, os mongóis e seus aliados tártaros não se estabeleceram em massa no país e tiveram poucas relações diretas com os habitantes. De acordo com as recomendações dadas por Genghis Khan a seus filhos, eles deveriam manter seu estilo de vida pastoral. Consequentemente, os habitantes locais, fazendeiros ou as populações das cidades não seriam perturbados em suas ocupações normais. Os impostos e tributos seriam geralmente cobrados pelos príncipes locais, que os repassariam aos mongóis, que eram tolerantes no que dizia respeito às questões religiosas. Quando chegaram eram xamanistas, sem fanatismo. Depois de adotar o Islã, eles permaneceram relativamente tolerantes.

Assim, Berké, o primeiro khan a se converter ao Islã, não se opôs ao estabelecimento de um bispado cristão em sua capital. Meio século depois, Nogai, um poderoso governante mongol e fazedor de reis, casou-se com uma filha do imperador bizantino e deu sua própria filha em casamento a um príncipe russo, Teodoro. Essa tolerância foi usada por historiadores revisionistas russos, ideólogos do eurasianismo, como Lev Goumilev. Segundo eles, os príncipes da Rússia teriam firmado uma aliança defensiva com a Horda de Ouro para repelir os ataques dos fanáticos Cavaleiros Teutônicos alemães, os quais efetivamente ameaçavam seu poder e, segundo esses historiadores, representavam uma ameaça à religião ortodoxa e aos russos, com uma cultura maior do que a dos mongóis. Alexandre Nevski, quando já era subserviente aos mongóis, recebeu deles um apoio militar que lhe permitiu vencer a famosa Batalha de Gelo contra os Cavaleiros Teutônicos e alcançou grande popularidade na Rússia.

Esses pontos representam o "lado bom" do domínio tártaro, mas também têm seu lado sombrio. Enquanto uma grande horda nômade estivesse acampada na fronteira, a Rus' poderia ser invadida a qualquer momento. Felizmente, essas invasões não eram frequentes, mas quando ocorriam, causavam uma grande devastação e sofrimento. No intervalo entre dois ataques, as pessoas teriam de pagar um tributo com valor fixo. Inicialmente, era cobrado de forma mais ou menos estrita pelos cobradores de impostos tártaros, sem regra ou base tributária fixa. Somente em 1259 é que o cálculo do tributo passou a basear-se em um censo populacional.

A influência da invasão mongol nos territórios da Rus' de Kiev foi

desigual. Colin Everdy, em seu *Atlas de história da população mundial,* de 1978, estima que a população da Rússia diminuiu de 7,5 milhões, antes das invasões, para 7 milhões. Grandes centros urbanos, como Kiev, levaram séculos para se reconstruir e se recuperar da devastação provocada pelo ataque inicial. A República de Novgorod continuou a prosperar, e novas entidades, como as cidades rivais de Moscou e Tver, começaram a florescer sob a tutela dos mongóis. O domínio de Moscou no Norte e no Leste da Rússia pode ser atribuído, em grande parte, aos agressores. Quando o príncipe de Tver se juntou a uma rebelião contra os mongóis em 1327, seu rival, o príncipe Ivan I de Moscou, uniu-se aos invasores e esmagou Tver, devastando suas terras. Ao fazer isso, ele eliminou seu rival e permitiu que a Igreja Ortodoxa Russa transferisse sua sede para Moscou. Além disso, os mongóis concederam a ele o título de Grande Príncipe de Moscou. Como tal, tornou-se o principal intermediário entre os senhores mongóis e os principados russos, que passaram a pagar tributo adicional aos governantes de Moscou.

Embora os mongóis frequentemente atacassem outras partes da Rus', eles tendiam a respeitar as terras controladas por seus principais colaboradores. Essa segurança, por sua vez, atraiu os nobres e seus servos, que buscavam estabelecer-se num abrigo relativo, representado pelas terras controladas por Moscou.

Mesmo que as forças russas tenham derrotado a Horda de Ouro na Batalha de Kulikovo em 1380, o domínio mongol persistiu em várias partes dos territórios da Rus', através da cobrança de tributos. Esse controle não cessou integralmente até mesmo depois da batalha no Rio Ougra, em 1480: durante o confronto, um exército liderado por Ivan III, da Rússia, e o exército tártaro de Akhmat Khan, enfrentaram-se, sem se atacar. Finalmente, Akhmat retirou-se.

Alguns historiadores argumentam que sem a destruição da Rus' de Kiev pela Mongólia, a Rússia não teria sido unificada pelos czares e, portanto, nunca teria existido um Império Russo. Sem entrar em extrapolações perigosas, deve-se notar que é pelo fato de que as rotas comerciais para o Leste cruzavam o território da Rússia que ela se tornou um centro comercial entre Leste e Oeste. A influência da Mongólia, embora destrutiva para seus inimigos, teve um efeito significativo de longo prazo no surgimento e desenvolvimento da Grande Rússia, Pequena Rússia (Ucrânia) e

Bielorrússia.

Entre os principados da Rus' de Kiev citamos os de Vladimir-Suzdal, Smolensk, Tchernigov e Riázan, anexados ao Principado de Moscou em 1521, sendo o Grande Príncipe de Moscou, Ivan III, conhecido como Ivan, o Grande. Os historiadores têm debatido a influência de longo prazo da hegemonia mongol na sociedade da Rus'. Os mongóis foram acusados de destruir a Rus' de Kiev, de dividir o antigo povo russo em três entidades e de introduzir o conceito de "despotismo oriental". Certos estudiosos atribuem ao regime mongol um papel importante no desenvolvimento da Moscóvia como Estado. Foi no âmbito dessa ocupação, por exemplo, que Moscou desenvolveu sua hierarquia social conhecida como "mestniechestvo", com sua rede postal, seu censo, o sistema tributário e a organização de um forte exército.

Durante o período do domínio mongol sobre a Rússia, importantes contatos culturais e interpessoais aconteceram entre as classes dominantes russa e dos invasores. Em 1450, a língua tártara estava na moda na corte do Grande Príncipe de Moscou. Vassili II foi acusado de amar os tártaros e seu idioma. No entanto, ele não foi o único a fazer isso e muitos senhores russos adotaram nomes de origem tártara. Por exemplo, um membro da família Veliamanov adotou o nome turco "Aksak" e seus descendentes são os Axakovs. Muitas famílias russas cristãs boiardas são descendentes de mongóis ou tártaros. Entre essas estão os Veliaminov-Zernovs, o czar Boris Godunov, Arseniev, Bulgakov. Em uma pesquisa com famílias nobres cristãs russas no século XVII, descobriu-se que mais de 15% tinham origens tártaras ou orientais.

Os mongóis trouxeram mudanças no poder econômico dos estados russos e no comércio global, e até mesmo na esfera religiosa. Assim, São Paphnutius de Borovsk é neto de um cobrador de impostos da Mongólia, enquanto um sobrinho do khan Bergai, da Horda de Ouro, converteu-se ao cristianismo e tornou-se o monge São Pedro Tsarevich da Horda. Na esfera judicial, foi sob a influência mongol que a pena de morte, reservada aos escravos da Rus' de Kiev, generalizou-se e o uso da tortura passou a fazer parte do processo penal. Dentre as punições específicas introduzidas em Moscou pelos mongóis incluem-se a decapitação de suspeitos de traição e a marca nos ladrões. Se os últimos reincidissem, seriam executados após sua terceira prisão.

Capítulo 8

Os grandes príncipes de Moscou e a organização da Rússia Oriental

Ivan IV ou Ivan, o Terrível (1530-1584), grão-príncipe de Moscou, foi o primeiro governante russo a assumir formalmente o título de czar. Ivan sucedeu seu pai, Vassili III, que morreu em 1533, sob a regência de sua mãe. Após a morte da matriarca, a regência foi alternada entre vários boiardos[3]. O governo desses terminou em 1546, quando Ivan anunciou sua intenção de se tornar czar, sendo coroado em 1547. Como czar, Ivan estabeleceu a autocracia czarista. Nos primeiros anos de seu reinado, ele reduziu os poderes autoritários dos governadores boiardos nas províncias, transferindo suas funções a oficiais localmente eleitos. A antiga formação do conselho dos boiardos foi substituída por um "conselho escolhido", constituído por membros selecionados pelo czar.

Em 1566, Ivan convocou o que, provavelmente, foi o primeiro conselho geral do reino, composto por representantes de diferentes posições sociais, incluindo comerciantes e a baixa nobreza. Após reorganizar o exército, o czar conquistou Kazan e Astrakhan, inaugurando a expansão russa para o Leste. A conquista da Sibéria pelo cossaco Yermak ocorreu no fim de seu reinado.

Na guerra contra a Polônia e a Suécia, ele foi inicialmente bem-sucedido, mas acabou sendo derrotado ao final. Os tratados de paz o forçaram a renunciar aos territórios conquistados e a ceder uma área adicional à Suécia. Nos anos posteriores, o caráter tirânico de Ivan aumentou. Muitos boiardos foram exilados ou executados. Os ataques de raiva se alternavam com períodos de arrependimento e oração. Em um de seus acessos de fúria, ele matou seu filho e herdeiro, Ivan. O czar morreu no dia 18 de março de 1584.

Capítulo 9

A conquista de Kazan por Ivan, o Terrível

A conquista de Kazan culminou numa estratégia de longo prazo do Grande Principado de Moscou, de Ivan, o Terrível, que se tornou o czar da Rússia em 1547. A luta contra o khanato de Kazan já havia começado na década de 1360, mas com sucessos incertos, fazendo com que ambos os lados pensassem que tinham alcançado seus objetivos nesses confrontos. As relações entre russos e kazares deterioraram-se visivelmente na primeira metade do século XVI.

Os avanços do Império Otomano no Litoral Norte do Mar Negro e no Cáucaso e sua nova onda de expansão na Europa, nos Bálcãs, favoreceram um enfraquecimento na relação de vassalagem estabelecida entre o khanato e Moscou. Os tártaros fizeram incursões no território russo, venderam cativos como escravos na Crimeia, nos países ocidentais e no Mediterrâneo. Entre 1534 e 1545, o khanato realizou investidas devastadoras todos os anos no Leste e Nordeste. Motivações econômicas, principalmente a aspiração a um comércio livre em todas as estradas do Volga, cuja importância crescia para os mercadores de Moscou, também empurraram o jovem czar para a guerra.

A mudança da dinastia para Kazan contava com o apoio de parte da nobreza tártara, de representantes dos mordazes e de outros povos ligados por relações feudais ou de submissão às autoridades do khanato. Esse apoio foi muito influente e ficou cada vez mais forte, apoio que inclinou a balança de poder para o lado do czar.

Preparativos e trajeto em direção a Kazan

Para se proteger dos tártaros, os russos construíram a Fortaleza de Vassilsoursk em 1524. Sob Vassili III, as fortificações de Termnikov foram consolidadas; elas constituíram um ponto de apoio para os russos na margem direita do Rio Volga. Até 1545 a 1552, o poder russo organizou uma série de campanhas contra Kazan. Foram muito caras, na medida em que as bases (Nijni-Novgorod, Arzamas) ficavam muito longe do teatro de

operações.

Em 1546, após o sucesso da campanha russa do ano anterior, os chuvach – junto com os maris das colinas – levantaram-se contra o poder tártaro de Kazan. Os embaixadores chuvach, Mehmet Bozoubov e Akhkoubek foram enviados a Ivan, o Terrível, oferecendo-se para tornarem-se cidadãos russos, sob a condição de terem direitos e liberdades estendidos e ampliados. Os russos concordaram imediatamente, mas não cumpririam com sua promessa. O governo russo, portanto, precisava de uma base localizada nas imediações de Kazan. Em 1551, sob a égide do engenheiro militar russo Ivan Virodkov, a Fortaleza de Sviajsk foi construída em 28 dias, com elementos pré-fabricados, embora a praça tivesse sido sitiada por Kazan.

Ao contrário dos cercos anteriores, os exércitos russos estavam se preparando metodicamente, planejando até mesmo passar o inverno fora dos muros da cidade. A preparação para a campanha de 1552 começou na primavera, quando os regimentos de vanguarda, comandados por Alexandre Chucky, já estavam em Sviajsk. Em 16 de junho de 1552, após uma revisão detalhada, o exército do czar deixou Moscou, partindo para Kolomna. Para impedir o avanço das tropas em direção a Kazan, regimentos tártaros da Crimeia, reforçados por janízaros[4] e artilharia, atacaram de surpresa as forças russas em frente a Tula. Mas esse ataque foi repelido e a retaguarda tártara foi derrotada. A explicação geralmente dada para o fracasso dos tártaros é que o khan Dévier-Giray acreditava que o exército russo já estava em Kazan e que não estaria preparado para um confronto com um exército daquele tamanho.

Os russos então avançaram até Kazan com vários regimentos. O próprio czar, à frente do corpo principal das tropas, fez seu caminho de Kolomna a Vladimir II. Depois, juntou-se aos regimentos tártaros comandados pelo khan Chakh. A força das tropas tártaras que chegaram com o khan, de acordo com indicações da *Crônica de Kazan*, mas não confirmadas por outras fontes, era de cerca de 30.000 homens. Entre eles estavam dois czarevichs do khanato de Astrakhan.

Atravessando o Rio Volga e batalhando na frente de Kazan

Por ordem do czar, em 15 de agosto de 1552, os exércitos russos cruzaram o Volga em formação de guerra, com navios especialmente

equipados, e posicionaram-se na margem oposta, a dos "Prados". Informado sobre os movimentos inimigos, o khan de Kazan foi de encontro a eles com cerca de 10.000 soldados. A cavalaria ligeira e a vanguarda russas conseguiram contê-los e, após batalhas sangrentas, derrubaram as tropas de Kazan, que, embora fossem superiores em número, acabaram fugindo. Graças a essa vitória, o exército russo pôde estabelecer-se livremente do outro lado, em uma semana, sem se preocupar com uma nova tentativa dos defensores da cidade.

Em 16 de agosto, Kamai Ousseinov colocou-se a serviço de Ivan, o Terrível, com seu séquito cossaco, e deu-lhe informações sobre a composição dos exércitos tártaros. Em 17 de agosto, o próprio czar cruzou o Volga e posicionou suas tropas na planície de Arsk, localidade que fica na periferia de Kazan. Lá, ele tomou as decisões sobre os arranjos para o cerco.

Tropas e um grande armamento foram envolvidos no cerco. De acordo com a *Crônica de Kazan*, a força dos exércitos russos era de 150.000 combatentes, excedendo em muito a dos kasares sitiados (60.000). Esses dois números são, no entanto, muito exagerados, de acordo com historiadores contemporâneos. As capacidades mobilizadas pelo czar russo não permitiriam, de fato, reunir um grande número de tropas, e o mesmo aconteceu com o khanato de Kazan, especialmente porque parte de sua população não estava envolvida no conflito.

A cidade foi cercada no dia 23 de agosto de 1552, e todas as tentativas dos sitiados para quebrar o cerco foram infrutíferas. A linha de cerco tinha 7 km de extensão. O regimento da ala direita de Chacha-Ali, de vanguarda tártaro, estava posicionado em frente dos portões de Novais; o regimento de cavalaria leve posicionou-se em frente à porta de Mouraliev, e o regimento da ala esquerda, em frente à porta do czar. As reservas russas começaram, com a ajuda de engenheiros italianos, a construir torres ao redor da cidade sitiada, em frente a cada portão.

Entre os portões do czar e de Arsk, na região de Kazan, os russos montaram dez exércitos de grande e médio porte, e Ivan Virodkov ergueu uma torre de cerca de 13 metros de altura durante a noite. Ela podia ser empurrada contra as paredes e permitia abrir fogo diretamente nas ruas da cidade de Kazan. O bombardeio de Kazan começou em 27 de agosto de 1552. Os kazares não tinham canhões equivalentes aos dos russos e sua artilharia sofreu graves perdas. Em 4 de setembro, os russos detonaram uma

mina perto do portão de Mouraliev, sob as fontes, dentro da cidade. Embora a operação tenha sido bem-sucedida, seu objetivo não foi alcançado, pois ainda existiam muitos reservatórios na cidade onde os moradores podiam obter água potável. Mas, com a perda do principal recurso hídrico da cidade, as doenças começaram a se espalhar.

Em 6 de setembro, as tropas russas iniciaram uma campanha contra Arsk e foram perseguidas pelo príncipe tártaro Apantcha. Uma grande parte das tropas do czar era composta por fuzileiros a pé e sapadores[5] mordovianos. Eles eram objeto de escaramuças que os colocavam em dificuldades. No entanto, Arsk foi tomada e os russos assumiram o controle dos seus arredores, arrebanhando muitos prisioneiros e gado. Durante esse episódio, após chuvas torrenciais e rajadas de vento, um grande número de navios russos naufragou com sua carga, privando os exércitos de uma parte significativa de suas reservas alimentares. Inesperadamente, um exército de cossacos do Rio Don juntou-se aos sitiantes. Era comandado pelo ataman Soussar Feodorov, que ofereceu seus serviços ao czar de Moscou. A chegada dos cossacos causou pânico entre os mongóis, que acenderam fogueiras no acampamento. No crepúsculo, o número tártaro-mongois deixou claro que se tratava de forças importantes, e isso preocupava a ambos, sitiados e atacantes. Os mongois foram obrigados a enviar espiões à noite para descobrir de onde vinham essas forças desconhecidas. Voltando, eles apenas ficaram intrigados e passaram a descrever a estranheza e até mesmo o caráter assustador das tropas cossacas: antes de partir, eles mataram todos os tipos de pássaros nos canaviais do Rio Don e se adornaram com plumas as roupas.

Assalto decisivo contra Kazan

As tropas russas prepararam-se cuidadosamente para o ataque decisivo. Em 26 de setembro, elas avançaram as torres de cerco para perto dos portões de Arsk, junto de Kazan. O czar participou do ataque e, entre ele e as fortificações, permaneceu apenas o espaço das valas, que foi preenchido com terra e madeira em vários locais. Mas os kazares sitiados construíram imediatamente várias saídas para atacar as torres que estavam em mãos dos russos. Durante um dos ataques, eles conseguiram colocar seus servos em fuga. Na outra saída, à porta de Zboilov, não teve o resultado esperado.

Em 30 de setembro, engenheiros russos detonaram uma nova mina sob

as muralhas, que desabaram. As paredes, portas e passagens de madeira foram incendiadas, o que abriu grandes brechas. Os atacantes conseguiram se firmar na cidade e se refugiar na torre, nas muralhas e no portão de Arsk. O czar recusou-se, no entanto, a ordenar o ataque final. Durante os dois dias seguintes, as tropas russas aguardaram o adversário, protegidas por barricadas. Em 1º de outubro, os defensores da cidade novamente recusaram-se a depor as armas.

Assalto e captura de Kazan, em 2 de outubro de 1552

O ataque ocorreu após uma nova explosão de minas no centro de Kazan, e os cossacos foram os primeiros a invadir. No entanto, exaustos pelo longo cerco e pela resistência obstinada dos sitiados, alguns dos soldados russos, de forma relutante, foram para a batalha. Os kazares defenderam-se em boa ordem com bravura e a luta nos telhados das casas e nas ruas da cidade foi sangrenta e violenta.

O assalto russo terminou com o início da pilhagem da cidade, apesar da proscrição do czar, como a seguinte: "Os covardes, que simulavam ferimentos ou mortes, os criados, os saqueadores". Os kazares recuperaram a vantagem, fazendo com que os saqueadores fugissem. O comando russo ordenou matar os fugitivos e os saqueadores. Essa medida permitiu estancar o pânico, permitindo que o assalto russo reiniciasse. Os confrontos continuaram dentro do Kremlin de Kazan. Os defensores da mesquita do Palácio de Khan foram liderados pelo imã Kul Charif. Kazan caiu e o khan foi feito prisioneiro.

De acordo com antigas fontes russas (*O livro do czar*; *Crônica de Kazan*; e *A história do Grande Principado de Moscou*, do historiador Andrei Kurbski), os kazares foram executados e as mulheres e crianças distribuídas para os soldados russos: "O sangue tártaro fluía em uma torrente e era difícil avançar entre os cadáveres. Eles se acumulavam nas margens do Rio Kazanka, em frente ao Kremlin de Kazan, nas ravinas[6] e nas valas das fortificações". Os kazares foram reunidos além dos subúrbios, nas margens do Lago Kaban, onde o distrito do Velho-Sloboda Tatar seria fundado.

Resultados da captura de Kazan

Após a conquista de Kazan, vários povos foram incorporados à Rússia, além dos tártaros, que antes estavam sob o domínio do khanato de Kazan e

passaram para o lado do czar. Foi a primeira das principais campanhas militares que os Principados Russos realizaram fora de suas próprias fronteiras. As capitais dos khanatos de Astrakhan e Sibir (Sibéria) foram tomadas em 1556 e 1582, respectivamente. Houve uma resistência considerável, no entanto os territórios rebeldes ao redor de Kazan escaparam do controle russo entre 1552 e 1556.

De acordo com o russólogo francês Émile Hautmant, em um artigo de 1919, "a captura de Kazan chegou bem a tempo de impedir a formação, na junção dos rios Volga e do Kama, de um grande Estado tártaro-muçulmano que teria o poder de cortar as ligações dos russos com o Sudeste e impedir a formação de uma 'Rússia Asiática' dominada pelos muçulmanos".

O apoio dos camponeses tártaros de Kazan à revolta de Pugatchev[7] foi importante e a cidade seria mesmo tomada pelos rebeldes. Em 1569, uma campanha liderada pelo governador geral de Kefe (cidade do Império Otomano) e apoiada pelos tártaros da Crimeia visava à unificação dos khanatos de Kazan e Astrakhan ao Império Otomano. As tropas otomanas e tártaras seguiram o Rio Don, depois chegaram a Astrakhan e encalharam em frente à cidade, sem poder subir o Rio Volga. A diplomacia russa buscou depois uma tentativa de conciliação com os otomanos, envolvida em conflitos na Europa Ocidental e com a Pérsia, mas não renovou sua tentativa. Por sua participação no assalto a Kazan, o czar deu aos cossacos do Don, por carta, de plena disposição, o controle "do Rio Don e de todos os seus afluentes", consolidando seu status de independência. As relações entre o czar e os cossacos teriam, até o final do século XVII, uma virada diplomática, e tal orientação foi seguida pelo escritório dos embaixadores cossacos em Moscou.

Apreciações históricas

Historiadores russos do século XIX enfatizaram a importância, para o czarato da Rússia, do desaparecimento do khanato de Kazan. As condições para a instalação de colonos russos no Vale do Volga, os movimentos subsequentes para os Urais e a Sibéria tornaram-se possíveis.

De acordo com o historiador Sergei Platonov: "A submissão de Kazan teve consequências enormes para as condições de vida do povo russo. Kazan era o câncer da Moscóvia e sua captura tornou-se um orgulho popular, celebrada em canções. Após a tomada de Kazan, em 20 anos ela se

transformou em uma grande cidade russa. Entre as populações autóctones da bacia do Volga, foram estabelecidas cidades fortificadas como pontos de apoio às autoridades e à colonização russa. Isso se espalhou sem demora pelas ricas terras de Povojie e pelas florestas dos Urais. Enormes espaços férteis foram pacificados pelo poder czarista". Ainda para o historiador Sergei Soloviev, essa submissão "não era consequência da autoestima do jovem czar nem da aspiração à grandeza, como eram, por exemplo, as das regiões bálticas. Foi um movimento necessário e sagrado aos olhos de cada russo, para proteger os territórios russos e libertar os cativos cristãos".

O historiador Ravil Gabdrakhmanovich Fakhoutdinov considera que a política liderada pelo czarato da Rússia foi uma ocupação e que o khanato de Kazan foi uma vítima das ambições imperiais de Ivan, o Terrível, que se distinguia por "uma vida desordenada e ações misantrópicas"; e que implementava "uma política de extermínio dos povos por ele submetidos". Ravil Fakhoutdinov também destaca a violência das tropas russas contra a população tártara e os saques ocorridos durante e após a captura de Kazan.

Na década de 1990, separatistas e nacionalistas tártaros denunciaram radicalmente a captura de Kazan e a liquidação do khanato com os slogans: "Lembrem-se do ano 1552" e "Holocausto do povo tártaro – 1552". Eles organizavam a cada ano, sem reconhecimento oficial, um Dia em Memória dos Defensores de Kazan, e destacavam que o khanato de Kazan era pacífico e o czar russo uma entidade agressiva.

Na capital do Tartaristão, na época da Perestroika, foram organizadas reuniões com o slogan "O objetivo é a independência". Os nacionalistas tártaros levantam regularmente a questão da construção de um monumento aos defensores das vítimas de Ivan, o Terrível, em 1552, em Kazan, mas o governo russo, até hoje, tem recusado, categoricamente, permiti-lo.

A conquista de Kazan nas artes

Arquitetura

Para celebrar a submissão de Kazan, Ivan, o Terrível, construiu a Catedral de São Basílio, o Abençoado, em Moscou, e igrejas em Kazan. No local da vala comum, onde as vítimas foram enterradas, foi edificado o memorial aos soldados que morreram durante a captura de Kazan em 1552.

Literatura

O poema épico russo, *La Rossiada*, de Mikhaïl Kherskov, é dedicado à

captura de Kazan.

Pintura

O enorme ícone alegórico *Bem-Aventurados os guerreiros do Rei dos Céus* foi pintado na década de 1550 a pedido de Ivan, o Terrível, em memória da captura da cidade. Na obra, Kazan é representada pelo fogo, não de destruição, mas de purificação, de acordo com o historiador da arte V. V. Morozov. Outros pesquisadores veem no desenho a "mesquita em chamas" – a principal mesquita de Kazan, Qolsharif, destruída por Ivan, o Terrível.

Cinema

O cerco de Kazan é um dos episódios do filme *Ivan,* o Terrível, de Sergei Eisenstein, com música de Sergei Prokofiev.

Capítulo 10

Como os italianos construíram o Kremlin e ajudaram Moscou a vencer guerras

Os russos mal conseguiam fabricar tijolos antes de contratarem os italianos. Os engenheiros estrangeiros eram proficientes em guerra e arquitetura e, por salários generosos, ajudaram a construir a grandiosidade de Moscou. A principal arma do grão-príncipe Ivan III, de Moscou, não era seus homens ou suas táticas, mas os canhões italianos. No impasse histórico contra os tártaros, liderados por Ahmed, khan da Grande Horda, em 1480, o exército de Ivan contou com canhões feitos pelo engenheiro italiano Aristotele Fioravanti – enormes morteiros de bronze que poderiam, literalmente, rasgar a cavalaria tártara em pedaços. Sem se envolver em uma luta completa, o exército de Ahmed se retirou para as estepes.

Os maiores salários de Moscou

Ridolfo Aristotele Fioravanti chegou à Rússia em 1475, quando tinha cerca de 60 anos. Especializou-se na restauração e transposição de campanários de sinos das torres do Kremlin, bem como na construção de pontes. Em 1474, na Europa, Aristotele Fioravanti foi abordado por Semion Tolbuzin, enviado do grão-príncipe de Moscou, e contratado por 10 rublos por mês, quando na Rússia, por apenas um rublo, um servo podia comprar, para toda a sua família, casa e terra de seu senhorio.

O salário de Aristotele era provavelmente o mais alto de todo o Estado de Moscova. Ivan precisava que ele reconstruísse a Catedral da Dormição, o principal templo do Estado de Moscou, que havia parcialmente desabado durante um terremoto. Após chegar, em 1475, Aristotele ordenou a remoção do restante da catedral desmoronada, projetou uma fornalha para a produção de tijolos, criou uma nova mistura e fundou o primeiro moinho de tijolos de estilo italiano. Suas técnicas permitiram concluir a catedral de 35 metros de altura e 5 cúpulas em somente dois anos, além da decoração,

que levou mais de dois anos. Mas Aristotele não era o único arquiteto italiano em Moscou. Talvez ainda mais importante que ele tenha sido Pietro Solari, que chegou de Milão em 1490. Solari projetou o Palácio das Facetas e seis torres do atual Kremlin de Moscou, incluindo a do relógio – a torre Spasskaia (do Salvador), que se tornou o principal símbolo do complexo. Outros, como Antonio Gislardi e Marco Ruffo, também trabalharam na construção das muralhas e torres do Kremlin. Portanto, não é à toa que os muros do Kremlin lembram a arquitetura da Itália – o projeto é, de fato, italiano.

Os italianos responderam por outras façanhas em Moscou nos séculos XV e XVI. Em quase todos os exércitos europeus do período, os engenheiros originados na Itália eram os melhores na concepção de armas e explosivos, diz o historiador Mario Corti em seu livro *Militares italianos a serviço da Rússia*.

Figurões na Rússia

Simultaneamente à construção da Catedral da Dormição, dentro das muralhas do Kremlin, Fioravanti organizou uma fábrica de armas onde produzia-se pólvora e forjava-se armas. Da primeira forja saíram 16 canhões leves, fáceis de manusear e transportar, práticos de recarregar, e que foram mortais contra os mongóis no final do século XV. Ivan levou Aristotele à guerra contra a República de Novgorod. Em 1479, Fioravanti controlou pessoalmente uma carga de artilharia que bombardeou a cidade e obrigou a se renderem: "As armas eram incessantemente disparadas porque Aristotele era mestre de seu ofício", diz uma crônica russa. O italiano ensinou as tropas a disparar canhões em certos momentos da batalha, treinou-as para organizar disparos incessantes e lidar com diferentes tipos de armas de fogo, explica Mario Corti. Na Batalha de Ugrá, Fioravanti também estava na força principal. A sua última menção nos documentos russos foi em 1485 – talvez tenha morado na Rússia por apenas dez anos, mas deixou um grande legado para trás.

Em 1488, supostamente após a morte de Aristotele, outro armeiro italiano – Paolo De Bossis – criou um grande canhão chamado Pavlin ("pavão", que soa exatamente como o nome de Paolo em russo). Por sinal, esse artefato continuou em uso até pelo menos 1563, quando foi mencionado durante o cerco de Ivan, o Terrível, a Polotsk. Já o armeiro

Jacobo, também italiano, chegou a Moscou em 1490 e criou pelo menos 15 canhões pequenos. Pode-se dizer que no final do século XV e no início do XVI, os italianos dominaram a produção de armas russas.

Italianos versus tártaros

O filho de Ivan III – o grão-príncipe Vassili III de Moscou – também recorreu à ajuda de arquitetos e armeiros italianos. Durante seu reinado, a Igreja da Ascensão foi projetada e construída por Pietro Annibale, que igualmente foi responsável pelo muro da Fortaleza de Kitai-Gorod, cercando os bairros centrais de Moscou. Ivan, o Terrível, o primeiro czar de Moscou, usou engenheiros de guerra italianos na conquista de Kazan. A *Crônica de Kazan*, produzida de 1560 a 1565, é a única fonte que conta a história da tomada da cidade por Ivan, que menciona esses estrangeiros, que, em 1552, Ivan, o Terrível, tentou capturar Kazan, e dessa feita, ele levou italianos para ajudar a explodir suas muralhas. Segundo as crônicas, o czar conversou pessoalmente com os engenheiros, informando que os muros do Kremlin de Kazan eram muito fortes, mas os italianos disseram que as derrubariam em questão de dias com uma explosão. "Isso será feito", asseguraram: "Apenas isso, ou matar os defensores de fome poderá ajudar a tomar esta cidade".

Os italianos construíram quatro torres mais altas que as muralhas da cidade, que foram usadas pelos arqueiros para atacar a guarnição do Kremlin de Kazan. Também fizeram várias pontes sobre o fosso e, finalmente, abriram túneis que levavam aos alicerces das muralhas, colocando explosivos dentro deles. Em um determinado momento, durante o cerco, os muros desmoronaram com as explosões, e a infantaria de Ivan, atravessando o fosso pelas pontes, invadiu a cidade. O czar havia tentado tomar Kazan por quase 5 anos, desde 1547, e só o conseguiu graças aos italianos.

Após o governo de Ivan, o Terrível, os italianos pararam de trabalhar em Moscou porque, com a crise econômica e militar, os czares russos não podiam mais pagar aos engenheiros os salários exigidos. No entanto, um século depois, o czar Pedro, o Grande, contratou novamente construtores e armadores italianos para erguer a nova Rússia. A Catedral da Dormição, a Igreja da Ascensão e, o mais importante, o Kremlin de Moscou, estão intactos até hoje e em uso constante – e já faz 500 anos que os russos sabem como fazer tijolos com propriedade.

Capítulo 11

Ivan IV: por que o czar russo era tão terrível?

Nascido em 1530, Ivan IV foi o primeiro czar da Rússia e reinou durante 37 anos. Sanguinário, matou o próprio filho e espancou a nora grávida, provocando o aborto do futuro neto. Ivan Vasilievich acreditava que todos conspiravam contra ele. O soberano já havia matado membros do governo, amigos, amigos dos amigos e até alguns parentes. Havia eliminado famílias e vilas inteiras, mesmo que as vítimas nada tivessem a ver com o motivo de sua fúria. Ivan só não havia ainda tocado em seus familiares mais próximos. Isso mudou em uma noite do outono de 1581. Muito religioso, o czar repreendeu a nora por usar roupas que ele achou inadequadas. O castigo foi o espancamento. Ela estava grávida. Os golpes dados pelo monarca acabaram provocando o aborto de seu futuro neto.

Indignado, Ivan Ivanovitch, herdeiro do trono, resolveu enfrentar o pai em defesa da esposa. A fúria do czar então se voltou contra o filho: com sua bengala de ferro, Ivan o golpeou na cabeça. Onze dias depois, o ferimento levaria Ivan Ivanovitch à morte. Por causa de uma discussão, o monarca tinha exterminado seus herdeiros diretos.

Não foi à toa que ele passou para a história como Ivan, o Terrível. Ou melhor, Ivan, o Apavorante, Ivan, o Grande, ou talvez, Ivan, o Implacável. Seu apelido em russo, Grozny, transmite a ideia de temor, principalmente dos inimigos, e obediência.

Apesar de ter centralizado o poder e conquistado importantes territórios, o primeiro czar da Rússia acabou eternizado por sua violência. Recentemente, como veremos adiante, pesquisadores têm visto no monarca mais do que a simples maldade. Ele seria acometido por graves desequilíbrios mentais.

Infância perturbada

Ivan nasceu em 25 de agosto de 1530, nos arredores de Moscou. A cidade, que não parava de crescer, era a capital do Grande Principado de Moscóvia,

governado pelo pai de Ivan, Vassili III. O território era cercado por povos tártaros, que viviam em estados conhecidos como khanatos (comandados por líderes chamados khans). Não eram raras as guerras dos moscovitas contra os vizinhos tártaros.

Quando Vassili III caiu doente e morreu, em 1533, o pequeno Ivan foi proclamado grande príncipe, o líder do Principado de Moscóvia. Como ele era muito jovem, Elena Glinskaya, sua mãe, assumiu a regência. Em 1538 ela também morreu, provavelmente envenenada. Na ausência de Elena, explodiram disputas internas pelo poder no principado. Os protagonistas da briga eram os boiardos[8], nobres proprietários de terras que faziam parte do governo e que, de vez em quando, entravam em guerra uns contra os outros.

Órfão aos 8 anos, Ivan passou a ser criado sob a supervisão dos boiardos. O fato de ser príncipe não lhe garantiu uma infância privilegiada: o garoto foi tratado de forma brutal e chegou a passar fome. Não é de se estranhar que, com um exemplo péssimo desses, Ivan tenha aprendido a lidar com os outros da mesma maneira. Começou jogando gatos e cachorros pelas janelas do palácio em que morava, dentro dos muros do Kremlin. Passou então a maltratar os servos e, mais tarde, a matá-los por pura diversão. Era um ensaio para os grandes massacres que iria promover. A péssima criação de Ivan, entretanto, não basta para explicar seu comportamento na época adulta. "Quando jovem, ele provavelmente viu algumas cenas cruéis da luta entre várias facções da corte. Esses conflitos eram típicos em qualquer corte do século XVI", afirma o russo Sergei Bogatyrev, professor de História Russa Antiga do University College de Londres.

Ora, se a crueldade era comum em outros reinos, por que somente Ivan foi tão sanguinário? O estadunidense Richard Hellie[9], professor de História Russa da Universidade de Chicago, afirma que o czar era mesmo doente da cabeça: "Muito do comportamento de Ivan pode ser justificado por teorias modernas que explicam tipos comuns de paranoia, como mania de perseguição e megalomania".

De herói a vilão

Aos 16 anos, em janeiro de 1547, Ivan se tornou o primeiro czar a ser coroado como o Grande Príncipe de Todas as Rússias. Monarcas anteriores já haviam recebido o título (derivado dos "césares" de Roma), mas nenhum deles havia sido abençoado e reconhecido pela poderosa Igreja Ortodoxa.

Acredita-se que os distúrbios mentais de Ivan tenham começado justamente após sua coroação: a cerimônia fez com que ele acreditasse ser mesmo um líder enviado pelos céus.

Mas antes de mergulhar a Rússia num inferno, Ivan até que melhorou a vida de seus súditos. Nos primeiros anos de reinado, ele centralizou o poder em Moscou e derrubou o velho esquema medieval, em que cada nobre era soberano no seu pedaço de terra. O ódio que Ivan tinha dos boiardos fez com que ele se livrasse de boa parte deles, dando altos cargos públicos a pessoas comuns. Representantes populares ganharam espaço na Zemsky Sobor, a Assembleia da nação instituída pelo czar, que reunia membros da nobreza e do clero.

Enquanto colocava ordem na casa, Ivan ia expandindo seus domínios. Conquistou grandes territórios dos inimigos tártaros a Leste e ao Sul, chegando até o Mar Cáspio, e, mais tarde, atingindo a Sibéria. A expansão das fronteiras trouxe tranquilidade ao povo da Rússia, já que os tártaros, durante suas invasões, costumavam capturar russos e vendê-los como escravos ao Império Otomano. Para comemorar a derrota dos tártaros muçulmanos, Ivan mandou construir um enorme templo ortodoxo em Moscou. Após o fim de seis anos de obras, iniciadas em 1555, o czar ficou extremamente impressionado com o resultado (a bela e colorida Catedral de São Basílio é até hoje um dos maiores símbolos da Rússia). Diz a lenda, não confirmada, que em vez de premiar os responsáveis pela construção, Ivan teria mandado cegá-los, para garantir que não construiriam nada mais belo do que aquela igreja.

O lado assassino de Ivan teria sido despertado, segundo historiadores, por causa da morte da esposa, a czarina Anastácia, em 1560. A fatalidade pôs fim a 13 anos de casamento. "A morte dela foi quase que imediatamente seguida de um ato irracional. Ivan culpou seus conselheiros pelo fato e ordenou a realização de um julgamento religioso para declará-los bruxos", relata o professor Richard Hellie. Até Alexei Adachev, seu auxiliar mais próximo, não escapou da ira do czar: foi preso e cometeu suicídio na prisão. Depois de Anastácia, Ivan tentou, em vão, se firmar com outra mulher. Casou-se mais sete vezes – algumas dessas uniões terminaram em poucas semanas. Em vez de se preocupar com a felicidade conjugal, o czar voltou sua atenção para a perseguição de supostos traidores da pátria. Essa paranoia fez com que, em 1565, Ivan formasse a Opríchnina[10]. Com a

medida, um terço de todo o território do Reino da Moscóvia ficou apenas sob seu governo, sem a interferência dos boiardos ou da assembleia de representantes, que ele mesmo criara.

Ivan se apropriou das melhores terras e nelas implantou um regime de terror, colocado em prática por sua guarda pessoal. "Um dos mais cruéis atos, durante a Opríchnina, foi uma expedição punitiva contra a cidade de Novgorod em 1570, em que foram mortas entre 3 mil e 15 mil pessoas", diz o professor Sergei Bogatyrev. Todas essas mortes ocorreram porque as tropas de Ivan, que tinham autonomia para matar qualquer um, estavam perseguindo apenas dois administradores locais acusados de traição. Ao mesmo tempo em que perseguia sem piedade o povo russo, Ivan mandava, secretamente, que religiosos rezassem pelas vítimas dos massacres – afinal, ele era um homem de fé. Séculos mais tarde, uma lista da época foi encontrada, com nada menos que 4.095 nomes de mortos que mereceram orações encomendadas pelo czar. Segundo o professor Richard Hellie, a lista indica que os assassinatos durante a vigência da Opríchnina, que durou até 1572, podem não ter ultrapassado esse número.

Xeque-morte

Enquanto dentro da Rússia o desequilíbrio mental de Ivan causava morte e destruição, no exterior suas tropas sofriam derrotas homéricas. Desde 1558, elas estavam metidas em uma guerra para conquistar a Livônia – que hoje corresponde a grande parte da Letônia e da Estônia. Poloneses e suecos mostraram ser inimigos bem piores que os tártaros. O czar não era um general brilhante nem ia muito ao campo de batalha. A guerra durou 25 anos e, ao final, nenhum pedaço de terra foi ganho. Do lado russo, as baixas mais importantes não foram feitas pelos inimigos, mas por Ivan. "Alguns bons diplomatas e comandantes militares se tornaram vítimas da Opríchnina", diz o professor Sergei Bogatyrev.

Em 1581, quando a derrota na Livônia estava próxima, ocorreu o incidente que selou o destino do czar: a morte do filho e do neto, este ainda na barriga da mãe. "O assassinato acidental de Ivan Ivanovitch foi a maior tragédia da vida de Ivan, o Terrível", afirma Bogatyrev. Meses após o ocorrido, o monarca teve um colapso físico: sua barba embranqueceu e ele perdeu os cabelos e o vigor. Enquanto a vida do monarca ia mal, a dos russos ia pior ainda. Vilas inteiras haviam sido eliminadas durante seu

regime. Muitos trabalhadores abandonaram os campos e a produção agrícola entrou em declínio. Os nobres e o clero, antes muito influentes, recolhiam-se, temendo os ataques de loucura do czar. O medo e a pobreza dominavam o reino do homem que, naquela época, já era chamado de Ivan, o Terrível.

A hora de Ivan chegou em 18 de março de 1584. Morreu enquanto jogava xadrez, provavelmente vítima de um ataque cardíaco. Surgiram suspeitas de que o czar, como a mãe, tivesse sido envenenado. Depois de exumar seu cadáver, em 1968, pesquisadores descobriram que os restos mortais tinham traços de cianureto, o que reforçou essa tese. Mas é bom lembrar que a substância, altamente tóxica, era utilizada na época para o tratamento da sífilis, doença que Ivan havia contraído. Um dos acusados de ter envenenado o czar foi Boris Godunov, seu auxiliar. Ele era tio de Fiôdor, que assumiu o trono por ser filho do último casamento de Ivan. Na prática, era Boris Godunov quem governava, pois o novo czar não se interessava pelo cargo. Assim como o pai, Fiôdor era meio esquisito. Mas, em vez de matar pessoas, sua paixão era tocar sinos. Foi o que ele mais fez até morrer, em 1598. Como não havia outros herdeiros, Godunov acabou virando czar.

Capítulo 12

O filme de Eisenstein:
Ivan, o Terrível

Ivan, o Terrível é um filme histórico, épico, escrito e dirigido pelo cineasta Serguei Eisenstein. Dividido em duas partes que abordam a vida de Ivan IV, czar da Rússia, foi encomendado por Josef Stalin – que o admirava. Stalin via a si mesmo como um sucessor de Ivan. A primeira parte foi lançada em 1944, e a segunda, somente em 1958, a qual foi banida por Stalin, que ficou indignado com a forma como Ivan foi representado no longa-metragem. Eisenstein chegou a trabalhar em uma continuação para finalizar a história, mas com o banimento da parte II, a filmagem da terceira parte foi interrompida. Depois da morte de Eisenstein, em 1948, o que tinha sido feito para o final da trilogia foi destruído.

Parte I

O filme começa com a coroação de Ivan, em 1547, em meio à desaprovação dos boiardos. Ivan fez um discurso proclamando sua intenção de unir e proteger a Rússia contra os exércitos de além-fronteiras e os inimigos internos – referindo-se aos boiardos, que estavam descontentes com a coroação. Pouco depois disso, o czar casou-se com Anastácia Romanova e teve uma celebração suntuosa de seu casamento. Por causa disso, ele perdeu a amizade de seu melhor amigo, o príncipe Andrei Kurbski de Moscou. Ele recebeu uma permissão de Ivan para se retirar para um mosteiro.

A festa de casamento foi paralisada com a notícia de incêndios em vários palácios dos boiardos, o que levou uma multidão de plebeus ao palácio do czar. Havia uma acusação de que Ivan estava sendo corrompido pela família da czarina (os Romanov), assim como pelas famílias Glinsky e Zakharin. Ivan acalma o povo, mas é interrompido pelos embaixadores do khanato de Kazan, que mandam a ele uma faca cerimonial sugerindo que ele faria um bem a si mesmo se cometesse suicídio. Ivan imediatamente proclamou que seu reino estava em guerra. O exército do czar cercou o khanato. Kurbski, nominalmente no comando, foi reprimido por Ivan por causa de suas ordens brutais, pois ele amarrou prisioneiros tártaros em paliçadas próximas

às muralhas do khanato e ordenou que a cidade se rendesse; os arqueiros, defensores, imediatamente passaram a lançar flechas contra os prisioneiros.

Ivan ficou seriamente enfermo e foi cogitado que ele estivesse em seu leito de morte. Sacerdotes ortodoxos deram a ele as últimas bênçãos. O czar mandou uma mensagem aos seus parentes ordenando que, caso viesse a morrer, jurassem aliança a seu filho, ainda criança, Dimitri, alertando que a Rússia deveria manter-se unida. A ordem foi questionada, e a tia de Ivan, Efrosinia Staritska, argumentou publicamente que todos deveriam é jurar aliança ao filho dela, Vladimir. Emocionalmente exausto, Ivan colapsa e todos pensam que ele morrera. Os parentes, celebrando, começam a jurar aliança a Vladimir, o "czar boiardo", que eles estavam esperando. Enquanto isso, Kurbski estava titubeante sobre sua própria lealdade, tentando decidir com qual dos dois lados ficar. Entretanto, a czarina Anastácia lhe disse: "Não enterre um homem antes que ele esteja morto". Kurbski deu-se conta de que Ivan ainda estava vivo e, apressadamente, jura aliança ao filho de Ivan, Dimitri. Como recompensa, ele foi mandado à fronteira Oeste do reino para defender o império dos ataques dos poloneses. Ao mesmo tempo, Ivan despacha Alexei Basmanov, um comandante com o qual ele simpatiza, para o sul, a fim de defender a fronteira da Crimeia. Ivan acabou se recuperando totalmente.

Na sequência, foi a vez da czarina Anastácia ficar doente, e, enquanto Ivan recebia más notícias de todas as frentes de batalha, os boiardos conspiravam para matá-la. Efrosinia Stariska, a tia de Ivan e mãe de Vladimir, foi ao palácio com uma taça de vinho escondida em suas vestes, a qual continha veneno. Enquanto o casal real recebia notícias de que Kurbski derrotara os poloneses, ela sorrateiramente pôs o copo de vinho com veneno dentro da sala e escondeu-se. A czarina Anastácia teve uma convulsão, e Ivan, procurando ao redor uma bebida para acalmá-la, pegou o vinho envenenado e ofereceu a ela.

A cena muda para o enterro da czarina, com Ivan de luto ao lado de seu caixão. Enquanto monges leem versos bíblicos, o czar questiona suas próprias habilidades para reinar, pensando que a morte da sua esposa foi uma punição de Deus contra ele. Depois, sai do enterro e manda uma mensagem para seu amigo Kolichev. Neste ponto, Alexei Basmanov chega, sugerindo que Ivan se alie com pessoas em quem ele possa confiar. O soberano implanta a política de repressão chamada Opríchnina e se

transforma em um governante de ferro. Posteriormente, abdica do trono e deixa Moscou, esperando que a população implore por sua volta, dizendo que assim poderia governar de maneira absoluta, em pleno acordo com a vontade do povo.

Parte II

A segunda parte do filme começa com a corte de Sigismundo II Augusto da Polônia, com quem Kurbski jurou fazer aliança. Sigismundo prometeu tornar Kurbski senhor das terras de Ivan, aproveitando-se da ausência do czar em seus territórios. O plano prossegue, até quando um emissário anuncia que Ivan havia retornado a Moscou e que dera início a uma reforma com a distribuição de terras, tomando as propriedades dos boiardos, aumentando o seu próprio poder.

Seu amigo Kolichev retornou, agora como monge Felipe; e, depois de um debate acalorado, concordou em se tornar metropolita (líder religioso) de Moscou, com a condição de Ivan dar a ele o direito de interceder na sentença de um parente seu condenado. Mas logo depois da nomeação, Ivan, instigado por Malyuta, guarda do czar, encontra uma maneira de contornar a situação: ele executa o homem rapidamente, antes que Felipe pudesse usar de seu direito.

Fiôdor Basmanov, o primeiro dos oprichniks (membros da Opríchnina), ajudou Ivan a descobrir que a czarina tinha sido envenenada, e ambos suspeitavam que tinha sido Efrosinia Stariska, que a assassinara com o copo de vinho envenenado. Ivan ordenou que Fiôdor não dissesse nada sobre isso, até que ele (Ivan) tivesse certeza da culpa da mulher. Os boiardos, desesperados, solicitaram ajuda sobre o caso da invasão de suas terras para Felipe e acabaram convencendo-o. Ele prometera acabar com o abuso de poder de Ivan, e confrontou-se com ele na catedral, enquanto uma peça teatral estava acontecendo. Quando o debate tornou-se mais acalorado, o czar, irritado, proclamou que ele passasse a ser chamado exatamente da forma como os boiardos o denominavam – "o Terrível" – e mandou prender Felipe. Os boiardos, a partir dali, decidiram que a única opção seria assassinar Ivan, e o noviço Pyotr seria o escolhido para realizar a tarefa com uma faca.

Ivan, que tinha agora certeza sobre a culpa de Efrosinia, convidou Vladimir (que viria a ser o falso czar) para um banquete com os oprichniks.

Vladimir embebedou-se enquanto todos dançavam e cantavam ao seu redor e acabou mencionando que existia um plano para matar Ivan e ele (Vladimir) o substituiria como czar.

Fiôdor Basmanov observou o assassino Pyotr retirando-se e deu um sinal para Ivan, que fingiu estar surpreso com a revelação de Vladimir; na sequência, sugeriu que este se tornasse o czar por um tempo; os oprichiniks trouxeram um trono, um cetro e uma coroa, e todos se curvaram ao "czar Vladimir". Então, Ivan disse para irem juntos a uma catedral para orar, e assim o fizeram.

Na catedral, o assassino aproximou-se do falso czar e o esfaqueou, sendo imediatamente preso por Fiôdor e Malyuta. Ivan ordenou que o soltassem e ainda o agradeceu por ter matado seu pior inimigo.

Efrosinia chegou, demonstrando alegria pela aparente morte do czar, até que se deparou com Ivan vivo e vê um cadáver, dando-se conta de que é de seu próprio filho. Ivan a sentencia à prisão e se vê aliviado, proclamando que todos os inimigos internos de Moscou foram derrotados e que ele agora poderia se voltar contra os inimigos externos.

Após concluir a segunda parte do filme sobre Ivan, o Terrível, Eisenstein sofreu um ataque cardíaco. Ao se recuperar, foi convidado a comparecer a uma audiência privada com Stalin. Nessa conversa, ficou decidido que ele refaria a parte II do filme antes de dar início à terceira e que, depois, dirigiria um grandioso projeto: a produção de *Cáucaso, Moscou, Vitória*. Nesse filme, Eisenstein contaria a trajetória pessoal e política de Stalin. Mas seu estado de saúde não permitiu que prosseguisse com o planejado. Em 11 de fevereiro de 1948, Eisenstein faleceu sem ter tido tempo de concluir seus últimos planos: uma terceira parte do filme, com o fim de *Ivan, o Terrível* e sua herança.

Capítulo 13

O tranquilo renascimento islâmico no Tartaristão

Em Kazan, os bulbos coincidem com os minaretes; a catedral ortodoxa restaurada e a nova grande mesquita estão unidas no próprio Kremlin de Kazan. Minaretes e lâmpadas estão localizados no coração dessa cidade modelo para o bom entendimento intercultural de sua população. "Para o mundo cristão e muçulmano, é um exemplo a seguir! Não se trata de ecumenismo, porque não podemos rezar juntos. Mas, lado a lado, preservamos o nosso respeito mútuo", lança P. Mefodii, um dos padres da Catedral Ortodoxa da Anunciação. "Os homens não foram criados para guerrear uns contra os outros! Devemos enriquecer-nos uns aos outros. Em Kazan, somos uma ponte entre a força europeia e a sabedoria asiática", insiste Zufar Galiulline, um dos imãs da Mesquita Kul Charif. Essa nova mesquita, construída dentro das paredes do Kremlin de Kazan, a poucos passos da catedral ortodoxa, é um símbolo. Seu próprio nome é emblemático: mais de 450 anos depois de Ivan, o Terrível, que conquistou a cidade, as autoridades decidiram batizá-la em homenagem a um dos imãs da época, herói da resistência contra a invasão russa.

Em 1990, na época da Perestroika, havia apenas uma mesquita em Kazan: hoje existem quase 100 em toda a república do Tartaristão, para uma população de dois milhões de muçulmanos. O renascimento do Islã é visível a olho nu. "Para nós, a fé está no sangue. Podemos tirar a roupa de um homem, podemos jogá-lo na prisão, mas não podemos suprimir uma fé que se pratica há mil anos", diz Gusman Iskhakov, o mufti do Tartaristão. "Depois de viver por cinco gerações sob o regime soviético, as pessoas não são ateias, mas não conhecem bem sua religião. E hoje muitas pessoas estão interessadas no Islã." Quase todos os tártaros que redescobriram o caminho de praticar o Islã contam mais ou menos a mesma história: seus avós, especialmente suas avós, nunca pararam de acreditar e orar. E eles estão apenas se reconectando com uma religião na qual eles próprios nunca deixaram de acreditar.

Essa reislamização da população é impressionante: em todos os lugares,

nas mesquitas e madrassas (escolas religiosas tradicionais), centenas de tártaros estão reaprendendo os fundamentos do Islã. Junto com as madrassas, as autoridades criaram em Kazan em 1998 uma Universidade Islâmica da Rússia, cuja construção foi financiada por 240.000 euros pelo Banco Islâmico e por 250.000 euros pela República do Tartaristão. O objetivo dessa universidade, diz nas redes sociais Sulayman Zaripov, seu vice-reitor, é impedir que jovens tártaros e muçulmanos na Rússia sejam treinados no exterior, proporcionando-lhes educação de qualidade localmente. O retorno do Islã, depois de 1990, deu origem ao surgimento de muitas correntes descontroladas: na ausência de executivos religiosos, os muçulmanos tártaros trouxeram professores árabes e turcos e, com eles, as várias tendências que também atravessam o mundo muçulmano. Por exemplo, mais correntes extremistas que defendem a Jihad. Isso alarmou as autoridades do Tartaristão, que reagiram expulsando todos os clérigos árabes e turcos e decidiram supervisionar de perto o treinamento de quadros religiosos.

No Tartaristão, pode-se falar de um renascimento tranquilo, um islamismo sunita moderado, que está mais na cultura do que nas práticas. De acordo com uma pesquisa realizada em 2015 e 2016 pela Anistia Internacional entre 1.500 jovens tártaros com menos de 30 anos, em cidades e no interior do Tartaristão, 80% declararam que se consideram muçulmanos. Apenas 5% disseram que "conhecem e respeitam a religião". E quando foi perguntado aos 95% que não praticam, disseram que são muçulmanos "porque é a religião de nossos antepassados". Assim como a língua tártara, falada nas ruas tanto quanto o russo, o islamismo também está ligado às tradições locais e continua sendo um dos meios de afirmar sua diferença com Moscou. "O Islã e nossa nação tártara fazem parte da mesma identidade", disse o imã Zufar Galiulline na época da pesquisa. Para a metade (48%) cristã ortodoxa da população de Kazan, essa realidade não parece representar um problema.

Dessa forma, conclui-se que Kazan não tem extremistas muçulmanos. No entanto, o renascimento do Islã no Tartaristão – no coração da Rússia – foi considerado importante o suficiente para atrair a atenção das autoridades, que intensificaram as iniciativas visando a enquadrá-lo e a controlá-lo.

Em 2020, o chefe de República, Chamiyev, criou um Conselho para Assuntos Religiosos chefiado por Rinat Nabiev, um historiador diretamente

ligado ao Conselho de Ministros do Tartaristão, e um Conselho para Assuntos Religiosos Muçulmanos chefiado pelo mufti Gusman Iskhakov, eleito pelo Congresso de Muçulmanos do Tartaristão.

"Não há problema de fundamentalismo islâmico no Tartaristão", disse Rafael Khakimov, conselheiro de Chamiyev para assuntos políticos, acrescentando: "Nosso leitmotiv é estar mais perto da Europa. Não temos medo do surgimento de um radicalismo muçulmano, mas estamos observando". Os governantes da República do Tartaristão mostram sua vontade no sentido de reconhecer o renascimento das duas grandes religiões – a Ortodoxa (48%) e o Islã (52%) – abraçadas pelo povo e tratar os fiéis com igualdade de direitos.

Capítulo 14

A história de Moscou – a Rússia Moscovita

O Grão-ducado de Moscou, também conhecido como Principado, ou Grão-principado, ou Moscóvia, foi a entidade política antecessora do Império Russo e sucessora da Rússia de Kiev, nas suas terras nórdicas. Moscou é o local de origem dos czares russos. Tudo começa com assentamentos pré-históricos. De uma pequena cidade no século XI, cresceu durante o período mongol e se tornou o centro de um principado no século XIV. Tornou-se capital da Rússia em 1480 e perdeu essa posição em favor de São Petersburgo, fundada em 1703. A sede do governo voltou a Moscou em 1918, após a Revolução Russa.

Moscou é mencionada pela primeira vez em 1147, sob o nome de Moskva, na *Crônica de Ipatiev,* um dos mais antigos relatos escritos dessa época. A crônica relata o encontro de Yuri Dolgoruki, príncipe de Vladimir-Suzdal, com seu aliado, o príncipe Svyatoslav Olgovich, de Novgorod-Seversky.

Desde a Pré-história

A evidência mais antiga da presença de humanos no território de Moscou é o sítio neolítico de Stchoukinskaia, no Rio Moskva, que remonta à Idade da Pedra. Dentro dos limites da cidade moderna, outras evidências foram encontradas no Cemitério Fatyanovskaia, no espaço da cultura Diakovskaia, no território do Kremlin, nas Colinas dos Pardais, no Rio Setoun e no Parque Florestal Kountsevski.

No final do primeiro milênio, o território de Moscou e seus arredores eram habitados por tribos eslavas. Nos fins do século XI, era uma pequena cidade na foz dos rios Neglinnaia e Moskva. Na época, era uma povoação obscura em uma pequena província habitada principalmente pelos meryas, de língua báltico-finlandesa, que depois desapareceu.

No século XII, Moscou se tornou propriedade dos filhos mais novos da dinastia dos príncipes de Suzdal. Foram construídas uma residência principesca e três igrejas, a mais antiga das quais era a de São João Batista, que foi erguida no local de um templo pagão. Em 1223, a invasão da Rus'

começou por tribos nômades da Mongólia, que por séculos viraram a história da região de cabeça para baixo. Sob a liderança de Batu Khan, os invasores derrotaram, em 1238, todos os príncipes russos, deixando para trás um rastro de destruição e morte. Os mongóis chegaram a Moscou em janeiro daquele ano e, após um curto cerco, a cidade foi tomada, saqueada e destruída enquanto seus líderes eram mortos. Essa campanha da Mongólia pôs fim ao poder local dominante, a Rus' de Kiev. Todos os principados russos deveriam submeter-se e, doravante, homenagear os mongóis. Estes estabeleceram-se permanentemente no Baixo Volga, de onde derrotaram os líderes russos. Eles criaram um Estado chamado Horda de Ouro, que se estendia por vários milhares de quilômetros quadrados.

Então, no século XII, se Moscou era apenas um vilarejo simples, sua posição na orla da floresta oferecia uma certa segurança contra os ataques dos mongóis, embora estivesse localizada nas rotas de comércio que levavam às bacias do Rio Volga, do Rio Neva e do Rio Don. Alexandre Nevski tornou o vilarejo em um principado independente, e confiou-o a seu filho Daniil Moskovski, de Moscou (1261-1313). Isso fez expandir o território, anexando a cidade de Pereslavl-Zelesski ao Nordeste e a Fortaleza de Kolomna ao Sudeste.

Os líderes dos principados russos eram nomeados, a partir de então, com a aprovação dos mongóis, que encarregavam alguns príncipes, designados pelo título de grão-príncipes, de cobrar o tributo dos outros territórios. Por muito tempo, foram os príncipes de Tver que receberam esse encargo. É o caso de Mikhail III, príncipe de Tver, que passou a coletar os tributos.

No entanto, o filho de Daniil, Yuri III Moskovski, que controlou toda a bacia do Rio Moskva e expandiu para o Oeste, forjando uma aliança com Ozbeg da Horda de Ouro, usando os laços matrimoniais firmados com a irmã do khan mongol, obteve a preferência daquele líder e tornou-se grão-príncipe de Moscou. O triunfo de Yuri III foi breve, porque foi assassinado pelo filho de Mikhail III, de Tver, indignado por perder seu poder de coletor de tributos. O irmão de Yuri III, Ivan I, com a concordância do khan dos mongóis, assume, por sua vez, o título de grão-príncipe de Vladimir-Suzdal. Mas aproveitando a revolta de Tver, em 1327, para defender os mongóis, recebe o novo título de grão-príncipe de Moscou, posição que lhe permitiu enfrentar a República de Novgorod.

O reinado de Ivan I

O irmão e sucessor de Yuri III, Ivan I da Rússia (1288-1341), manteve o título de grão-príncipe graças à sua estreita cooperação com os mongóis. Essa relação também possibilitou a ascensão sobre a principal rival de Moscou na época: a cidade de Tver, que se revoltou contra a Horda de Ouro em 1327. Teve o levante reprimido pelas forças conjuntas dos mongóis e dos moscovitas. Ivan I também usou sua riqueza para expandir e adquirir terras e principados vizinhos, bem como para financiar a construção de igrejas de pedra, especialmente no Kremlin de Moscou. Em 1325, o metropolita (líder religioso) Piotr transferiu sua residência de Vladimir para Moscou, o que aumentou o prestígio do principado moscovita.

Ivan tornou-se o principal intermediário entre os senhores mongóis e os principados russos, que também pagavam um tributo adicional aos governantes de Moscou. A cidade prosperou e se beneficiou, assim como seu principal colaborador, da proteção contra os bandos mongóis que periodicamente assolavam os outros principados. Essa relativa segurança atraiu os nobres e seus servos, que vieram se estabelecer nas terras controladas por Moscou. Pela primeira vez, edifícios de pedra foram erguidos. Em 1339, o Kremlin foi cercado por uma paliçada e torres de carvalho. Os serviços prestados aos mongóis pelo príncipe de Moscou possibilitaram-lhe obter certos privilégios. Ele pôde, assim, passar o controle do principado para o filho mais velho e limitar a divisão entre todos os filhos. O khan também reforçou o papel de Moscou ao autorizar a transferência da sede da Igreja Ortodoxa de Vladimir para Moscou.

Sob o reinado de Ivan, a área do território dobrou de 20.000 para 40.000 km². Seus herdeiros mantiveram o título de grãos-príncipes. Em 1353, uma praga devastou Moscou e matou milhares de habitantes, incluindo ele e seus filhos. A cidade também foi destruída por incêndios em cinco ocasiões entre 1331 e 1365. Após o último deles, o príncipe Dimitri Donskoi decidiu cercar o Kremlin com muralhas de pedra. A área defendida pelas muralhas foi aumentada bastante, com o comprimento da parede expandido para 1.979 metros. O Kremlin de Moscou tornou-se a fortaleza mais poderosa da Rússia. Dimitri e seu sucessor construíram uma cadeia de mosteiros-fortalezas responsáveis por defender a cidade.

Dimitri Donskoi

Os sucessores de Ivan I continuaram a expandir seu território. Como resultado, eles rapidamente entraram em conflito de interesses com o Grão-ducado da Lituânia. O grão-duque lituano, Olgerd, aliado por casamento com Tver, empreendeu três expedições contra Moscou, em 1368, 1370 e 1372, sem conseguir derrubá-la.

Na década de 1350, o principado e a família real foram afetados pela Peste Negra. Dimitri I tinha nove anos quando seus pais morreram (1359) e o título de grão-príncipe de Vladimir caiu nas mãos de seu parente distante Dimitri III Constantinovich (1359-1362). Ele cultivou relações com a Igreja Ortodoxa, que estava experimentando um ressurgimento de influência na época, devido às reformas monásticas de São Sérgio de Rodonês.

Dimitri I Donskoi defendeu a ortodoxia ao unir os principados da Rússia em sua luta contra a Horda de Ouro. Ele desafiou a autoridade do khan e derrotou seu comandante Mamai na Batalha de Kulikovo, em 1380, embora Toklhtamysh invadisse Moscou alguns anos depois. Em 1389, ele entregou o grande principado a seu filho mais velho, Vassili I Dmitrievich, sem se preocupar em obter o acordo do khan. Vassili I e Vassili II (1371-1425) continuaram a política de seu pai. Depois do ataque de Tamerlan à Horda de Ouro, Vassili I não prestou homenagem ao khan. Mas depois do ataque de Edigu, em 1408, ele foi forçado a seguir uma política mais conciliatória com a Horda. Ele era casado com a única filha do grão-duque da Lituânia, Vitautas, o Grande, o que lhe permitiu evitar conflitos abertos com seu poderoso sogro, apesar da anexação de Smolensk por ele.

Esses anos de paz foram marcados pela expansão contínua do principado: no Leste, pela anexação de Nijny-Novgorod e Vladimir-Suzdal em 1392, e no Norte, pela anexação de Vologda em 1398. O período foi marcado por importantes reformas religiosas e uma certa renovação cultural, ilustrada pelos ícones e afrescos do monge Andrei Rublev. Centenas de mosteiros foram fundados pelos discípulos de São Sérgio de Rodonesei. Além da função cultural, esses mosteiros eram grandes latifúndios, o que marcava a economia e a sociedade das regiões vizinhas, muitas vezes isoladas.

Com a ascensão do sucessor de Vassili I e Vassili II (1415-1462), seu tio, Yuri IV, apresentou suas reivindicações ao trono. Um conflito fratricida marcou o país durante o reinado de Vassili II. Após a morte de Yuri IV, em 1432, suas postulações foram reapresentadas por seus filhos até 1450.

Embora ele tivesse sido expulso de Moscou, depois feito prisioneiro pelo governante de Kazan, Oleg Moxammat, e ainda tendo sido cegado em 1446, Vassili II finalmente conseguiu derrotar seus adversários e passar o trono para seu filho.

Ivan III

A expansão de Moscóvia, nos séculos XIV e XV, foi acompanhada por uma consolidação interna. No século XV, vários príncipes ainda reivindicavam sua autonomia ou independência. Ivan III (1440-1505) obrigou esses nobres a reconhecerem sua autoridade militar, judicial e diplomática. O Principado anexou a República de Novgorod, em 1478, e o Grão-principado de Tver, em 1485, e Ivan III adquiriu o Principado de Riazan por herança, enquanto os príncipes de Rostov-Veliki e Yaroslav prestavam homenagem a ele. O Grande Principado de Moscou tinha, portanto, total soberania sobre uma parte significativa das terras russas em 1480, quando o governo da Horda de Ouro acabou.

A República de Pskov permaneceu independente durante este período, embora tenha sido conquistada pelo filho de Ivan III, Vassili III (1469-1533). Mas Ivan III ainda estava enfrentando o Grão-ducado da Lituânia, com quem tinha disputas de fronteira pelo controle da bacia dos rios Dnieper e Don. Depois de uma longa guerra, concluída em 1503, contra a Lituânia, Ivan III estendeu seu principado para o Oeste da velha Rus' de Kiev. Ele completou assim a centralização do Estado antes de Ivan IV se coroar czar, em 1547. O primeiro plano da cidade foi desenhado em 1556 por Sigmund von Herberstein.

Em 1571, os tártaros do khanato da Crimeia invadiram e incendiaram Moscou. De 1610 a 1612, as tropas da República das Duas Nações (Polônia e Lituânia) ocuparam Moscou, e seu comandante, Sigismundo III, tentou usurpar o trono russo. Em 1612, os habitantes de Nijni-Novgorod e outras cidades russas, liderados pelo príncipe Dimitri Pojharski e Kuzma Minin, levantaram-se contra os invasores poloneses, ocuparam o Kremlin e os expulsaram. Em 1613, o Zemski Sobor[11] elegeu o czar Mikhail III, estabelecendo assim a dinastia Romanov.

Em suma, o Principado de Moscou (1263-1328) foi transformado em Grande Principado em 1328, status este que o Estado manteve até 1547, quando Ivan IV, o Terrível, assumiu o título de Czar de Todas as Rússias, o

que significou que reivindicava para o benefício exclusivo de Moscou a herança inteira do Principado da Rus' de Kiev, parte de cujos antigos territórios estavam então sob o domínio polonês-lituano. Em 1721 (sob Pedro, o Grande), o Estado de Moscou tornou-se o Império da Rússia.

Capítulo 15

A invasão da República das Duas Nações

Os "tempos terríveis" designam um período da história russa que abarca os anos de interregnum entre a morte do último dos varegues (escandinavos) de Moscou, o czar Teodoro Ivanovich, em 1598, e o estabelecimento da dinastia Romanov, em 1613. Causas: as colheitas entre 1601 e 1603 foram ruins, com temperaturas noturnas frequentemente abaixo de zero ocorrendo em todos os meses de verão, o que destruiu as culturas agrícolas e teve como consequência a fome de 1601-1603 na Rússia. A causa provável das mudanças climáticas foi a erupção do vulcão Huaynaputina, no Peru, no ano de 1600. A fome generalizada fez com que cerca de dois milhões de russos morressem, um terço da população da época. O governo então distribuiu dinheiro e comida para as pessoas pobres em Moscou, o que fez com que refugiados passassem a chegar à capital, aumentando a desorganização econômica.

Após a morte de Teodoro, sem deixar descendentes, seu cunhado e conselheiro mais íntimo, Boris Godunov[12] (de descendência tártara, mas cristão ortodoxo), foi eleito seu sucessor pela Grande Assembleia Nacional. Seu curto reinado (1598-1605) não teve tanto sucesso quanto a sua administração nos tempos do fraco Teodoro. O partido oligárquico, encabeçado pelos Romanov, considerou uma desgraça ter que obedecer a um simples boiardo. Conspirações eram frequentes, as áreas rurais encontravam-se devastadas pela fome e pelas pragas, grandes bandos armados vagavam pelo país cometendo todo tipo de atrocidades, os cossacos, na fronteira, estavam inquietos e o governo mostrava-se incapaz de manter a ordem.

Sob a influência dos grandes nobres, que tinham sido contrários à eleição de Godunov, o descontentamento geral tomou a forma de hostilidades, chamando o atual czar de usurpador. Rumores foram espalhados no sentido de que o irmão mais novo do último czar, Dimitri, supostamente morto, ainda estaria vivo e escondido. Em 1603, um homem dizendo-se ser Dimitri e reivindicando o direito ao trono apareceu na República das Duas Nações

(Polônia e Lituânia). Na realidade, o filho mais novo de Ivan IV, o Terrível, tinha sido estrangulado antes da morte de seu irmão por ordem de Boris Godunov (foi dito, mas nunca provado) e o misterioso indivíduo que se fazia passar pelo filho era um impostor; mas ele foi considerado o herdeiro legítimo por grande parte da população e conseguiu apoio tanto na Moscóvia quanto fora de suas fronteiras, na República e no Vaticano.

Alguns meses depois, ele cruzou a fronteira com o auxílio de uma pequena força de quatro mil poloneses, exilados russos, alemães e cossacos da região dos rios Dnieper e Don, que marcou o início da intervenção da República das Duas Nações (Polônia e Lituânia) na Moscóvia, ou as Guerras Dimitríades. Embora a República não tivesse oficialmente declarado guerra à Moscóvia (uma vez que seu rei Sigismundo III era contrário à intervenção), alguns poderosos magnatas decidiram apoiar o falso Dimitri com seus exércitos particulares e dinheiro, na expectativa de lucros maiores mais tarde. Imediatamente após a morte de Boris, em 1605, Dimitri fez sua entrada triunfal em Moscou.

O reinado de Dimitri foi breve. Antes de passar um ano de mandato, uma conspiração formou-se contra ele, articulada por um ambicioso e falso varegue – um príncipe chamado Vasilli Chuiski – e ele foi assassinado no Kremlin de Moscou juntamente com muitos de seus apoiadores. O chefe da conspiração, Chuiski, foi eleito czar por uma Assembleia composta por membros de sua facção, mas nem os boiardos moscovitas, nem os magnatas da República das Duas Nações, nem os cossacos, nem os mercenários alemães ficaram satisfeitos com a mudança e, logo, um novo impostor, igualmente de nome Dimitri, filho de Ivan IV, o Terrível, apareceu como sendo o legítimo herdeiro. Assim como seu predecessor, ele conseguiu a proteção e o apoio dos magnatas poloneses. Porém, após Chuiski assinar uma aliança com a Suécia, o rei da República das Duas Nações, Sigismundo III, resolveu oficialmente intervir nos assuntos internos da Rússia.

As tropas polonesas cruzaram as fronteiras da Rússia e sitiaram a cidade de Smolensk. Logo após, as forças combinadas russo-suecas foram destruídas na Batalha de Kluchino e Chuiski foi forçado a abdicar. Todavia, o falso Dimitri II não conseguiu galgar o trono porque o comandante polonês Stasnislav Zolevski apresentou outro candidato à mesma posição, na pessoa do filho de Sigismundo, Vladislav. Algumas pessoas em Moscou juraram a ele submissão, na condição de que seria mantida a crença

ortodoxa e lhes fossem garantidos alguns privilégios. Mantida a promessa, permitiu-se às tropas polonesas ocupar a cidade de Moscou e o Kremlin.

O rei polonês, contudo, se opôs ao compromisso, decidindo tomar para si o trono e pretendendo converter a Rússia ao catolicismo romano. Esse esquema não agradou a nenhuma das facções interessadas e despertou sentimentos anticatólicos e antipoloneses da nação. Ao mesmo tempo, estava desagradando aos suecos, que tinham se tornado rivais dos poloneses na costa do Báltico e declararam guerra à Moscóvia, criando um próprio falso Dimitri em Ivangorod. A Rússia estava, desse modo, em uma condição muito crítica. O trono ficou vago assim que Sigismundo e Vladislav deixaram Moscou, quando as tensões aumentaram. Os grandes nobres (boiardos) brigavam entre si, o patriarca Hermógenes foi preso, os poloneses católicos ocuparam o Kremlin de Moscou e derrubaram os muros da fortaleza de Smolensk.

A severidade da crise produziu um remédio, na forma de um sentimento patriótico sob a liderança de Kuzma Minin, um comerciante de Nijhny-Novgorod, e do príncipe Pojarski. Após o avanço em direção a Moscou em 22 de outubro (segundo o historiador russo Serguei Soloviov) ou 1º de novembro (conforme Nicolai Kostomarov), os invasores retiraram-se do Kremlin e, em 24-27 de outubro ou 3-6 de novembro, eles renderam-se para o triunfante Pojarski. Quatro de novembro é o dia em que a Federação Russa celebra oficialmente o Dia da Unidade Nacional: o dia da vitória dos russos.

Em 1612, o povo de Nijhni-Novgorod e de outras cidades russas, liderado pelo príncipe Dimitri Pojarski e Kuzma Minin, levantou-se contra os ocupantes poloneses, atacou-os no Kremlin e os expulsou. Durante a ocupação do Kremlin, os poloneses invadiram os porões da fortaleza, onde se encontravam as caves de bebidas alcoólicas, e completamente embriagados, facilitaram a vitória dos russos. Daí a expressão "embriagado (bêbado) como um polonês". Após a expulsão dos poloneses, uma Grande Assembleia Nacional elegeu como czar Mikhail Romanov, o filho mais novo do patriarca Filaret (Teodoro Romanov), que estava unido pelo casamento com uma antiga dinastia e tinha sido salvo dos inimigos por um heroico camponês chamado Susanin.

As Guerras Dimitríades, contra a República das Duas Nações, ainda durariam até o Armísticio de Deulino, em 1619; e a guerra com os suecos continuou até o Tratado de Stolbovo, em 1617. Ambas forçaram a Moscóvia

a fazer algumas concessões territoriais, embora a maioria delas viriam a ser resgatadas ao longo dos séculos. O mais importante foi que a crise serviu de instrumento para a união de todas as classes da sociedade russa em volta dos czares Romanov.

Capítulo 16

A dinastia Romanov

A casa dos Romanov é uma família nobre russa, tendo sido a segunda e última dinastia imperial que governou a Moscóvia e o Império Russo por oito gerações, entre 1613 e 1762. Entre 1762 e 1917, a Rússia foi governada por uma ramificação da casa de Oldenburgo, que manteve o sobrenome Romanov, hoje ainda utilizado por seus descendentes.

O primeiro czar Romanov que a Rússia teve foi Mikhail. O último foi Nicolai II, assassinado junto com sua esposa e filhos no porão da casa Ipatiev, na cidade de Ekaterinburgo, em julho de 1918, após a revolução de 1917. Houve boatos de que a grã-duquesa Anastácia, filha do último soberano da Rússia, sobrevivera ao massacre e estaria viva, mas cientistas provaram que ela morreu juntamente com o resto de sua família, as filhas e o filho de Nicolai, que foram enterrados perto da sepultura dos pais.

A origem dos Romanov remonta a 12 outras famílias nobres russas, cujo ancestral comum é Andrei Koliba, um boiardo a serviço de Simon I, da Rússia. Gerações posteriores associaram a Koliba uma ilustre nobreza. Inicialmente reivindicava-se que ele viera da Prússia para Moscou em 1341, onde seu pai fora um rebelde famoso. No final do século XVII, foi publicada uma linha genealógica fictícia, segundo a qual sua origem remontava a Júlio Cesar, ditador e general do Império Romano. A dinastia Romanov teve origem no reinado de Ivan IV, conhecido como Ivan, o Terrível (1530-1584), que era da dinastia Rurik (varegue escandinava) e foi o primeiro governante coroado como Czar de Todas as Rússias.

Capítulo 17

Pedro, o Grande

Em março de 1669, quando o czar Alexei tinha quarenta anos de idade, sua primeira consorte, a czarina Maria Miloslavskaia, morreu enquanto exercia sua "função dinástica essencial": a de dar à luz um herdeiro. Durante os 21 anos em que esteve casada com Alexei, Maria havia mostrado ser fecunda, uma vez que já havia gerado 13 crianças. Entretanto, quando faleceu, apenas dois filhos homens do primeiro matrimônio de Alexei seguiam vivos – Teodoro e Ivan –, ambos padecendo de uma saúde frágil.

Estava subentendido que caso o czar elegesse uma nova czarina, tal escolha seria voltada a uma filha da nobreza russa ortodoxa e não a alguma princesa estrangeira, uma vez que tal prática era desprezada e evitada na corte. Tal pensamento ajudou a isolar a Rússia do cenário de alianças com outras nações, surtindo, como efeito, a ganância e a cobiça entre as famílias nobres do czarado russo que tinham, entre suas filhas, a possível futura czarina.

Menos de um ano após a morte de Maria Miloslavskaia, Alexei já havia encontrado a sucessora de sua consorte. Deprimido e solitário, ele com frequência passava as noites na casa de seu ministro-chefe e amigo íntimo, Artemon Matveiev, um homem fascinado pela cultura ocidental e, portanto, incomum para a Moscóvia do século XVII. Foi durante uma dessas noites que os olhos do czar pousaram na jovem Natália Narichikina, que na época contava com 19 anos de idade. Era uma mulher alta, com curvas definidas e olhos negros adornados por longos cílios. Sem delongas, ordenou que, em fevereiro de 1670, ocorresse a cerimônia de inspeção. Tal evento consistia na reunião de mulheres de diversos patamares da nobreza com idade suficiente para o matrimônio. Elas seriam analisadas pelo czar em pessoa, e então, escolhidas pelo mesmo. Natália Narichikina, obviamente, estava entre as convidadas. Após uma série de inspeções, a escolha foi por fim confirmada. Em fevereiro de 1671, para desgosto dos Miloslavski – que consequentemente iriam perder altos cargos para os Narichikin –, Alexei desposou a jovem Natália. Ela trouxe consigo o frescor, a tranquilidade, a felicidade e um sentimento de renovação. O deleite do czar por sua esposa cresceu mais ainda quando, no outono de 1671, recebeu as boas novas de

que ela carregava um filho em seu ventre.

Em 30 de maio de 1672, à uma hora da manhã, Natália deu à luz um robusto e saudável menino de quase meio metro de estatura. Ele recebeu o nome de Piotr (Pedro) Alexeievich Romanov, em homenagem ao apóstolo. Era inteligente, ativo e barulhento. Cresceu rapidamente. A maioria das crianças começa a andar por volta de um ano de idade, mas Pedro já dava seus primeiros passos aos sete meses.

O forte menino foi crescendo com saúde. Seu pai gostava de levá-lo consigo em excursões ao redor de Moscou. No entanto, de forma repentina, quando tinha três anos de idade, no início de 1676, o czar Alexei faleceu de uma forte gripe. Privados de seu poderoso defensor e com seus demais apoiadores afastados do governo, Natália e seus dois filhos desapareceram da vida pública.

O novo czar da Rússia era agora o adoentado meio-irmão mais velho de Pedro, Teodoro, que se tornou Teodoro III. Logo, deu-se início à educação de Pedro. Nikita Zotov, um eclesiástico, foi selecionado para ser o tutor do czarevich. A tarefa de Zotov consistia apenas em ensinar Pedro a ler e escrever, mas ele logo encontrou seu pupilo ansioso para ir além. Um grande globo terrestre enviado da Europa Ocidental era o fascínio do jovem. Nos seis anos de reinado de Teodoro, a vida de Pedro passou sem sobressaltos. Embora quase sempre enfermo, Teodoro realizou uma grande reforma: a abolição do sistema medieval de precedência, um peso massivo na administração pública, que decretava que os nobres só podiam aceitar cargos na administração pública ou militar de acordo com sua posição. Teodoro faleceu sem herdeiros. Os dois candidatos vivos eram o irmão de dezesseis anos do falecido czar, Ivan, e o meio-irmão de dez anos, Pedro. Em condições normais, Ivan teria sido escolhido sem contestações. No entanto, ele era quase cego, coxo e falava com dificuldade, ao passo que Pedro era ativo e inteligente...

A escolha entre os dois deveria ter sido feita pela Zemski Sobor, assembleia popular. Entretanto, uma reunião de tal magnitude levaria semanas. Naquele momento, Pedro e Ivan foram apresentados ao povo nas portas do palácio. Pedro foi o eleito. A crise na Rússia havia então chegado ao fim. Natália, sua mãe, governaria como regente e, mais uma vez, os Narichikin tomaram as rédeas do governo. Entretanto, eles esqueceram da czarina Sofia, uma irmã de Ivan. O Terem, onde mulheres da classe alta da

sociedade moscovita eram confinadas, isoladas do mundo como em um harém turco, deveria ter sido o mundo de Sofia. Entretanto, ainda criança, ela havia participado de aulas com o irmão mais velho e tinha um agudo senso político. A morte de Teodoro III, a queda de influência de sua família e a súbita entrega do poder a Pedro foram duros golpes para a czarina.

A tensão entre as duas famílias culminou quando, em 15 de maio de 1682, membros do círculo familiar dos Miloslavski fizeram correr o boato de que os Narichikin haviam assassinado o czar Ivan. Os streltsi (lanceiros e mosqueteiros, guardas do czar), que protegiam o Kremlin, explodiram em euforia e começaram a avançar pelas ruas em direção ao palácio, a fim de punir os supostos regicidas. Amontoados diante da Escada Vermelha – que levava da praça ao palácio –, exigiam sangue e vingança, entoando o discurso de "entreguem-nos os Narichikin e os demais traidores!". Em um ato de coragem e desespero, a czarina Natália foi ao encontro do regimento juntamente com Pedro e Ivan. Diante da farsa evidente, vários ficaram atordoados. Entretanto, alguns não perderam a oportunidade de assassinar boiardos (aristocratas russos) odiados. Em questão de minutos, os streltsi invadiram o palácio, arrastaram vários boiardos de seus aposentos e os fizeram em pedaços.

Agora não havia mais oposição. Uma das exigências dos streltsi era que Ivan fosse entronizado czar juntamente com Pedro, sob a regência da czarina Sofia. E assim foi feito. Enquanto Sofia governava, Pedro deixou Moscou, indo crescer no interior do país, fora da cidade, apenas exercendo funções cerimoniais.

Tal revolta marcou Pedro por toda a sua vida. A calma e a segurança de sua infância foram estilhaçadas, e sua alma, torcida e causticada. Isso conferiu-lhe certo asco pelo local do ocorrido. Mais tarde, suas aversões tiveram consequências significativas. A antiga capital seria substituída por São Petersburgo, local no Báltico escolhido por ele. Pedro passou a detestar a pompa e a religiosidade que beiravam o delírio dos antigos moscovitas, os quartos escuros e os labirintos de pequenos aposentos, iluminados por chamas de velas no Kremlin, e as mulheres pateticamente isoladas e submissas. O exílio político dos Narichikin acabou sendo a boa sorte de Pedro. Ele passou a viver longe do centro do poder.

Pedro, que agora passava a maior parte do tempo na casa de campo e caçando em Preobrajenskoe, no Rio Iauza, poderia retomar sua infância; sua

brincadeira favorita era a simulação de uma guerra. Até certo ponto, os passatempos bélicos de Pedro haviam transformado a casa de veraneio em um acampamento militar para adolescentes. A partir desse conjunto de jovens nobres e plebeus – que também eram permitidos – viria a criar o Regimento Preobrajenskoe, primeiro regimento da Guarda Imperial Russa, cujo coronel era o czar da Rússia – tal sistema manter-se-ia até a queda da monarquia, em 1917. O jovem também recusava posições mais altas em qualquer organização militar ou naval. Ele estava disposto a ser promovido quando sentisse que sua competência e seus serviços justificassem, por mérito, tal promoção.

Com a relutância da czarina Sofia em deixar o poder, a maioridade de Ivan já atingida e a de Pedro que estava por vir, os aliados da regente acabaram por se perguntar sobre a obsolescência da regência. Somando-se a isso, Pedro reivindicava agora o poder para si e para o meio-irmão, sem a interferência de Sofia. Logo, sem apoio, a mulher que comandara a Rússia por sete anos veria sua vida mudar drasticamente. Com a ajuda de seus aliados, Pedro – com 17 anos de idade – colocou Sofia no Convento de Novodevitch, local que seria sua morada pelos próximos quinze anos. Entretanto, é necessário ressaltar que no século que se seguiu o papel da mulher real na Rússia sofreria uma transformação. Foram quatro soberanas que sucederam Pedro no poder. Com sua determinação e impulso por governar, foi Sofia, portanto, a responsável por abrir o caminho para esse regime feminino de governantes.

Capítulo 18

As lições da Holanda: o Império Russo até a fundação de São Petersburgo

Desde a criação da marinha russa, passando pela fundação daquela que foi a capital do país, São Petersburgo, a enorme Rússia aprendeu muito com um pequeno país situado às margens do Mar do Norte: a Holanda.

No início de agosto de 1697, um jovem czar vestido de maneira simples, para não ser reconhecido, chegou à cidade holandesa de Zaandam. Ele bateu à porta de um ferreiro holandês e pediu um espaço para alugar. Sob a falsa identidade de Piotr Mikhailov, ele queria ficar incógnito, mas a enorme comissão que o acompanhava dificultava essa intenção demasiadamente. O czar estava em uma missão importante; afinal de contas, ela acabaria definindo o futuro de todo o Império Russo.

Foi ali, na República Holandesa, que realmente começou a jornada do czar Pedro, o Grande e a Grande Embaixada (como ficou conhecida sua missão diplomática à Europa Ocidental). A Rússia estava atrasada relativamente ao resto da Europa em termos de progresso e inovação. Cansada das estranhas tradições de seus compatriotas, Pedro sentiu a necessidade de abrir as portas para a sociedade ocidental. Seu objetivo era, assim, conduzir a Rússia a uma era de iluminação para, finalmente, modernizar e ocidentalizar o país. Suas reformas foram a base do sistema estatal russo durante toda uma era, até 1917.

Carpinteiro, o Grande

Uma marinha eficiente era parte dos esforços de modernização de Pedro e uma necessidade absoluta. A marinha russa, então, praticamente inexistia e o conhecimento sobre construção naval era, portanto, bastante limitado. A Holanda era uma nação marítima bem estabelecida, o que foi motivo suficiente para que o jovem governante e sua comitiva decidissem fazer uma visita educacional muito necessária aos Países Baixos. Pedro era um czar

imensamente curioso. Ele queria experimentar e observar o cotidiano da Europa por si só. Assim, ele alugou uma pequena residência de madeira e construiu uma casa de banho no jardim. Pedro queria passar um bom tempo ali e considerava o banho simplesmente necessário. A casa em que o czar Pedro residiu durante sua estada de oito dias em Zaandam ainda existe. Para preservá-la, o rei holandês, Willem, a comprou em 1818 e deu de presente para a nora, Anna Pavlovna, irmã do czar Alexandre I. Uma estrutura especial foi construída em torno da casa original para protegê-la. Conservada, atualmente, é uma das estruturas de madeira mais antigas de toda a Holanda e está aberta aos visitantes diariamente.

Na manhã seguinte, Pedro começou a trabalhar como carpinteiro em um estaleiro de Zaandam. Mas ele passaria pouco tempo ali, já que era facilmente reconhecível pelos membros da nobreza. Não é preciso dizer que as notícias da visita do czar espalharam-se rapidamente pelo país. Centenas de pessoas iam às ruas procurando ver, nem que fosse de relance, o peculiar visitante chegado do Leste. Como as autoridades locais também foram informadas, elas convidaram Pedro para assistir ao lançamento de um novo navio. O czar aceitou cordialmente o convite. Dizem, no entanto, que quando ele abriu a porta e viu a enorme multidão esperando-o do lado de fora, recuou e bateu a porta para não ter de enfrentar aquela aglomeração.

Tendo passado um tempo suficiente em Zaandam, ele partiu para Amsterdã. O prefeito da capital holandesa recebeu o visitante real e organizou um novo local de trabalho no estaleiro cercado da Companhia das Índias Orientais Holandesas. Assim, o czar-carpinteiro arregaçou as mangas novamente e foi enfrentar o batente. Pedro e seus acompanhantes ficaram 4 meses em Amsterdã. Ele se dedicava principalmente ao ofício da construção naval, mas também estava interessado em outras novidades que a cidade oferecia. Assim, dedicou-se à arte da jardinagem e à impressão de livros. Além disso, suas habilidades com o machado também se mostrariam altamente eficazes para algo tão diferente.

Apesar de Pedro não gostar muito da prática dos holandeses de usar técnicas que estavam fora de moda, ele convidou centenas de construtores navais para trabalhar no seu país. Como a construção naval era uma arte inteiramente nova na Rússia, a maioria dos termos náuticos sequer existia na língua russa. O czar ficou conhecido por mudar essa realidade e adicionar muitas novas palavras ao dicionário russo. Sem passar realmente

por uma russificação, palavras como *vimpel* (proveniente da palavra holandesa *wimpel*, que significa galhardete) e *chturman* (do holandês, *stuurman*, colega de bordo) são usadas até os dias atuais.

Mas a Holanda não foi a única parada de Pedro na Europa. A convite do inglês William III, que também foi titular das Províncias Unidas, a Grande Embaixada Russa visitou a Inglaterra. Ele passou três meses ali, boa parte dos quais esteve nas docas reais de Deptford, onde observou e passou a dominar a renomada abordagem matemática inglesa para a construção naval. Pedro também visitou arsenais reais, oficinas, museus, lojas de curiosidades e teatros anatômicos. Ele esteve no Parlamento e na Universidade de Oxford, no Observatório de Greenwich e na Casa da Moeda Real, na Torre de Londres.

A única coisa que faltou em seu roteiro foram galerias. Pedro não se envolvia com as artes. Assim, ele ignorou a magnífica galeria do Palácio de Kensington, mas ficou impressionado com um cata-vento que William III lhe mostrou.

A fundação de São Petersburgo

A nova capital da Rússia foi fundada em 1703 pelo czar Pedro, o Grande, em uma área que havia muito tempo era disputada pelo Reino da Suécia. Com seu planejamento urbano decididamente moderno e sua estética de origem estrangeira, a cidade permitiria à Rússia abrir uma "janela para a Europa" e contribuir, de acordo com o desejo do czar, para elevar a nação ao posto de uma grande potência europeia. O centro da cidade, construído segundo as diretivas dos soberanos russos, apresenta uma arquitetura única que mistura estilos arquitetônicos (barroco, neoclássico), aclimatados de forma original por arquitetos frequentemente de origem italiana. Sua beleza combinada com a existência de muitos canais lhe valeram o apelido de Veneza do Norte. A cidade está na lista do Patrimônio Mundial da Unesco desde 1990.

Existe uma lenda ligada à fundação de São Petersburgo. O czar Pedro I estava visitando uma ilha no delta do Rio Neva. Pegou uma pá de um soldado e, cortando dois pedaços do gramado, os sobrepôs formando uma cruz e exclamou: "Que a cidade seja aqui!". Naquele exato momento, uma águia apareceu no céu. Pedro I plantou dois postes com uma travessa servindo como um portal, no qual o orgulhoso pássaro pousou. O czar

pegou a ave e passou pelo portal. Essa é a lenda...

Na verdade, o czar Pedro passou bons tempos na República Holandesa e aproveitou para exigir um novo porto em casa para aprimorar o comércio marítimo entre a Europa e a Rússia. O principal porto da Rússia na época era o de Arkhanguelsk, mas ele ficava frequentemente congelado no inverno, devido a sua localização, no Norte. Assim, o soberano ordenou a construção de uma nova capital, em 27 de maio de 1703. Foi assim que nasceu a "janela para a Europa" de Pedro: a Veneza do Norte Russo, São Petersburgo. Devido a sua obsessão pela Europa, Pedro ordenou que a cidade fosse projetada assim como a capital holandesa, Amsterdã, o que resultou nos muitos canais e pontes da nova capital russa.

Seu novo estaleiro – "Almirantado" – foi composto por construtores navais holandeses e ingleses renomados. Tudo em São Petersburgo foi cuidadosamente planejado e projetado com a ajuda de inúmeros arquitetos estrangeiros, muitos deles holandeses e franceses. Quase todos os prédios da cidade tinham o estilo barroco petrino, uma mistura do estilo russo e outros estilos barrocos europeus, principalmente o holandês.

A construção de São Petersburgo levou décadas. Os famosos passeios de granito foram feitos quase 200 anos depois e, assim, os canais da época eram praticamente valas enlameadas.

O interesse do czar pelo corpo humano, que nasceu após sua visita à Universidade de Leiden, acabou levando à criação do primeiro museu da Rússia: o Kunstkamera. Um decreto de Pedro ordenava que tudo o que ele considerasse especial fosse transportado para São Petersburgo. O museu funciona até os dias de hoje e ainda tem a coleção original de Pedro, além de obras adicionais que foram acrescentadas ao longo dos anos, que totalizam quase 2 milhões de itens.

Os canais de Amsterdã deveriam facilitar o transporte de mercadorias e pessoas, mas acabaram representando uma grande ameaça para a vida cotidiana de seus cidadãos. Isso porque, durante as tempestades, a cidade ficava fortemente sujeita a inundações. Desde sua fundação, em 1703, mais de 300 inundações foram registradas ali. A pior delas ocorreu em 1824, quando o nível da água subiu quatro metros, deixando a cidade destruída e com milhares de baixas.

Depois de visitar diversos países estrangeiros, entre eles a França e a Áustria, a Grande Embaixada de Pedro foi interrompida em 1698. Os

regimentos de proteção do czar, na Rússia, não estavam gostando dos esforços para ocidentalizar o país, empreendidos pelo czar, e iniciaram uma revolta, fazendo com que Pedro decidisse retornar.

A visita de Pedro a Paris

Em 1717, Pedro, o Grande, fez uma viagem emblemática à França. O soberano passou os meses de maio e junho em Paris, no Palácio de Versalhes. Sua viagem, além do lado diplomático de reaproximação nas relações entre França e Rússia, foi uma viagem de pesquisa. Pedro era um grande admirador da cultura europeia – e, particularmente, francesa – e buscava inspiração na arte, arquitetura e artesanato franceses a fim de implementar algo semelhante na Rússia. Seu Palácio Peterhof, em São Petersburgo, foi construído usando Versalhes como modelo. Essa viagem foi tão memorável e importante para os dois países que mesmo hoje, 300 anos depois, ela é lembrada e comemorada. Durante todos os meses de maio e junho, a conta do Palácio de Versalhes no Twitter publica uma série de posts intitulada *Pedro, o Grande – Viagem*, que conta um pouco do dia a dia das visitas que o czar russo fez durante aquela sua estada na França.

Capítulo 19

A invasão dos suecos: a Grande Guerra do Norte

Um conflito entre 1700 e 1721 opôs a Suécia de Carlos XII – aliada à parte da nobreza polonesa de Stanislas Leszconski – aos cossacos ucranianos de Ivan Mazepa e ao Império Otomano.

A Rússia de Pedro I, o Grande, era aliada do rei da Polônia (e eleitor[13] da Saxônia), Augusto II; do rei da Dinamarca, Frederico IV; do rei da Inglaterra, Jorge I; e o rei da Prússia, Frederico Guilherme I (e eleitor de Brandemburgo). A aliança antissueca inicialmente integrava a Rússia, a Dinamarca e a Saxônia, que declararam guerra à Suécia e lançaram uma tripla ofensiva contra as possessões daquele país no Báltico, aproveitando a chegada ao trono de Carlos XII, que tinha apenas 18 anos. Mas a Suécia rechaçou as forças russas em Narva, impôs uma paz em separado à Dinamarca, além de obrigar os soldados de Augusto II a se retirarem para a Saxônia, provocando também a renúncia ao trono da Polônia, ocupado desde 1704 por Stanislas Leszconski, sob a proteção sueca.

Carlos XII lançou então uma grande ofensiva contra a Rússia, mas essa campanha terminou com o desastre da Batalha de Poltava, provocando o exílio de Carlos no Império Otomano, onde permaneceu até 1714. Depois de Poltava, a coalizão inicial antissueca foi restabelecida e Augusto II tornou-se o rei da Polônia novamente. As forças suecas do Sul e do Leste do Mar Báltico foram expulsas e seus domínios divididos entre os membros da coalizão. A Suécia foi invadida pela Dinamarca no Oeste e pela Rússia no Leste. A ofensiva dinamarquesa foi repelida em Helsiingborg (1710), mas a Rússia conseguiu tomar a Finlândia e infligir pesadas perdas à marinha sueca e às fortificações costeiras.

À coalizão juntou-se George I, em 1714, por Hannover, e, em 1717, pela Grã-Bretanha, e Frédéric-Guillaume I, em 1715. Carlos XII, retornando da Turquia, abriu uma frente na Noruega, mas foi morto em Fredriksten em 1718. Essa derrota da Suécia e a morte de Carlos XII pôs fim à monarquia absoluta, dando início à "era da liberdade", tornando a Rússia a principal potência do Mar Báltico, bem como uma nação importante nas questões

europeias depois da Batalha de Poltava (8 de julho de 1709) e um ator relevante nos assuntos europeus.

A primavera de 1703

A Rússia estava no meio da Guerra do Norte contra a Suécia para recuperar seus territórios. Desde os séculos VIII e IX, as margens do Neva pertenciam à Rússia de Novgorod, mas no século XVII, essas áreas foram ocupadas pelos suecos. Em 1702, os exércitos russos capturaram a fortaleza sueca de Noteburgo, localizada na nascente do Rio Neva. O czar Pedro I a renomeou para Schloteburgo, que significa "cidade-chave", e ele ordenou que a chave da fortaleza fosse fixada em uma das torres: essa chave era para abrir o caminho para o Mar Báltico! Em 1º de maio de 1703, a fortaleza sueca de Nienchanz, localizada na margem direita do Neva, onde corre o Rio Okhta, rendeu-se aos russos.

Pedro I rebatizou essa fortaleza em Nienchanz com o nome de "a fechadura da fortaleza". Portanto, "a chave" e "a fechadura" estavam nas mãos dos russos, com o sonho do jovem czar sendo assim realizado. Em um esforço para se fortalecer nas margens do Mar Báltico, Pedro I decidiu construir uma nova fortificação na Ilha de Einissari, que em finlandês significa "a Ilha das Lebres". É uma pequena ilha com apenas 600 metros de comprimento e 360 metros de largura. Ela era protegida de todos os lados pelo Rio Neva, que ali se dividia em dois braços (o Grande e o Pequeno Neva) e por um rio que a circunda pelo lado Norte. Em toda a ilha o terreno era plano: a artilharia poderia disparar em qualquer direção.

Os primeiros construtores se estabeleceram na "Ilha das Lebres". Esse dia é considerado a data da fundação de São Petesburgo, em 1703. Naquela época, o próprio czar estava em Ládoga, onde a nova frota russa estava sendo construída. O trabalho de fundação da fortaleza foi chefiado por seu assistente mais próximo. Alexandre estava muito interessado na construção. Chegou mesmo a ordenar que fosse erguida uma casinha para ele na Ilha do Vidoeiro, não muito longe, onde passaria o verão. No início, essa fortaleza recebeu o nome de São Petersburgo, a fortaleza de São Pedro, que viria a ser a chave das portas marítimas e a saída para o mar. São Pedro, padroeiro-protetor de Pedro I, costuma ser representado com as chaves nas mãos: são as chaves do paraíso. É por isso que o czar batizou a fortaleza com esse nome, em homenagem ao seu padroeiro. Mais tarde o mesmo nome foi

outorgado a toda a cidade.

Capítulo 20

As reformas de Pedro, o Grande

Pedro I, com suas reformas, pretendia modernizar o czarismo da Rússia (mais tarde Império Russo) com base nos modelos da Europa Ocidental e Central. Ele governou a nação, no começo, juntamente com seu meio-irmão Ivan V, e após a morte dele, em 1696, iniciou sua série de reformas radicais. A princípio, pretendia que essas transformações apenas o apoiassem na Grande Guerra do Norte, de 1700 a 1721. Mais tarde, reformas mais sistemáticas mudaram significativamente a estrutura interna e a administração do Estado. Durante esse confronto, que dominou a maior parte do reinado de Pedro, a Rússia assumiu o controle do Mar Báltico e ganhou considerável influência na Europa Central e Oriental. Porém, o conflito, um das mais caros da história na época, consumiu recursos financeiros e econômicos significativos.

Durante sua Grande Embaixada na Europa Ocidental, Pedro conduziu negociações com várias potências para fortalecer sua posição contra a Suécia e o Império Otomano; sua exposição às nações mais desenvolvidas da Europa Ocidental o motivou a tomar medidas para transformar seu reino em uma economia industrial. Apesar do vasto tamanho e dos consideráveis recursos naturais da Rússia, vários fatores, incluindo corrupção e ineficiência, prejudicaram seu crescimento econômico. Pedro acreditava que uma reforma direcionada poderia não apenas fortalecer seu controle do poder, mas aumentar a eficiência do governo e, assim, melhorar o destino de seu povo.

Outro objetivo importante das reformas de Pedro foi reduzir a influência dos boiardos, a nobreza de elite da Rússia, que enfatizava a supremacia eslava, que se opunha à influência europeia. Embora sua ingerência tivesse diminuído desde o reinado de Ivan, o Terrível, a Duma Boiarda, um conselho consultivo do czar, ainda exercia um poder político considerável. Pedro via-o como atrasado, impedindo a europeização e as reformas necessárias. Ele visou especificamente aos boiardos, com a aplicação de vários impostos e serviços obrigatórios, incluindo uma taxação sobre as

barbas, além de tornar obrigatório o uso de vestimentas de acordo com a moda europeia.

Como a maioria do sistema jurídico da Rússia na época, as reformas de Pedro foram codificadas e articuladas em uma série de decretos reais.

Antes do governo de Pedro, o sistema administrativo da Rússia era antiquado em comparação com o de muitos países da Europa Ocidental. O Estado fora dividido em uyvezdes, que consistiam principalmente de cidades e seus arredores imediatos; esse sistema separava a população de maneira desigual e era extremamente difícil de administrar. Em 1708, Pedro aboliu essas antigas subdivisões nacionais e estabeleceu em seu lugar governos de províncias: Moscou, Kiev, Smolensk, Archangelgorod, Kazan, Azov e Sibéria. Outro decreto, em 1713, estabeleceu Landrats (da palavra alemã para "conselho nacional") em cada uma das províncias, compostas por oito a doze funcionários públicos profissionais, que ajudavam um governador nomeado entre os membros da realeza.

A desconfiança de Pedro em relação aos boiardos, elitistas e antirreformistas, culminou, em 1722, com a criação da Tabela de Posições, como uma lista formal de graduações nas forças armadas, no governo e na corte imperial russa. A tabela estabeleceu um sistema complexo de títulos honoríficos, cada um classificado com um número (I a XIV), denotando um nível específico de serviço ou lealdade ao czar. As suas origens estão no sistema de classificação militar da Rússia, que também foi significativamente modificado e revisado sob o governo de Pedro, o Grande.

O estabelecimento da Tabela de Posições (ou Mesa das Fileiras) foi uma das reformas mais audaciosas de Pedro, que significou um golpe direto no poder dos boiardos, mudando significativamente a sociedade russa. Anteriormente, os cargos de alto escalão do Estado eram hereditários, mas com o estabelecimento da Tabela de Posições qualquer um, incluindo um plebeu, poderia organizar seu caminho até a hierarquia burocrática com trabalho duro e habilidade suficiente. Uma nova geração de tecnocratas logo suplantou a velha classe boiarda e dominou o serviço público na Rússia. Com modificações mínimas, a Tabela de Posições permaneceu em vigor até a Revolução Russa de 1917.

Finanças e comércio

A Grande Guerra do Norte exigiu recursos econômicos sem precedentes,

e o enorme déficit orçamentário e a infraestrutura envelhecida da Rússia significavam que o Estado não poderia alocar capital com eficácia em tempo de guerra. O governo de Pedro precisava constantemente de dinheiro e, a princípio, reagiu monopolizando certas indústrias estratégicas, como a de sal, vodca, carvalho e alcatrão. O czar também tributou muitos costumes culturais russos (como banho, pesca, apicultura e uso de barbas) e emitiu selos fiscais para produtos de papel e roupas de moda europeia. No entanto, com cada novo imposto, surgiam novas brechas e maneiras de evitá-lo, e assim, ficou claro que a reforma tributária simplesmente não era suficiente.

A solução foi uma nova taxa abrangente, que substituiu um imposto doméstico sobre terras cultivadas. Anteriormente, os camponeses contornavam o tributo combinando várias famílias em uma propriedade. Agora, porém, cada camponês era taxado individualmente com um imposto de 70 kopeks, pago em dinheiro. Este foi significativamente mais pesado do que os impostos substituídos e isso permitiu que o Estado russo pudesse expandir sua tesouraria em quase seis vezes entre 1680 e 1724. Pedro introduziu também políticas protecionistas comerciais, colocando tarifas pesadas sobre a importação, como forma de manter um ambiente favorável para produtos de fabricação russa.

Estrutura de classes

O reinado de Pedro aprofundou a subjugação dos servos à vontade dos proprietários de terras. Ele impôs firmemente a divisão de classes, acreditando que "assim como o proprietário da terra devia ser vinculado ao serviço e o homem da cidade ao seu comércio ou artesanato, o camponês deveria estar ligado à terra". Pedro concedeu aos donos de propriedades amplos novos direitos, incluindo a exigência de que nenhum servo deixasse a propriedade de seu senhor sem permissão por escrito. Além disso, o novo código tributário expandiu significativamente o número de trabalhadores tributáveis, transferindo uma carga ainda mais pesada para os ombros da classe trabalhadora.

Algumas das reformas um pouco mais progressistas de Pedro imitaram os ideais do Iluminismo. Ele criou, por exemplo, uma nova classe de servos, conhecidos como "camponeses de Estado", que tinham direitos mais amplos do que os servos comuns, mas pagavam taxas ao Estado. Também concebeu lojas de artesanato sancionadas pelo governo em grandes cidades, inspiradas

por estabelecimentos semelhantes que ele havia conhecido na Holanda, para fornecer produtos para o exército. As evidências até sugerem que os conselheiros de Pedro recomendaram a abolição da servidão e a criação de uma forma de "liberdade limitada". Dessa forma, a distância entre escravos e servos diminuiu consideravelmente sob Pedro e, no final de seu reinado, os dois eram basicamente indistinguíveis.

Em 22 de fevereiro de 1711, um novo corpo estatal foi estabelecido por decreto, o Senado Governante. Todos os seus membros foram nomeados pelo czar Pedro I dentre seus próprios associados e originalmente consistiam de 10 pessoas. Todas as nomeações e renúncias de senadores ocorriam por decretos imperiais pessoais. O Senado foi um órgão permanente do Estado. Em 12 de dezembro de 1717, Pedro I estabeleceu nove colégios ou conselhos que substituíram os antigos prikazs (ordens). Cada colégio tinha um presidente.

Sucesso das reformas de Pedro, o Grande

Essas reformas o separaram ou distanciaram dos czares que o precederam. Na Rússia moscovita, as funções do Estado limitavam-se principalmente à defesa militar, cobrança de impostos e aplicação das divisões de classes. Em contraste, a legislação sob o governo de Pedro cobriu todos os aspectos da vida com detalhes exaustivos e afetou significativamente o cotidiano de quase todos os cidadãos russos. O sucesso das reformas contribuiu muito para a vitória da Rússia na Grande Guerra do Norte. A expansão da receita e da produtividade aumentou a força da máquina de guerra russa. Mais importante, entretanto, foi o fato de que Pedro criou um Estado policial bem ordenado, que legitimou e fortaleceu ainda mais o regime autoritário na Rússia. Uma prova dessa influência duradoura são as muitas instituições públicas na União Soviética e na Federação Russa, como a Universidade Estatal de Moscou, que remontam ao governo de Pedro, o Grande.

Enigmas da história ou quem matou Pedro, o Grande?

O imperador morreu quando tinha apenas 52 anos. Fontes oficiais dizem que a morte do czar russo foi resultado de inflamação da bexiga e gangrena causada pela retenção urinária. Teria mesmo sido assim? O famoso

historiador S. M. Soloviev, em sua *História da Rússia desde os tempos antigos*[14], indica que o czar pediu, antes da morte, papéis e uma caneta para escrever um testamento, mas suas mãos não obedeciam e ele pôde escrever apenas as palavras: "De volta a tudo". Depois ordenou que sua filha Anna fosse chamada para ditar a ela suas vontades. Mas quando ela chegou, Pedro já não conseguia pronunciar uma sílaba sequer. Poderia uma doença da uretra, que ocorre dentro do corpo, causar uma perda da função motora externa e da voz no imperador? Para qualquer pessoa, essas circunstâncias devem parecer muito estranhas.

É preciso considerar que alguns meses antes da morte de Pedro houve uma briga com sua esposa Catarina, que ocorrera por causa de um adultério dela. Como resultado, ele teria sido invadido por pensamentos sobre a execução de sua esposa ou sobre seu exílio no mosteiro. Seria lícito afirmar que esses sinais (perda da função motora das mãos e da voz) poderiam ter sido o resultado da ação de um veneno, que intensificara a doença do imperador?

A morte de Pedro era também desejada no Ocidente, que ficava do outro lado do poder czarista, que estava ganhando força e atingindo o Báltico e o Mar Negro. Destruindo o imperador, a Europa poderia levar o urso russo de volta à sua toca, que não tinha acesso aos mares quentes do mundo. O seu falecimento proporcionou uma trégua ao Ocidente. Com a morte de Pedro, o Grande, Catarina I assumiu o trono russo.

A sucessão

Pedro teve duas esposas e catorze filhos, mas apenas três sobreviveram e chegaram até a idade adulta. Após o retorno de sua turnê europeia, em 1698, tentou terminar seu infeliz casamento arranjado com Eudóxia Lopukhina. Ele se divorciou da czarina e forçou-a a entrar num convento. Apenas uma criança, fruto do casamento – Alexei –, sobreviveu além de sua infância. Em 1712, casou-se formalmente com sua amante de longa data Marta Skavronskaya, que em sua conversão à Igreja Ortodoxa Russa adotou o nome de Catarina.

Pedro suspeitou que seu filho mais velho e herdeiro, Alexei, estivesse envolvido em uma conspiração para derrubá-lo. Alexei foi julgado e, sob tortura, confessou a culpa durante o interrogatório conduzido por um tribunal secular. Ele foi condenado e sentenciado a ser executado. A

sentença só poderia ser cumprida com a autorização assinada por Pedro, mas Alexei morreu na prisão quando o czar ainda hesitava a tomar a decisão. Em 1724, Pedro teve sua segunda esposa, Catarina, coroada como imperatriz, embora ele permanecesse o governante real da Rússia. O czar morreu um ano depois sem nomear seu sucessor. Como Catarina representava os interesses dos "novos homens", plebeus que haviam sido colocados em posições de grande poder por Pedro com base na competência, um golpe de sucesso foi arranjado por seus partidários para evitar que as velhas elites controlassem a sucessão.

Capítulo 21

As imperatrizes: quatro mulheres governaram a Rússia no século XVIII

A Idade Moderna trouxe consigo não só a formação do Estado Absolutista e a difusão de novas ideias, advindas do pensamento renascentista e iluminista, como também a entrada, cada vez maior, de mulheres na esfera política, uma seara na qual sua atuação costumava ser bastante limitada. No século XVI, reinos como o da Espanha, Portugal, Inglaterra, Escócia e Países Baixos experimentaram a ascensão do que se convencionou chamar, recentemente, de "monarquia de gênero", com um número crescente de princesas e rainhas governando, ora como regentes (Portugal, França e Países Baixos), ora com seu próprio nome. Entre os anos de 1725 e 1796, por exemplo, a Rússia foi palco não de um, mas de quatro reinados ocorridos quase que em ordem sucessória, cujas figuras de destaque foram mulheres.

Uma sequência de golpes de Estado pôs no trono russo personalidades como Catarina I, Anna I, Elizabete I e Catarina II, a Grande, responsáveis em grande parte pela modernização do país.

Catarina I da Rússia

Em 5 de fevereiro de 1722, o czar suspendeu o princípio de primogenitura masculina, adotado até então, e estabeleceu que o monarca tinha o direito de escolher seu herdeiro, independentemente de ser homem ou mulher. Dois anos depois, Pedro I nomeou sua esposa, Catarina, como corregente da Rússia. Em 1725, quando o imperador morreu sem, contudo, escolher um sucessor, a candidatura de Catarina ao trono foi apoiada pelos regimentos da guarda – Semenovsky e Preobrajensky –, além de setores importantes da aristocracia, que viam na czarina a garantia da manutenção de seu poder. Imediatamente, o Santo Sínodo, o Senado e os Altos Oficiais a reconheceram como governante de Todas as Rússias. Com isso, Catarina inaugurava uma nova página na história do país, criando um precedente para que outras mulheres, no curso do tempo, assumissem sua posição e

dessem continuidade às reformas de Pedro I na modernização do vasto Império Russo.

Nascida Marta Skavronskaya, provavelmente em 15 de abril de 1684, Catarina, que era filha de pais camponeses de nacionalidade lituana, tornou-se órfã muito cedo e foi criada sob os cuidados de parentes. Viúva e trabalhando como lavadeira para sobreviver, chamou a atenção do imperador em 1705 na casa do conde Alexandre Menchikov. Em pouco tempo tornaram-se amantes e ela converteu-se à fé ortodoxa, mudando de nome para Catarina. Permaneceram numa relação de concubinato até o ano de 1712, quando Pedro a tomou por esposa, legitimando em seguida as duas filhas que com ela tivera, Anna e Elizabete. O fato de ter sido nomeada corregente pelo seu marido nos induz a observar o alto grau de confiança que Pedro depositava em sua esposa. Catarina sabia muito de seus projetos e, aos poucos, foi familiarizando-se com a burocracia estatal. Durante os 16 meses em que reinou depois da morte de Pedro, ela demonstrou muita prudência, dando continuidade a algumas das reformas do czar, embora o poder de fato ficasse nas mãos do seu antigo amante, o conde Menchikov. Ela faleceu aos 43 anos de idade, em 1727, deixando o trono para Pedro II, o neto de Pedro I.

Anna I da Rússia

O reinado de Pedro II teve uma duração tão curta quanto o de sua antecessora. De saúde debilitada, tinha apenas 12 anos quando ascendeu ao trono, falecendo menos de dois anos depois, em janeiro de 1730. Sua morte, porém, colocou fim à linhagem masculina direta dos Romanov, desencadeando uma crise dinástica que se estenderia até o final do século. Foi sucedido por sua prima Anna, filha do czar Ivan V, irmão de Pedro I. Embora nascida no seio da realeza (em 7 de fevereiro de 1693), recebeu uma educação bastante modesta para uma grã-duquesa. Ela sabia escrever em francês e alemão, mas nunca avançou além dos rudimentos da literatura. Quando seu primo, Pedro II, morreu sem nomear um sucessor, o Conselho Privado tinha nas mãos a difícil tarefa de escolher um governante para o país. As duas candidatas mais próximas da coroa que se encontravam disponíveis eram Anna e Elizabete, a filha de Pedro I, o Grande. Optando por Anna, os conselheiros acreditavam poder facilmente controlá-la. Situação essa que não durou muito tempo, pois em 8 de março um golpe de

Estado encabeçado pelos amigos de Anna destituiu os membros do Conselho Privado e os poderes da imperatriz foram restaurados.

O início do governo de Anna I foi marcado por medidas autoritárias, que visavam castigar todos aqueles que demonstrassem ser contrários a ela. Alguns historiadores costumam enxergar o reinado dela como um período dominado pela política dos alemães da região do Báltico. Outros pesquisadores, porém, defendem a ideia de que personalidades como Byron, Osterman e outros, ocupando altos cargos na corte, lutaram para convencer a imperatriz a demonstrar maior inclinação pelo seu povo. De todas as czarinas do século XVIII, Anna era a única que tinha puro sangue russo. Apesar de sua impopularidade, ela fez o máximo possível para dar continuidade às políticas interna e externa do seu tio, Pedro I, e criou novos regimentos militares em que pudesse confiar. Em 1736, entrou em guerra com o Império Otomano, marcando assim o início de uma série de disputas que só terminariam no reinado de Catarina II, a Grande, com a vitória da Rússia.

Elizabete I da Rússia

Cansada de ver seu país governado pelos ministros estrangeiros, Elizabete resolveu agir. À meia-noite do dia 25 de novembro de 1741, ela partiu para o quartel da Guarda Preobrajensky. Lá chegando, falou: "Vocês sabem de quem eu sou filha. Sigam-me!". Rumando para o Palácio de Inverno, e, sem qualquer resistência da guarda, Elizabete caminhou até o quarto de Anna para informá-la de que o reinado de seu filho, Ivan VI, havia chegado ao fim. Um de seus primeiros atos como imperatriz foi espalhar promoções, títulos de nobreza e outras recompensas para aqueles que a haviam ajudado a chegar ao trono. Contudo, seu principal problema precisava ser resolvido com urgência: escolher um sucessor. Como nunca se casara ou tivesse conseguido engravidar de algum de seus múltiplos amantes, Elizabete nomeou o filho de sua irmã, Anna, como herdeiro. A criança, de 14 anos, tinha sido batizada em homenagem ao avô, Pedro, e era duque de Holstein. O jovem teve uma infância muito conturbada pela rígida educação luterana que recebeu de seus tutores, de modo que passou a nutrir uma aversão pela ortodoxia e por tudo o que era russo. Como era seu parente mais próximo e filho da irmã, de quem tanto gostava, Elizabete viu-se forçada a aceitá-lo como herdeiro. Tornou-se imprescindível, então, casá-lo com alguma

princesa na expectativa de que a linhagem dos Romanov voltasse a se ramificar.

Entre tantas princesas europeias nascidas em berço esplêndido, a escolha de Elizabete I recaiu sobre Sofia Frederica Augusta de Anhalt-Zerbst, de um principado alemão de importância menor. Após converter-se à fé ortodoxa, ela recebeu o nome de Catarina. A história lembrar-se-ia dela como "a Grande". A visão da czarina causou grande impacto na jovem, como recordou ela anos depois nas suas *Memórias*. Alta, robusta, loira e de intensos olhos azuis, Elizabete passou para Catarina uma imagem de poder e soberania.

Catarina II, a Grande, da Rússia

O reinado do czar Pedro III, porém, estava destinado a ter vida curta. Não era um monarca querido nem pelo corpo de ministros nem pelo povo, que nunca fez questão de conquistar. Suas políticas teriam levado a Rússia a tornar-se um Estado satélite da Prússia não fosse a realização de outro golpe de Estado, protagonizado por ninguém menos que sua esposa, Catarina. Ela não era uma Romanov de sangue, mas possuía todo o carisma e inteligência que faltavam a seu marido. Tendo consumido vorazmente as obras de escritores iluministas, o que lhe valeu posteriormente o título de "déspota esclarecida", e observado de perto a postura de Elizabete I como monarca, Catarina, apoiada pela Guarda Preobrajensky e pelos irmãos Orlof, tomou a coroa das mãos de seu marido. Em detrimento de seu filho Paulo, que teve com Pedro, foi proclamada Imperatriz de Todas as Rússias. Algumas teorias baseadas em declarações da própria Catarina afirmam que a criança não era filha do czar deposto, mas de um dos amantes da imperatriz, Sergei Saltykov. Sendo verdade, a linhagem de sangue dos Romanov encerrou-se com a morte de Pedro III, assassinado em 17 de julho de 1762 pelas mãos dos irmãos Orlof. O envolvimento de Catarina nesse atentado até hoje não foi esclarecido ou comprovado, embora muitos de seus contemporâneos, como a imperatriz Maria Teresa da Áustria, a acusassem de regicídio.

O governo de Catarina II pode ser considerado um dos mais prósperos não só da história da Rússia, como também de toda a Europa. Como disse um dos seus principais biógrafos, Robert K. Massie, "foi uma figura majestática na era da monarquia. (...) Na história da Rússia, ela e Pedro, o Grande, se destacaram pela capacidade e pelas realizações, em comparação

com os outros 14 czares e imperatrizes nos trezentos anos da dinastia Romanov". Catarina II enxergava a si própria como a legítima herdeira do legado de Pedro I, dando prosseguimento ao processo de ocidentalização do país. Ela importou para o império a filosofia moral, política e jurídica da Europa, sua literatura, arte e arquitetura, suas instituições de ensino e a medicina.

Nunca gostou de títulos extravagantes, nem mesmo o de "a Grande", que começaram a lhe atribuir ainda em vida. "Meu nome é Catarina II", disse em resposta à nomenclatura. Após sua morte, porém, os russos passaram a se referir a ela apenas como "Catarina, a Grande", em reconhecimento aos 34 anos em que se dedicou ao país. Com ela, o século das czarinas chegou ao fim. Uma mudança na lei de sucessão, feita por seu filho Paulo I, restabeleceu o princípio da primogenitura masculina, pondo fim aos sucessivos golpes de Estado que haviam alçado ao poder essas quatro mulheres, que contribuíram para disseminar a potencialidade do governo feminino em todas as partes do mundo.

Anexo 1

Por que a Rússia vendeu o Alasca para os Estados Unidos

América Russa foi o nome das possessões coloniais na América do Norte de 1709 a 1867. Sua capital era Novo-Arkhangelsk, que agora se chama Sitka. A incorporação formal dos domínios pela Rússia ocorreu até o ukás (decreto) de 1709, que estabeleceu um monopólio para a Companhia Russo-americana e ainda concedeu à Igreja Ortodoxa Russa certos direitos sobre as

novas colônias. Em 1784, com o incentivo da imperatriz Catarina II, a Grande, o explorador Grigory Chelikhov fundou o primeiro assentamento permanente da Rússia no Alasca.

A razão pela qual os russos não descobriram a América antes de 1492 foi que a expansão para o Leste do Império, até meados de 1600, ainda não havia chegado à costa do Pacífico. Em 1728, Bering adiantou a informação de que o território russo não estava conectado à suposta terra oriental. A expansão para o Leste começou em 1552. Em 1639, exploradores russos chegaram ao Oceano Pacífico. Em 1725, o imperador Pedro, o Grande, ordenou ao navegador Vitius Bering (dinamarquês a serviço da Rússia) que explorasse o Pacífico Norte para uma potencial colonização. A primeira viagem de Bering foi frustrada pela densa névoa e por grossas camadas de gelo, mas em 1741 uma segunda expedição de Bering e Alexei Chirikov vislumbrou o continente norte-americano do outro lado do futuro Estreito de Bering.

Em 1867, o território do Alasca foi comprado pelos Estados Unidos por 7,2 milhões de dólares. Apenas nos 50 primeiros anos de possessão, os EUA extraíram riquezas cem vezes superiores ao valor de compra. O que teria levado os czares a desperdiçar as grandes vantagens locais? Uma petição publicada no site da Casa Branca sobre uma possível anexação do Alasca pela Rússia reuniu 35.000 assinaturas. Muitos ainda acreditam que os EUA tomaram a região dos russos, mas, ao contrário dos mitos, o negócio foi justo e ambos os lados tinham sólidas razões para fazê-lo. No século XIX, o Alasca já era um centro de comércio internacional. Na capital Novo-Arkhangelsk eram negociados tecidos chineses, chá e até mesmo gelo usado no Sul dos Estados Unidos antes da invenção da geladeira. Navios e fábricas pontuavam a paisagem, e extraía-se carvão e ouro. Vender algo assim parecia loucura.

Os comerciantes russos eram atraídos ao Alasca por presas de morsa e preciosas peles de lontras, obtidas por meio de compras junto aos nativos. Essas atividades estavam concentradas nas mãos da Companhia Russo-Americana (CRA), um grupo de negociantes russos do século XVIII que possuía bandeira e moeda próprias. Os privilégios haviam sido concedidos à companhia pelo governo czarista, que não só cobrava altos impostos, mas seus membros figuravam entre os acionistas da CRA. O comerciante Alexandre Baranov ficava no comando dos assentamentos russos. Lá, ele

construiu escolas e fábricas e ensinou os nativos a plantar nabo e batata. Com Baranov, a CRA gerava uma receita expressiva, mas quando se aposentou, o capitão-tenente Gagermeister ocupou o seu lugar trazendo uma nova equipe de funcionários e acionistas oriundos de círculos militares. Desde então, por um decreto oficial, o governante só poderia levar oficiais da marinha. Assim, os militares da marinha se apropriaram do negócio rentável, mas foram justamente suas ações que levaram a empresa ao colapso.

Ganância e guerra

Os novos funcionários foram nomeados com salários astronômicos. Oficiais subalternos recebiam 1.500 rublos por ano (comparáveis aos salários de ministros e senadores), e o chefe da companhia, 150.000 rublos. Por outro lado, os preços das peles compradas à população local foram reduzidos pela metade. Ao longo dos 20 anos seguintes, os esquimós e os aleutas quase exterminaram as lontras, privando o Alasca do seu recurso mais lucrativo. Os nativos aleutas[15] caíram na miséria e iniciaram revoltas, que foram reprimidas por bombardeios costeiros de navios de guerra russos. Enquanto isso, os oficiais tentavam encontrar outras fontes de renda. O comércio de gelo e chá foi uma das alternativas assumidas, porém, os comerciantes não conseguiram organizar o negócio de maneira sensata. A CRA acabou sendo transferida para o orçamento federal e recebia 200 mil rublos por ano. Mas nem isso foi suficiente para salvá-la.

Nesse mesmo período, teve início a Guerra da Crimeia, na qual a Rússia combateu as forças da Inglaterra, França e Turquia. Logo, ficou claro que o Império Russo não seria capaz de manter ou defender o Alasca, já que as rotas marítimas eram controladas por embarcações inglesas. Até mesmo a perspectiva de mineração de ouro entrou em declínio. Apesar da tensão entre Moscou e Londres ter crescido, as relações com as autoridades dos EUA eram cordiais. Durante a Guerra da Secessão, o Império Russo apoiou o governo dos EUA. Uma esquadra russa foi enviada às costas norte-americanas para apoiar o Norte, unionista, contra o Sul, secessionista. Havia um receio que a Grã-Bretanha tentasse ocupar o Alasca para juntá-lo ao Canadá inglês. A ideia de vender o território surgiu quase simultaneamente em ambos os lados. O barão Edouard de Stoeckl, enviado da Rússia a Washington, iniciou as negociações, em nome do czar, com o secretário de

Estado dos EUA, William Seward.

Enquanto as autoridades russas e norte-americanas procuravam entrar em acordo, a opinião pública se opunha ao negócio. "Como nós entregaremos terras em que foram depositados tantos esforços e tempo em prol do desenvolvimento, onde foram abertas minas de ouro e linhas telegráficas?", escreviam os jornais russos. A indignação não era diferente no outro lado do Atlântico. "Para que precisamos dessa caixa de gelo e de 50.000 esquimós selvagens que bebem óleo de peixe no café da manhã?", criticava a imprensa dos EUA, com apoio do Senado e do Congresso.

No dia 30 de março de 1867, foi assinado em Washington o tratado de venda de 1,5 milhão de hectares russos aos EUA por 7,2 milhões de dólares, uma quantia considerada "simbólica" face à situação. A transferência oficial da terra ocorreu em 1867 na cidade de Nova-Arkhangelsk. Tropas dos Estados Unidos e da Rússia alinharam-se diante do mastro, no qual a bandeira russa começou a ser arriada depois de uma salva de canhões. Os norte-americanos renomearam a cidade de Nova-Arkhangelsk, passando a chamá-la de Sitka. Várias centenas de russos, que optaram por não se tornar cidadãos dos EUA, deixaram o Alasca, forçados a evacuar a bordo de navios mercantes, chegando em casa somente no ano seguinte. Não demorou muito para a "caixa de gelo" ser tomada pela Corrida do Ouro, trazendo uma grande prosperidade à região agora território dos Estados Unidos.

Anexo 2

As grafias dos nomes próprios

Para esta edição, busquei contar um pouco dessa história utilizando uma grafia racional. Alguns nomes, que são consagrados apenas pelo uso da grafia antiga, escrevi Chuvalov, em vez de Chuvaloff, pois é mais "moderno". Da mesma forma, escolhi Moscou para a cidade e Moskva para o rio. Tentei reproduzir a grafia das palavras russas, mas não sua pronúncia, que é ainda mais complicada. O patronímio de Pedro é Alexeievich (filho de Alexei), e o de Elizabete é Petrovna (filha de Pedro). A palavra czar não é russa, deriva de César, ditador romano, e que, além disso, deveria ser pronunciada "c"zar, palavra russa com seus derivados czarina, czarevich.

Por que alguns sobrenomes russos terminam em "off", como Smirnoff, Davidoff, Rachmaninoff? Por que todos têm uma grafia diferente dos atuais Ivanov e Andropov? Para entendê-lo, é necessário cavar fundo na história. Existem diferentes tipos de sobrenomes na Rússia: alguns terminam em "in" (como em Putin), enquanto outros findam em "sky" (como em Tchaikovsky). Mas a grafia mais comum é "ov" (como em Tchekhov). Historicamente, os sobrenomes na Rússia aparecem como uma atribuição a um pai: seu nome, seu trabalho ou um apelido. Por exemplo, "Ivanov" significa "filho de Ivan". Outro sobrenome popular, "Kuznetsov", originalmente significava "filho de um ferreiro". Para as mulheres, adicione um "a" no final (ou substitua o "i" por "aia", no caso de substantivos com final "sky"). Então, Ivanova era originalmente filha de um Ivan. Hoje, o nome do pai ainda é atribuído, mas através de sobrenomes modernos. "Vladimir Vladimirovich" significa "Vladimir, filho de Vladimir", enquanto o sobrenome se refere à linhagem familiar.

Historicamente, tendo a língua de Molière sido difundida no Império Russo, quando se tratava de transcrever nomes russos para o alfabeto latino, preferia-se a transliteração fonética francesa. Nobres russos que viajaram para o exterior ou se comunicavam com estrangeiros no século XIX, portanto, adaptaram seus sobrenomes soletrando-os com o final "off". Por exemplo, o fundador da empresa de charutos Davidoff era um judeu de

ascendência russa que deixou o país em 1906. Naquela época, a Rússia ainda era um Estado imperial e, portanto, esse cavalheiro soletrou seu sobrenome à francesa.

Depois que os bolcheviques tomaram o poder, em 1917, mais de um milhão de nobres e intelectuais russos emigraram do país. O novo Estado soviético os perseguiu, nacionalizou suas propriedades, os prendeu e matou muitos deles durante a Guerra Civil entre 1917 e 1923, finalmente vencida pelos bolcheviques. Esses "emigrantes brancos" partiram para a Europa, e alguns, para os Estados Unidos e mesmo se instalaram na América Latina. A grande maioria se estabeleceu na França, Alemanha, Sérvia, e se acostumou ao estilo francês de transliteração. Eles, de fato, receberam novos passaportes com seus nomes escritos com "off" no final.

Esses novos sobrenomes não tinham forma feminina e obedeciam às regras da língua local. Assim, o compositor russo Sergei Rachmaninov, que emigrou para os Estados Unidos em 1918, tornou-se Sergei Rachmaninoff nos países de língua francesa. Smirnoff é o nome da famosa vodca criada pelo emigrante Vladimir Smirnoff. No entanto, foi originalmente a marca russa Smirnov que foi fundada pelo pai de Vladimir, Pavel Smirnov. Os bolcheviques nacionalizaram suas fábricas e, quando Vladimir Smirnoff deixou a Rússia, estabeleceu uma nova empresa com um sobrenome recém-escrito. Assim, se você conhecer alguém cujo sobrenome termina em "off" na Europa, isso significa que ele ou ela é descendente de russos brancos emigrados. Em contraste, os russos emigrados nos tempos atuais têm sobrenomes que são sempre grafados com "ov".

O calendário

As autoridades do Império Russo não aceitaram a reforma gregoriana que introduziu um novo calendário e decidiram permanecer com o calendário juliano[16]. Então existia uma diferença de alguns dias, para menos, na definição das datas, sendo necessário, para estabelecê-las, indicar se o evento ocorreu antes ou depois da mudança. No século XVIII, o ano russo era defasado em 11 dias; no século XIX, a diferença passou a ser de 12 dias.

Anexo 3

Sobre as fontes históricas

que orientam este livro

Crônica dos tempos passados é a mais antiga narrativa eslava oriental que chegou até nós. Obra composta, compilada por volta de 1111 por um monge, Nestor, e continuada por seus seguidores da Lavra das Cavernas de Kiev, ela traça a história da Rus' de Kiev de 858 (conversão dos búlgaros após sua derrota nas mãos do Basileu Mikhail III) a 1113. A crônica consiste em duas partes: uma primeira, que serve de introdução, traça desde as origens bíblicas a história da Rus' e dos eslavos orientais antes de se concentrar na fundação de Kiev e no surgimento da Rus'. Os capítulos seguintes relatam, em forma cronológica, os reinados dos primeiros doze governantes da Rus' até 1113.

Há muito que se pensava que essa crônica, que chegou até nós na íntegra na forma de cópias, a mais antiga das quais data de 1371, era obra de um monge chamado Nestor (nascido por volta de 1056 e falecido em torno de 1114), de onde seu outro nome de *Crônica* ou *Manuscrito de Nestor*. Este escrito não chegou até nós. Foi mais tarde percebido que o monge tinha apenas compilado ou completado, provavelmente entre 1111 e 1118, uma crônica mais antiga, a *Compilação inicial,* provavelmente datando de 1095. Constitui um relato da história da Rus' de 858 e a chegada, em 859, dos varegues, que vinham cobrar tributo aos eslavos, meryas e kriviches. É baseado em várias fontes, como as crônicas eslavas (agora perdidas), os *Anais* de Ivan Malalas e Yuri Hamartolus, inúmeras lendas e sagas escandinavas, textos religiosos gregos, tratados russo-bizantinos e relatos militares de Ivan Vichatich e outros generais.

A Crônica de Nestor foi escrita a partir de muitas fontes orais e escritas: livros bíblicos, escritos históricos bizantinos, litúrgicos, apologéticos e hagiográficos, bem como homilias, tratados de comércio e paz, relatos eslavos sobre Cirilo e Metódio, textos eslavos também de origem monástica em, Boris e Gleb, documentos relativos ao cristianismo como religião oficial, escritos eclesiásticos sobre a transferência de relíquias, notas sobre o tributo devido por clãs locais, documentos de famílias principescas sobre campanhas militares e suas façanhas. A crônica também contém material

transmitido oralmente, em particular por Ivan Vysatis: "Ouvi vários relatos dele que inseri nesta crônica".

Em 1116, o texto de Nestor foi profundamente revisado por Igumen Silvestre, abade do mosteiro de São Mikhail em Kiev, que acrescentou seu nome no final do documento. Essa segunda edição é conhecida como *Crônica de Laurentie*. Dois anos depois, uma terceira edição apareceu, dessa vez enfocando a pessoa do filho e herdeiro de Vladimir Monomaque (patrono da aldeia de Vidubychi onde aquele mosteiro estava localizado), Mstislav, o Grande. O autor dessa revisão pode ter sido grego, pois essa versão enriquecida contém muitos elementos relacionados aos assuntos bizantinos.

Essa terceira edição é conhecida por *Crônica de Ipatiev, e* incorpora três crônicas: a *Crônica de tempos passados*, a *Crônica de Kiev* e a *Crônica da Galícia-Volyn*, em homenagem ao mosteiro Ipatiev, onde foi encontrado e datado do século XV. Ele foi escrito no território que é hoje a Ucrânia e incorpora muitas das informações encontradas nas crônicas de Kiev dos séculos XII e XIII.

A língua usada é uma variante oriental do antigo eslavo, compreendendo eslavismos orientais particulares. Ele traça a linhagem de Kiev por meio dos príncipes russos. O texto a traça através dos príncipes do principado da Galícia. Foi encontrada em Kiev em 1620 e uma cópia foi produzida para o príncipe Kostiantin Ostrojski, encontrada na Rússia no século XVIII no Mosteiro de Kostroma pelo historiador Nikolai Karamzin:

> *"Durante os anos 860 a 862, os varegues ainda cruzavam o mar; desta vez, os povos que eles subjugaram recusaram-se a pagar-lhes tributo e queriam governar-se; mas não havia sombra de justiça entre eles: uma família levantou-se contra a outra e esse desacordo ocasionou brigas frequentes. Eles se separaram, tanto que finalmente disseram um ao outro: 'Procuremos um príncipe que nos governe e nos fale segundo a justiça'. Para encontrá-lo, os eslavos cruzaram o mar e foram aos varegues, que eram chamados de varangianos-russos, como outros são chamados de varangianos-suecos, normandos-franceses, ingleses e outros godos*".

O ano de 882 marcou a unificação da Rus' sob a liderança de Oleg, facilitada pela cristianização do país na segunda parte do século X sob Vladimir I, que a fez religião do Estado. Após sua morte, em 1015, uma guerra civil eclodiu entre seus filhos, durante a qual Sviatoslav matou seus

irmãos mais novos, Boris e Gleb. Outro irmão, Yaroslav, vingou esse duplo assassinato e se tornou o único líder.

Em seguida, o autor descreve como o sangue fluiu durante o reinado de Yaroslav e como o território declinou a partir de então, um relato em que se sente o transtorno emocional que isso causa no cronista. A paz e a tranquilidade só retornaram com o grande príncipe Vladimir Monomaque de Kiev. A partir de 1051, seguimos cada vez mais, em paralelo com os acontecimentos políticos, os destinos do mosteiro de Kiev de Vydubych, cujo abade Silvestre foi o autor e cujas notas encerram a crônica com a morte de Sviatopolk em 1113 e a entrada de Vladimir em Kiev.

As crônicas originais, bem como muitas cópias, foram perdidas quando a Horda de Ouro invadiu a terra russa. Cerca de 2.000 cópias sobreviveram à destruição causada pela invasão dos mongóis. A cópia mais antiga que temos foi escrita mais de 260 anos depois do texto original. Cinco versões que atestam o conteúdo do arquétipo são consideradas "testemunhas principais".

A versão moderna se baseia em dois manuscritos, *Crônica de Ipatiev* e a *Crônica de Laurentie*, e foi intitulada primitivamente *Crônica Primeira Novgorod*, escrita por três cronistas entre os séculos XIII e XIV e compilada pelo monge Lawrence de Nijhny-Novgorod para o príncipe Dmitri Konstantinovich em 1377. Este manuscrito foi adquirido pelo conde Moussine-Pouchkine em 1792 e posteriormente apresentado à Biblioteca Nacional da Rússia em São Petersburgo.

Origem e problemas

Seria errado buscar nessas obras uma lista precisa e exaustiva de acontecimentos. É óbvio que o objetivo não era relatar fatos, mas principalmente incutir em seus leitores importantes lições de acordo com a visão de identidade nacional. Assim, a ideia de um território de origem eslava no Médio Danúbio foi certamente sugerida pela leitura de textos sobre a missão dos santos Cirilo e Metódio e quiseram conectar a Rus' à região onde os eslavos haviam sido cristianizados. No entanto, e apesar de muitas interrupções por mudanças ou pelos vários autores que se sucederam, existe uma unidade de concepção baseada na especificidade e na sagrada missão do povo. Ao mesmo tempo, vários fatores de unidade política podem ser distinguidos: unidade de linguagem, unidade de dinastia

e unidade de religião.

O governo ideal é baseado na antiguidade, não de acordo com a transmissão do pai para o filho mais velho, mas de acordo com a transmissão do irmão mais velho para os irmãos mais novos, que tomam o poder sucessivamente até a extinção da linha e onde os mais novos se empoderam.

As diferentes versões mantidas apresentam diferenças notáveis entre si, algumas não são simplesmente textuais, mas traem o desejo do escritor de legitimar certos interesses nacionais. Assim, a lenda que descreve a jornada de Santo André às colônias gregas ao redor do Mar Negro e sua jornada pela Rus' serve para justificar as reivindicações da Rússia como protetora do cristianismo ortodoxo.

Valor histórico

Não é surpreendente que a confiabilidade das informações fornecidas pela *Crônica de Nestor* seja maior nos anos próximos à sua redação. Isso é especialmente compreendido nos anos de 1060 a 1116. Nos anos anteriores, imprecisões e erros se acumulam. O primeiro ataque a Constantinopla data de 866 em vez de 860 e a chegada dos varegues teria ocorrido em 862 enquanto a data de 856 é mais provável. Para esse período, muitos são os fatos que não se relacionam com a história, enquanto outros parecem muito reais, entre outras coisas porque podem ser comparados a listas de tributos; este também é o caso com a transposição literal dos tratados entre os príncipes de Kiev e o imperador bizantino. A crônica parece confiável nas informações que contém sobre as lendas e mitos que cercam a consciência dos governantes do principado de sua própria identidade.

Desde a sua primeira redação, a *Crônica dos tempos passados* teve uma função de poder legitimador que levou à alteração dos textos. Posteriormente, as diferenças entre os manuscritos originais levaram à formação de duas escolas historiográficas que, de 1749 até hoje, se chocam pela formação das identidades nacionais russa, bielorrussa e ucraniana.

Eles se intensificaram no século XVIII, quando foi assumido que os russos tinham vindo da Suécia. Após a guerra entre o czar Pedro I e o rei sueco Carlos XII, patriotas russos recusaram essa tese; segundo eles, o nascimento da Rússia foi um fenômeno puramente indígena que nada deveu à Suécia. Daí o nascimento das teses normandas ou escandinavas (vikings) e

antinormandas ou eslavas. Avançada por estudiosos alemães do século XVIII e retomada por alguns historiadores russos do século XIX, a tese normanista argumenta:

> *O Estado de Kiev foi fundado por varegues, que teriam dado seu nome ao país onde se estabeleceram durante a grande migração dos vikings; A palavra "Rous" vem da palavra ruotsi; Riourik (Roerek), Oleg (Helgi), Igor (Ingvar), fundadores do Estado russo, têm nomes escandinavos; os termos escandinavos inseridos na língua russa são termos de administração principesca: grade (guarda-costas), tiun (mordomo), iabetnik (agente).*

Já os antinormanistas, cuja influência foi predominante durante o período soviético na Rússia, argumentam que:

> *A palavra "Rus" vem do nome do Rio Ros; um Estado eslavo cedo aparece a partir do século VI e que já estava estabelecido com a chegada de varegues; os varegues foram uma elite militar relativamente pequena, dominando a massa do povo composta de eslavos; relativamente poucas palavras escandinavas entraram na língua russa; os escandinavos rapidamente assimilaram os eslavos.*

Essa polêmica continua dividindo especialistas tanto nos países envolvidos quanto internacionalmente. As pesquisas dos últimos anos, no entanto, tendem a conciliar as duas teses. Antes da chegada dos varegues, havia uma vida política nas comunidades eslavas centrada nas cidades principescas de Kiev, Staraia Ladoga e Novgorod. A chegada dos varegues permitiu o desenvolvimento da vida econômica, entre outras coisas, graças ao conhecimento marítimo e ao valor militar desses que garantiram o bom andamento do comércio no Dnieper, e o desenvolvimento de ligações entre o Estado de Kiev e Bizâncio.

Para uma lista exaustiva de crônicas russas, consultar a Coleção Completa de Crônicas Russas.

As referências históricas que foram utilizadas neste livro foram retiradas de *La cronique de Nestor*, traduzido para o francês da Edição Imperial de Petersburgo (Manuscrito de Königsberg), de Louis Paris, Paris, Heidelhof, 1834.

Bibliografia

Acervos da Biblioteca Universitária
de Strasbourg e de minha biblioteca pessoal

Chronique de Nestor, ou *Chronique des Temps Anciens*, de Nestor de la Laura des Grottes de Kiev.

A crônica de Nestor, de acordo com o Manuscrito de Königsberg, vol. E, cap. II sobre "Rurik", p. 19-20.

Histoire de la Russie. Alfred Rambaud, Paris, 1913, Librairie Hachette et Cie.

La Russie médiévale, Paris, Jean-Pierre Arrignon – Les Belles Lettres coll. Guide Belles-Lettres des civilisations, 2003, p.242.

Moscou et la naissance d'une nation, Paris, Bartillat, 2010, 345 p., Pierre Lorrain.

Vladimir Le Soleil Rouge, Vladimir Volkoff. Ed. Julliard, Paris 1981.

L'Histoire de la Littérature Russe, depuis ses Origines jusqu'à la fin du XIX siècle, Vladimir Volkoff. Ed. Julliard.

Histoire de l'apogée, déclin et la chute de L'Empire Byzantin, Edward Gibbon – traduzido do inglês por M. F. Guizot, Ed. Robert Lafffont, 1983.

Les traités de Byzance avec la Russie de Kiev au Xè siècle (traité de Constantinople de 907) – Cahiers du monde russe, Irène Sorlin, 1961, volume 2, n.3, p. 313-360.

Le Dit de la campagne d'Igor, 1795. Autor desconhecido.

La Christianisation de la Russie ancienne – 998-1988 – un millénaire. Ed.Unesco – 1988.

Mythes et dieux de l'Scandinavie ancienne. Georges Dumézil Éditions Gallimard, 1987.

Le monde mythologique russe, Éléments de mythologie finno-ougrienne, Les Mordves, de Lise Gruel-Apert, cap. XIV.IV, Ed. Imago, 2014.

Dit de la campagne d'Igor, manuscrito em russo antigo e russo moderno descoberto 1795. Autor desconhecido.

Histoire de la Russie, traduzido do russo por Anne Coldefy-Faucard, de Michel Heller.

Mazon et le Slovo d'Igor, Revue des Études Slaves, n°LXXXII/I,. 2011, p. 55-67, Roger Roudet.

Revue des deux Mondes, *La Russie et les Russes*, Anatole Leroy-Beaulieu, 1878.

La geste du prince Igor. Poema russo do séc. XII, texto traduzido e comentado por Eugène Volski, Montpellier, 2002.

Le Prince Igor. Épopéia controversa do desastre de 1185 na estepe da Ucrânia, com tradução do russo por Iaroslav Lebedynski, P., l'Harmattan (collection Présence Russe) 2001.

La Geste du Prince Igor, traduzido, comentado e apresentado por Christiane Pighetti, La Différence, Paris, 2005.

La Russie médiévale, de Jean-Pierre Arrignon, Paris, Les Belles Lettres, coll. Guide Belles Lettres des civilisations, 2003.

La Russie épique – As canções do ciclo de Vladimir, Revue des Deux Mondes, 3. periodo, tome 4, 1874, p. 41-73.

Œuvres complètes, Vladimir S. Soloviev, Saint-Pétersbourg, 1911-1913.

Les Tatars chrétiens orthodoxes, Agnès Kefeli-Clay. http://www.persee.fr/doc/cmr_1252-6576_1996_n° 37_4_2472.

Le Livre de la genèse des peuples russe et ukrainien, obra coletiva organizada por Nikolaï Kostomarov, 1847, traduzido por G. Luciani, Institut d'études slaves de Paris, Paris, 1956.

Les Cosaques, Une société guerrière entre libertés et pouvoirs – Ukraine – 1490-1790, Iaroslav Lebedynsky, Paris, Civilisations et cultures, 2004.

A Última Dinastia da Rússia – Romanov, Daniel Vilela, Ed. Tudor Brasil, 2021.

Histoire secrète des Mongols, Paris/Moscou – 1900-1930. Exposition organisée par le Ministère de la Culture de l'URSS et le Centre Georges Pompidou, Paris 1979.

Colection Morozov, Art Moderne – Fundaçào Luis Vuiton – apresentada em outubro de 2021/março 2022, Paris.

Le roman des tsars: 400 ans de la dynastie Romanov, Vladimir Fédorovski, Éditions du Rocher, Paris. https://www.publico.pt.

La Russie ancienne, S.F. Platonov, Petrograd, curso completo de história russa, 1917/1920.

Pierre, le Grand: La lutte pour le pouvoir, 1671–1725. Paul Bushkovitch, Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press. p. 377–378. ISBN 978-1-139-43075-3.

La Russie de Pierre le Grand, Lindsey Hughes, Yale University Press, 1998.

https://fr.rbth.com/histoire/peuples-territoire-russie-avant-slaves.

Source News-Letter&utm-medium